



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

SANDRA REGINA DE BARROS DE SOUZA

O ARTISTA E SEU LUGAR:

UMA LEITURA DAS IMAGENS E DAS NARRATIVAS DA MULHER

ARARANGUAENSE NAS ESCULTURAS DE MARTA ROCHA

TUBARÃO

2007

SANDRA REGINA DE BARROS DE SOUZA

**O ARTISTA E SEU LUGAR:
AS IMAGENS E AS NARRATIVAS DA MULHER ARARANGUAENSE NAS
ESCULTURAS DE MARTA ROCHA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador (a): Prof.(a) Dra. Jussara de Bitencourt de Sá

TUBARÃO

2007

SANDRA REGINA DE BARROS DE SOUZA

**O ARTISTA E SEU LUGAR:
AS IMAGENS E AS NARRATIVAS DA MULHER ARARANGUAENSE NAS
ESCULTURAS DE MARTA ROCHA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão-SC, 2007

Professor e orientador Jussara de Bitencourt de Sá, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. José Endoenças Martins, Doutor.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Wilson Schuelter, Doutor.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Mulher

*Antes do homem, a mulher, a mãe,
durante o homem, a mulher, a esposa,
depois do homem, a mulher, a sombra.
Sombra do homem, claridade do homem,
trabalhadora, dura em seus trabalhos,
amorosa, estrelada como o céu
em um ciclo tenaz de ternura,
mulher corajosa das profissões ,
operária das fábricas cruéis,
doutora luminosa junto a criança,
lavadeira das roupas alheias,
escritora que segura
uma pequena pena como espada,
mulher do morto que partiu na mina
sepultado pelo carvão sangrento,
solitária mulher do navegante,
companheira do preso e do soldado,
mulher doce que rega seus rosais,
mulher sagrada que da miséria
multiplica seu pão com pranto e luta,
mulher,
título de ouro em nome da terra,
flor palpitante da primavera
e fermento santo da vida,
chegou a hora da aurora,
a hora das pétalas de pão,
a hora da luz organizada,
a hora de todas as mulheres juntas
defendendo a paz, a terra, o filho.*

(Pablo Neruda)

À saga das mulheres araranguaenses: Sua luta, persistência e amor à arte de viver. Às minhas ancestrais e fundamentalmente a minha mãe, por incluir o desejo do projeto de ser mulher no meu campo de possibilidades. As minhas filhas Helen e Renata por serem elementos unificadores do perfil mais importante da minha vida: ser mãe

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao conjunto de relações mediadoras, constitutivas do meu Ser no mundo, das quais faz parte minha família: pai, mãe, irmãos, ao meu marido Renaldo, aos meus amigos e aos colegas. Agradeço fundamentalmente ao amor das minhas filhas Helen e Renata as quais retotalizam a cada instante meu melhor perfil: ser mãe. A professora Orientadora Dra. Jussara, figura exemplar de mestre, amiga, possibilitadora de conhecimentos e provocadora de inquietações, que me faz buscar a cada dia um comprometimento maior com a condição histórica, dialética e social do homem no mundo. A possibilidade do ser humano de se reconstruir, de fazer sempre algo diferente daquilo que ele fez dele ou permitiu que fizessem com ele. Ao **Amor**, único elemento indissociável da vida e a **Liberdade** de ser mulher.

“A liberdade jamais será algo outorgado, senão algo que deverá sempre se conquistar”.

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo verificar quais vozes sociais do feminino e que aspectos da cultura local são despertados pelas obras da artista araranguense Marta Rocha em narrativas de mulheres da cidade de Araranguá. A opção por elaborar este estudo deu-se durante pesquisas realizadas pelo projeto **Os artistas e seus lugares**, que possibilitou a interação com a artista e suas obras. Procurou-se examinar a constituição dessas narrativas sob a ótica das teorias de gênero, da arte, da história da arte, aspectos teoria da linguagem de Mickail Bakhtin e do existencialismo moderno de Jean Paul Sartre. Objetivou-se demarcar a construção da consciência a cerca do feminino na cultura araranguense a partir dos elementos do imaginário que se construiu na percepção de dois grupos mulheres araranguenses. Os dados levantados foram analisados utilizando-se procedimentos da técnica de grupo e de análise da história oral. Esta apontou como as narrativas produzidas pelas componentes do grupo, instigadas a partir da observação a arte de Marta Rocha, podem traduzir as histórias das mulheres, seus perfis sociais, trazendo consigo as vozes sociais do feminino: avó, mãe, filha, neta, sobrinha, tia, amiga, esposa, namorada; como também o papel profissional e a condição de tempo e do lugar. Na leitura dessas narrativas levou-se em consideração que o ser mulher não faz parte de uma natureza feminina biologicamente falando, mas sim desse útero social chamado cultura, a qual se insere desde o nascimento, o que a leva a experimentar uma naturalização socialmente construída.

Palavras-chave: Arte, Feminino, Vozes Sociais, Consciência.

ABSTRACT

The present study aimed at verifying which feminine social voices and which local cultural aspects arise from Marta Rocha's art in women reporting their impressions in the community of Araranguá, Santa Catarina. This study began during the development of the project **The artists and their places** through which a direct contact with Marta Rocha and her art was possible. The examination of the narratives was carried out under a perspective of genre theories, art, art history, as well as aspects of the theory of language based on Bakhtin and modern existentialism based on Jean Paul Sartre. The objective was to delimitate the feminine consciousness construction about the culture prevailing in Araranguá, starting from elements of the imaginary that was framed in the perception of two local groups of women. Group techniques and oral history analysis were engaged as data analysis procedures. Results indicated that the narratives produced by the researched group of women, after observing Marta Rocha's art, can report their life history and social profiles, revealing feminine social voices such as grandmother, mother, daughter, granddaughter, niece, aunt, friend, wife, girlfriend, as well as their professional role and their conditions regarding time and place. In reading and analyzing the collected narratives, it was taken into consideration that women are not part of the feminine nature in a biological sense, but of the social womb called culture in which they are involved since birth, leading them to experiment a social built atmosphere.

Keywords: Art, Feminine, Social voices, Consciousness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Foto da artista.....	35
Figura 2 – Obras “As marisqueiras”, “As Leitoras”, “As Lavadeiras”	36
Figura 3 – Obra As Lavadeiras.....	59,72
Figura 4 – Obra “As Marisqueiras”	66,77
Figura 5 – Obra “As Leitoras”	69,80
Figura 6 – Vozes do social.....	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Relato grupo A- Obra “As Lavadeiras”	59
Quadro 02 - Relato grupo A - Obra “As Marisqueiras”	66
Quadro 03 - Relato grupo A - Obra “As Leitoras”	69
Quadro 04 - Relato grupo B - Obra “As Lavadeiras”	73
Quadro 05 - Relato grupo B - Obra “As Marisqueiras”	77
Quadro 06 - Relato grupo B - Obra “As Leitoras”	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Comparativo das vozes do feminino nos relatos da obra As Lavadeiras.....	94
Tabela 02- Comparativo das vozes do feminino nos relatos da obra As Marisqueiras.....	97
Tabela 03- Comparativo das vozes do feminino nos relatos da obra As Leitoras.....	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A ARTE.....	20
2.1 REFLEXÕES SOBRE ESCULTURA.....	25
2.2 FUNÇÕES DA ARTE.....	26
2.3 A ARTE COMO CATARSE.....	27
2.4 BAKHTIN E A ARTE.....	30
2.4.1 A arte como representação do real.....	30
2.5 POLIFONIA E DIALOGISMO DA LINGUAGEM ARTÍSTICA.....	33
2.6 A ARTISTA.....	34
2.7 AS OBRAS	36
2.8 O LUGAR: ARARANGUÁ.....	36
3 O FEMININO.....	38
4 TEORIA EXISTENCIALISTA.....	45
4.1 DESENVOLVIMENTOS DA PERSONALIDADE.....	45
4.2 A CONSCIÊNCIA.....	46
4.3 A CONSTITUIÇÃO DO EU.....	49
4.3.1 Os estados.....	49
4.3.2 As ações.....	50
4.3.3 As qualidades.....	50
4.4 TEORIA DE GRUPO.....	51
5 METODOLOGIA	55
5.1 A PESQUISA.....	55
5.1.1 Algumas considerações sobre a pesquisa.....	55
5.1.2 Procedimentos de campo: estudo de caso de grupo.....	55
5.1.3 A técnica.....	57
5.1.3.1 História oral.....	57

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	59
6.1 RELATOS/NARRATIVAS/HISTÓRIAS GRAVADAS E TRANSCRITAS.....	59
7 ANÁLISE DOS DADOS	91
7.1 ANÁLISES DOS RELATOS/NARRATIVAS/HISTÓRIAS A PARTIR DAS IMAGENS DAS ESCULTURAS DE MARTA ROCHA: SOBRE AS VOZES DO FEMININO ARARANGUAENSE.....	91
8 CONCLUSÃO.....	104
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS	109
ANEXO A – Modelo da carta de acesso dos ouvintes.....	110

1 INTRODUÇÃO

No percurso das atividades do projeto de pesquisa “Os artistas e seus lugares”¹, a arte aparece como algo que instiga e também direciona a buscar aporte em teorias científicas para adentrar-se no seu universo.

Ao olhar para os contextos descobertos pelas pesquisas *in loco*, como aluna do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, senti necessidade de percorrer na investigação do fazer artístico, do conhecimento e de sua expressividade. Durante o projeto e as aulas, senti, a partir da leitura de dados recolhidos, o interesse de um maior aprofundamento na linguagem de um artista de minha região. Por ser Psicóloga, percebi também a importância de analisar como e que elementos do artista e sua obra poderiam ser considerados como promovedores de narrativas que desvelariam, entre outros aspectos, os tempos e os lugares.

Dentre os artistas regionais pesquisados, chamou a atenção a maneira peculiar da artista plástica araranguaense, Marta Rocha, na criação de suas obras. Em suas esculturas compostas de restos marinhos, há a representação da mulher em diversos perfis. Marta Rocha representa, utilizando conchas, mariscos, areia da praia e tintas coloridas, imagens de mulheres em diferentes *performances* (curiosas e pensativas), e profissões (leitoras, lavadeiras, marisqueiras, pescadoras, floristas e damas da noite). Elas trazem as representações dos distintos papéis sociais que muitas mulheres desempenham em nossa cultura. Falar sobre mulher nos remete às reflexões de Simone de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como *outro*. (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

A possibilidade de observar a relação entre a arte de Marta Rocha e o espectador, a obra como promovedora/provocadora de narrativas, como representação do imaginário, da

¹. Os artistas e seus lugares” é um projeto de pesquisa, coordenado pela Professora Doutora Jussara Bitencourt de Sá, envolvendo alunos do Mestrado, Especialização e Graduação, da Universidade do Sul de Santa Catarina. Este projeto é desenvolvido a partir da articulação, discussão e reflexão entre o referencial teórico, obtido pela pesquisa bibliográfica, e o do material apreendido, através do mapeamento dos artistas/artesãos dos municípios de abrangência dos *campi* da Unisul, obtido pela pesquisa de campo. O ponto nodal dos estudos acha-se na leitura analítica da representação dos lugares na produção artística/artesanal, focalizando, em especial, as linguagens e estéticas das obras pesquisadas.

realidade, despertou o interesse de desenvolver esta pesquisa. O objetivo geral desta pesquisa é o de verificar como as obras-de-arte de Marta Rocha poderiam provocar narrativas sobre as histórias de mulheres do município de Araranguá. Como objetivos específicos pretenderam-se: apresentar reflexões sobre a arte e o artesanato; discutir, a partir de aspectos da história das mulheres, a edificação do feminino; analisar, tendo como base para a investigação pressupostos de pesquisa da história oral, quais vozes sociais do feminino, a partir das reflexões de Bakhtin e Sartre, estão sendo reveladas nas narrativas colhidas na pesquisa de campo.

Cabe destacar que essa verificação parte da premissa de que os pensamentos ou consciências são representações de ícones da realidade, por isso, esta pesquisa poderá ser importante viés para refletir e contextualizar a arte local promovedora de enredos que trazem consigo representações de vozes culturais. Entende-se que ao estudar um artista local, lançar luzes sobre suas obras, torná-las objeto de estudo, pode-se também contribuir para um novo olhar sobre a valorização do artista local.

Pensando nessa investigação da arte que representa aspectos do cotidiano araranguaense e da análise das narrativas possibilitadas por ela é que se pretende refletir sobre a consciência do feminino na cultura ocidental. Ressalta-se mais uma vez que o interesse em eleger as obras de uma artista plástica araranguaense advém da importância de investigar aspectos da cultura local. Neste caso, em especial, a arte como tentativa de também tentar apreender elementos do contexto cultural e global contemporâneo.

A leitura das vozes sociais evocadas nas narrativas a partir das obras da artista plástica Marta Rocha parece apontar, até mesmo recuperar, aspectos da história, da cultura, da arte, quanto dos papéis da mulher araranguaense a partir do século XIX. Destaca-se que a história das mulheres araranguaenses não é só delas, é também da sua família, do trabalho feminino, da educação vigente, das condições de possibilidades da classe feminina de cada época.

Salienta-se que estudar as representações do imaginário, as representações do feminino sempre podem se tornar algo instigante. Segundo Del Priore (1997, p. 9),

[...] se isso não bastasse, ainda poderíamos nos perguntar: para que serve a história das mulheres? E a história viria simples: para fazê-las existir, viver e ser. E mais, fazer a história das mulheres brasileiras significa apresentar fatos pertinentes, idéias, perspectivas não apenas para especialistas de várias ciências-médicos, psicólogos, antropólogos, sociólogos etc. -, como também para qualquer pessoa que reflita sobre o mundo contemporâneo, ou procure nele interferir. Esta é, afinal, uma das funções da história.

Para Del Priore (1997), o que interessa não é fazer a história das mulheres que apenas conte a saga em heroínas e mártires, isso poderia ser um terrível engano. Importa sim, enfocar a mulher através dos tempos em suas tensões e contradições estabelecidas nas diversas épocas, entre elas e o seu tempo, entre elas e a sociedade em que estavam inseridas.

Tal qual a história das mulheres, a história da arte também enfatiza a complexidade e a diversidade das experiências e das realizações vivenciadas pela humanidade ao longo dos séculos. Descobrimos o véu que cobre sua intimidade, assim como também os comportamentos existentes neste ou naquele contexto, a pesquisa busca apresentar as funções que a arte pode exercer.

A presente pesquisa tem como metodologia norteadora os pressupostos contidos nas pesquisas: bibliográfica, de campo e exploratória. Entende-se, conforme Rauen (2006, p. 178), que “a pesquisa bibliográfica ou de referência consiste na busca de informações no acervo bibliográfico ou referencial da humanidade” e segundo ainda o autor, as pesquisas de campo e exploratórias adentrarão o objeto de estudo, explorando-o em todos os perfis delimitados.

A pesquisa bibliográfica serve de aporte e é apresentada nos capítulos iniciais. Para a pesquisa de campo/exploratória foram reunidas, em dois grupos, 20 mulheres residentes em Araranguá, sendo um grupo do CIARTI², na faixa etária entre 65 a 86 anos e um grupo de mulheres dos diversos bairros da cidade com idade entre 18 a 47 anos. Todas nascidas na cidade de Araranguá, residentes nos diversos bairros deste município. Os encontros aconteceram no consultório de Psicologia com um grupo, e na sala de reuniões do CIARTI com o outro grupo, onde foi aplicada a técnica para a coleta dos dados. Buscou-se investigar como ocorre a construção das consciências do feminino a partir das narrativas suscitadas pelas obras-de-arte apresentadas. Tais consciências se estruturariam, segundo a teoria existencialista, num plano materialista e dialético, ou seja, socialmente construído.

Cabe ressaltar que a descrição de uma corrente psicológica se faz relevante, pois em se tratando de pensamento ou consciência, está se falando de indivíduos, e não há como descrever a linguagem em termos empíricos. Faz-se, então, necessária uma Psicologia que constata por meios científicos a constituição da personalidade, uma psicologia que afirme que “[...] a história é realizada por nós, não exatamente como esperamos ou acreditamos, sendo que o resultado nos faz diferentes daquilo que projetamos”. (MAHEIRIE, 1994, p.117).

² Centro Integrado de Recreações Artísticas da Terceira Idade. Fundado no ano de 1986 com o objetivo de integrar o idoso nas diversas categorias de recreação e de atenção social.

Portanto, segundo a autora, é inviável dizer que singularmente o homem faz a história como lhe convém, assim como afirmar que esse homem não é sujeito de sua própria história. Dizendo que “[...] não é em nenhum refúgio que o homem se descobre, mas sim na rua, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens” (SARTRE apud ROSA, 1996, p. 51).

Esta dissertação é composta por 4 capítulos. No 1º capítulo apresentam-se reflexões teóricas acerca da arte, artefato e linguagem, dando ênfase, dentre as manifestações artísticas, à escultura e às vozes sociais que delas decorrem. Para tal desenvolvimento, busca-se aporte teórico nas reflexões de Alfredo Bosi, Nelly Novaes Coelho e Benedito Nunes, Mikhail Bakhtin, Rosalind Krauss, dentre outros. Ainda neste capítulo, são destacados alguns dados sobre a artista, suas obras e o seu lugar.

Esse pensar sobre a arte evidencia que, segundo Bosi (1986), a arte é um fazer. Este fazer exprime um conjunto de atos pelos quais se transforma a matéria ofertada pela natureza e pela cultura. Bosi considera que “[...] qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística. A arte é uma produção, logo supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência” (BOSI, 1986, p.13). Segundo o autor, ter-se-ia que verificar as leis que regem a história de vida, e a cultura seria responsável pelo discurso interior da arte.

Por se tratarem de esculturas, a artes observadas neste estudo, pode-se afirmar, conforme Krauss (1998), que a escultura é uma arte que representa imagens em relevo total ou parcial. E, veio com a pretensão de representar a realidade, da forma como ela é de maneira artística. Com isso emprega vários materiais como gesso, pedra, madeira aço, ferro, mármore, entre outros resíduos. A escultura é uma técnica de representar objetos e seres, por meio da reprodução de formas. No caso das esculturas de Marta Rocha, elas são representações de seres humanos, utilizando resíduos do mar em sua composição.

O olhar sobre as manifestações artísticas, em especial, as representações de Marta Rocha como representação da vida, permite recorrer a Bakhtin (1986), na medida em que este afirma que as vozes sociais interagem contornando o texto em personagens reais e atuais, trazendo à cena modelos da cultura, da representação da vida. Por exemplo, poder-se-á verificar nas esculturas de Marta Rocha o caráter enunciador de vozes sociais do feminino local.

Conforme Ingo Voese, Bakhtin privilegia duas noções fundamentais para o estudo do discurso: a de polifonia e a de dialogia. Os conceitos falam da multiplicidade de vozes

presentes no discurso e das relações que entre elas se estabelecem obrigatoriamente “[...], cada voz corresponde a um universo polifônico de vozes sociais”. (2005, p. 358-360).

Destacam-se também alguns aspectos sobre a história do município de Araranguá, a partir das informações de Hobold (2005), consideradas relevantes ao conjunto da trajetória desta pesquisa, pois tais informações fazem-se oportunas para um melhor conhecimento do contexto no qual estão inseridas as obras e os sujeitos da pesquisa de campo.

O 2º capítulo aborda considerações que historicizam a trajetória da construção do feminino desde o século dezenove e será descrito a partir das obras de Beauvoir e Del Priori.

Das reflexões de Beauvoir procura-se sublinhar a constituição do feminino como condição cultural, e, sendo assim, social,

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como *outro*. (BEAUVOIR, 1980, p.9).

Conforme Del Priori,

Trata-se de desvendar as intrincadas relações entre a mulher, o grupo e o fato, mostrando como o ser social que ela é, articula-se com o fato social que ela também fabrica e do qual faz parte integrante. As transformações da cultura e as mudanças nas idéias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher. (1997, p.9).

No 3º capítulo reflete-se sobre a constituição da personalidade da psicologia existencialista, buscando em Lapassade e Sartre os fundamentos das consciências das vozes sociais do grupo.

No 4º capítulo, elabora-se a análise das narrativas sobre as histórias das mulheres araranguenses, evocadas a partir das obras ‘As marisqueiras’, ‘As leitoras’, e ‘As lavadeiras’, de Marta Rocha, observando a construção da representação do feminino.

De acordo com Nelly N. Coelho (1976, p 21), a arte é vida, e vida jamais pode ser conceituada definitivamente: cada época, cada pensamento, tem para ela uma resposta. Essa dificuldade, porém, não impede que os homens continuem tentando defini-la, conceituá-la ou compreender mais profundamente sua natureza, ou ainda descobrir qual a verdadeira função que ela exerce na vida humana.

O homem cria a arte como meio de vida, para que o mundo saiba o que pensa,

para divulgar as suas crenças (ou as de outros), para estimular e distrair a si mesmo e aos outros, para explorar novas formas de olhar e interpretar objetos e cenas. A arte pode ser criada para embelezar o mundo, para refletir o imaginário ou suscitá-lo, para espelhar o mundo, para viver o dia-a-dia, para anunciar narrativas ou promovê-las, para representar a história, para ajuda a explorar o mundo, enfim, para viver.

Pretende-se que este estudo se constitua numa obra que possa servir de referência para futuras pesquisas acerca da arte, da arte de Marta Rocha, da mulher na sociedade araranguaense.

2 A ARTE

Na história da humanidade, a arte tem se configurado como uma forma de expressão e de conhecimento humano com presença fundamental e expressiva na dinâmica da cultura humana. Os símbolos e ícones da arte aproximam o homem dos sentimentos e valores originários das culturas da humanidade.

Segundo Benedito Nunes (1989), a palavra arte origina-se do latim *ars*, *artis* correspondendo ao *tekné* grego e se traduz na utilização de meios para obtenção de fins. No decurso da história da cultura humana, a arte vai tomando traços específicos, significando, assim, um agir e um fazer mais cuidadoso, mais primoroso, encharcado de sentimentos e do espírito de fineza. Um fazer da *poiesis*; um criar poético. Um modo de criação, de invenção e de plasmação de formas expressivas eivado de sensibilidade e magia, de paixão e razão. O fazer artístico é uma criação singular originária que estampa os tons do poético, a relação encantatória do ser humano consigo mesmo e com o cosmos.

Langer (1962, p.82) afirma que "A arte [...] pode ser definida como a prática de criar formas perceptíveis expressivas do sentimento humano". Emerge das dimensões mais sinuosas e incomensuráveis da subjetividade humana ao revelar, em suas formas expressivas através da dança, da música, do teatro, da poesia, das artes plásticas e tantas outras, os meandros mais inefáveis dos sentimentos, das paixões, dos sonhos, do imponderável, da percepção intuitiva conjuntamente com a consciência meditativa.

Para Langer,

A arte desnuda os recônditos mais originários da vida. Interpela as camadas mais profundas, sutis e enigmáticas do humano. Com seu espírito de transgressividade as linguagens de arte subvertem os modelos ortodoxos e cristalizados que recalcam e interditam as expressões mais originárias, dionisíacas e afirmadoras da vida em sua abundância e exuberância primordiais (1962, p.97).

De acordo com o autor, a emergência de novos paradigmas ocorrida nas últimas décadas aponta para novas visões e posturas diante da vida e do mundo. Nessa perspectiva, a arte tem sido cada vez mais compreendida como uma forma de conhecimento fundamental nos processos de renovação e de transformação dos valores, da cultura.

A presença da arte se diversifica de acordo com as singularidades de cada momento, com os valores que predominam em cada contexto sócio-cultural. Como, por

exemplo, Harvey (2003) afirma que no Renascimento³ a arte foi muito realçada na cultura ocidental com a pujança da pintura, da escultura, da literatura e outros. O Renascimento possibilitou o humanismo naquela época.

Com o advento da modernidade caracterizado pela supremacia do conhecimento científico, que descamba no cientificismo e da racionalidade técnica as posturas de cunho mais pragmático e utilitário, mais funcional e produtivo passam a imperar. Segundo David Harvey (2003)⁴ a arte passa a ser secundarizada. A lógica mecanicista estruturada no pensamento linear e unidimensionalizante desembocam, em grande medida, no desencantamento da vida e do mundo.

Assim sendo, a história da humanidade vem mostrar que existem diversos modos e formas de conhecimento na esfera da cultura humana que podem ser articulados de várias maneiras, como por exemplo: o senso comum, a ciência, a filosofia, a religião e o mito, a arte. Cada forma de conhecimento possui características próprias apresentando, assim, sua relevância peculiar na busca de compreensão e de sentidos para a pluridimensionalidade da existência humana.

O conhecimento científico, que tanta influência exerce sobre nossa cultura chegando a ser predominante em seu arcabouço convencional funda-se na racionalidade analítica e na objetividade com seus traços mais lógico-formais e sistemáticos e demanda comprovação empírica para que a verdade seja estabelecida. A ciência apresenta características mais voltadas para a esfera da quantitatividade. O conhecimento artístico, a arte, apresenta características bem diversas do conhecimento científico, atendo-se mais ao âmbito da subjetividade.

Neste sentido, a arte caracteriza-se pela presença imprescindível dos sentimentos, emoções e desejos viscerais; pela manifestação da intuição, daquilo que vem de dentro, do mais profundo do ser; pela expressão da imaginação criativa adubada pela fantasia, pelo sonho, pelo imaginário mitopoético; pela espiritualidade ao penetrar nos desvãos da alma e do sopro sutil que anima o ser; pela consciência compreensiva em que uma razão alargada conduz a compreensões mais abertas, crítico-criadoras e transversais. Campos (1992, p.29)

³ No Renascimento, o humanismo ou antropocentrismo como é chamado com frequência, colocou a pessoa humana no centro das reflexões. Época em que despertou a valorização do ser humano, resultou na criação de muitas telas, esculturas que valorizavam a forma humana ou na retratação de formas do nu. Destacam-se, nesse período, o *David* e *La Pieta* de Michelangelo; a *Monalisa*, de Da Vinci, dentre outros.

⁴ Harvey, David. (2003) A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens das mudanças culturais. Na análise do modernismo vai destacar o aspecto estético desse movimento, visando compreender o processo cultural inserido no modernismo e mais destacadamente no pós-modernismo.

comenta que "A arte fala de uma relação mais originária entre o homem e o mundo, quando o imaginário, o real, o olhar e o desejo surgem conjuntamente".

Pode-se afirmar que essas concepções advêm do cuidado com os valores humanos, com a subjetividade humana, na procura da religação entre mente e corpo, pensamento e sentimento, subjetividade e objetividade. Tal fato sinalizaria a busca de uma relação coexistencial entre ética e estética. A arte, com seus traços e emblemas singulares é portadora de relevância imensurável dentro dessa nova visão.

De acordo com Langer,

Despontando do fulcro da existência humana, a arte consubstancia-se como experiência viva e direta onde cada indivíduo, nos processos de criação e de contemplação, experimenta com intensidade através de seus sentidos, de sua corporeidade e de sua reflexividade a expressão artística. A arte é um conhecimento marcado pela práxis que agrega, em seus modos de expressão, a idéia/pensamento e a prática/vivência. (1962, p.98).

Em suas especificidades, a arte pode ser vista ou percebida pelo homem de três maneiras: visualizadas, ouvidas ou mistas (audiovisuais). Hoje alguns tipos de arte permitem que o apreciador participe da obra.

Embora a tentativa de conceituar um fenômeno como arte seja ainda complexa, Nelly Novaes Coelho (1986) comenta que se faz indispensável à fixação de três aspectos caracterizadores: a arte é produto de um ato criativo; a cada instante ela corresponde, direta ou indiretamente, às concepções ideológicas da sociedade em que aparece; e ela é universal, intrínseca ao ser humano, ao longo de sua história. A partir daí, pode-se dizer, em primeira instância, que toda criação artística constitui um resultado da atividade do homem.

Seria, no entanto, uma definição de amplitude excessiva, pois aponta uma atividade humana chamada arte, sem mostrar nada que efetivamente a identifique. Na verdade, quase todas as ocupações e quase todos os frutos do trabalho humano já foram chamados de arte.

A verdadeira Arte expressa sempre algo de vital para o homem, porque direta ou indiretamente ela se nutre de valores essenciais para a existência humana [...]. A arte é na realidade, em suas expressões mais variadas, o fenômeno que descobre o mundo à Humanidade. [...] Arte é uma espécie de ponte entre a realidade comum que nos rodeia e o mundo do indivisível, que escapa à percepção comum: o dos valores ocultos, onde pressentimos todas as respostas para as indagações que assaltam o homem, quando este toma consciência de ser um Eu situado num universo incomensurável e incompreensível (COELHO, 1986, p.22 –23).

Pode-se afirmar que arte é todo trabalho criativo, ou seu produto, que se faça consciente ou inconscientemente com intenção estética, com a finalidade de alcançar resultados belos. Ainda que o ideal de beleza seja de caráter subjetivo e varie com os tempos e costumes, todo artista, seja ele pintor, escultor, arquiteto, músico, escritor, dramaturgo ou cineasta, certamente investe mais na possível beleza de sua obra do que na verdade, na elevação ou utilidade que possa ter.

Destaca-se ainda que o que se entende por arte depende de inúmeros contextos. Segundo Bosi (1989), tais contextos devem levar em conta quem interroga assim como o tempo em que eles estão inseridos. Há que se levar em conta também o efeito psicológico oriundo desse tempo. Para este autor, “uma obra é percebida, sentida e apreciada pelo receptor, seja ele visitante de um museu ou expectador de um filme” (BOSI, 1989, p.7).

De acordo ainda com o autor supracitado, na arte estão presentes três dimensões que fundamentam o eixo norteador da estética: o fazer, o conhecer e o exprimir. Essas dimensões baseiam-se na tradição filosófica do pensamento grego. A arte pode ser chamada também de construção. Ela é um fazer, um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Assim, sejam quais forem as atividades humanas conduzidas a um fim, pode-se chamá-la de artística. “Tanto que para Platão, um músico ou um político estão exercendo a função de arte”. (BOSI, 1998, p.08).

A palavra latina *ars*, matriz do português *arte*, está na raiz do verbo *articular*, que denota a ação de fazer junturas entre parte de um todo. Porque eram operações estruturantes, podiam receber o mesmo nome de arte não só as atividades que visavam comover a alma (a música, a poesia, o teatro), quanto os ofícios de artesanato, a cerâmica, a tecelagem e a ourivesaria, que aliavam o útil ao belo (BOSI, 1989, p.8).

Como objeto de investigação é classificado por alguns críticos de arte como artesanato e, por outros, como arte, parece relevante que, neste estudo, sejam apresentadas algumas tendências à distinção entre arte e artesanato.

Bosi (1989) concede alguns esclarecimentos sobre o ponto de partida para tal distinção. Segundo o autor, a divisão de classes do Império Romano fortaleceu a idéia de dicotomia entre arte e artesanato. Conforme suas palavras, “as artes liberalis eram exercidas por homens livres, já os ofícios artes serviles por homens de condições humildes” (BOSI, 1989, p.9). Dessa forma os termos artista e artífice (de *artifex*: o que faz a arte) ainda hoje mantém a milenar oposição de classe entre o trabalho intelectual e o manual. No pensamento moderno teima-se em manter a recusa em aceitar as hierarquias desses critérios para uma classificação.

O exercício intenso da criação demonstra, ao contrário, que existe uma atração fecunda entre a capacidade de formar e a perícia artesanal. No pintor trabalham em conjunto a mão, o olho e o cérebro. No mais humilde dos trabalhadores manuais, adverte Gramsci, há uma vida intelectual, às vezes atenta e aguda, dobrando e plasmando a matéria em busca de novas formas, ainda que no jogo social, o artífice não receba o grau de reconhecimento prestado ao artista. (BOSI, 1989, p.14).

Com o passar dos tempos o conceito de arte passa a ser interpretado pelo pensamento ocidental. A arte e o fazer que outrora eram vistos como algo metafísico, ou seja, dados por Deus, passam à condição de algo construído e não mais obtido naturalmente.

Bosi (1989) afirma que arte é conhecimento. O artista ao criar se depara num ato de percepção ou de memória de um momento vital. Para tal acontecimento ocorreram sensações e imagens; afetos e idéias numa palavra, movimentos internos que se formam em correlação estreita com o mundo sentido, figurado, pensado. Essa é a maneira cognitiva do artista. Daí a conotação de que a arte é representativa da realidade experimentada pelo autor que a interpreta. Bosi afirma que

[...] o seu significado preciso depende, naturalmente, dos contextos. Pode aludir à mera *imitação* de traços e gestos humanos, tal como ocorria nos mimos e na pantomima, representações de caráter jocoso e satírico. Pode também significar a *reprodução* seletiva do que parece operação que revele aspectos típicos da vida social; neste sentido, o artista escolheria os perfis relevantes do “original” antes de figurá-lo. (1989, p. 28).

Outra posição de Bosi (1989) é a de que a arte é expressão. A expressão ou a idéia de expressão nas artes está atrelada a um nexos que se pressupõe existir entre uma fonte de energia e um signo que a vincule ou encerra em termos de força e a forma que se exprime. Para tanto, o autor esclarece que o fenômeno expressivo comporta uma análise diferencial, indispensável para ultrapassar certas posições puramente intimistas que fazem derivar a forma poética diretamente dos sentimentos do poeta ou artista.

A arte pode existir em suas diferentes manifestações e linguagens, como a música, a escultura, a literatura, a pintura, a arquitetura, o cinema, a dança, o desenho animado, entre outras.

Neste estudo, em especial, focaliza-se a escultura. A escultura observada como arte que é gerada. Seu nascimento é, portanto, fundamentalmente intuitivo, originando-se na experiência humana, concretizando-se na transfiguração das formas criadas.

2.1 REFLEXÕES SOBRE ESCULTURA

No âmbito destas reflexões, observa-se que a escultura é uma arte que representa imagens plásticas em relevo total ou parcial. É possível verificar diversas técnicas de trabalhar os materiais, como por exemplo, a fundição ou a moldagem ou a aglomeração de partículas para a criação de um objeto.

Considerando a escultura clássica, pode-se afirmar que ela é representada por materiais sólidos e tridimensionais. Veio com a pretensão de copiar a realidade de maneira artística. Faz uso de diversos materiais como gesso, pedra, argila, cera e outros. Hoje, com as novas técnicas, as esculturas podem ser feitas até mesmo de gelatina, mas sempre com o objetivo maior de representar o corpo humano ou divindades antropomórficas.

Vários materiais se prestam a esta arte, uns mais perenes como o bronze ou o mármore, outros mais fáceis de trabalhar, como a argila, a cera, ou a madeira. Embora possam ser utilizadas para representar qualquer coisa, ou até mesmo nenhuma, tradicionalmente o objetivo maior foi sempre representar o corpo humano, ou a divindade antropomórfica. É considerada a terceira das artes clássicas. (KRAUSS, 1998, p. 22)

No horizonte compreensivo das artes, Adorno (1993) afirma que foi na Grécia que se fundamentou o berço ocidental da arte da escultura. Encontravam-se ali muitos artistas de destaque que deixaram grande um legado para a humanidade. Dentre eles pode-se citar Fíbias,⁵ produtor de obras ímpares como a *Vênus de Milo*. A partir dos gregos, os romanos abraçaram a cultura clássica e deram continuidade à produção de esculturas até o fim do império, numa quantidade impressionante, difundindo o trabalho em mármore por todo o império. Também se pode citar outros grandes nomes dessa arte, como por exemplo, Michelangelo, Andréa del Verrochio e Leonardo da Vinci, entre outros.

Em meados dos XV, com o retorno dos papas para Roma, a escultura adquire seu prestígio. Defensores e protetores das artes, os papas deixam o palácio e passam a morar no Vaticano. Nesse ambiente revelam-se grandes escultores, um dos mais famosos é Michelangelo que dominaria toda a escultura Italiana do século XVI, com obras como *Moisés*, *Davi* e *Pietá*. Esse artista dominou a escultura e o desenho do corpo humano muito bem, pois tendo dissecado cadáveres por muito tempo, assim como Leonardo da Vinci, sabia a posição

⁵ Fíbias, Atenas, 490 a.C. foi um escultor e arquiteto grego. Amigo e protegido de Péricles. É considerado o artista culminante do classicismo grego, segundo ADORNO (1993).

de cada músculo, cada veia, cada tendão. As principais características desses artistas e de suas obras era a busca de representar o homem como ele era na realidade, a proporção da figura mantendo a relação com a realidade, profundidade e perspectivas, estudo do corpo e do caráter humano.

No caso das esculturas da artista Marta Rocha, mais especificamente suas representações do feminino, verifica-se em cada figura uma relação com a realidade não somente da época vigente, como também dos tempos passados. As esculturas de Marta Rocha podem ser apreendidas também como obra de arte em que se presencia liberdade para lidar com formas e os diferentes materiais. Suas obras embrenham-se pela adaptação de imagens da realidade interior à imagem de suas realidades exteriores.

2.2 FUNÇÕES DA ARTE

Nessas reflexões sobre a arte, faz-se relevante pontuar que arte pode assumir diferentes funções. Tal aspecto leva-a refletir sobre os seus modos de ser na sociedade, quer pelo recorte da história ou pela aparência que tem. Assim sendo, as funções que arte pode cumprir, muitas vezes, vão se transformando da mesma maneira com que ocorrem mudanças na sociedade em que ela existe. Para cada tempo existe um modo de fazer, ver e entender a arte. De acordo com Coelho (1996, p. 28), a arte pode assumir algumas destas funções:

- Função Pragmática. É a que atribui uma finalidade prática ou uma utilidade para além de seu valor estético. Várias podem ser as intenções pragmáticas, dentre elas: a) convencer um auditório de alguma coisa; b) ensinar ou esclarecer um problema; c) atrair adeptos para uma ideologia; d) difundir um elenco de valores morais ou sociais, aceitos por determinada sociedade.
- Função Sintonizadora. Refere-se à possibilidade de estabelecer a comunhão entre homens de diferentes épocas ou níveis de cultura, devido à presença de elementos vitais, espirituais, que por serem comuns à condição humana ultrapassam os diferentes estilos de cada época ou cada artista.
- Função Cognitiva. É a função vista como forma de conhecimento, um elemento revelador da verdade psicológica dos seres ou da verdade oculta sob a aparência das relações humanas.

- Função Catártica. Essa função tem longa tradição. A autora comenta que, através dos tempos, muitos são os teóricos que vêem a arte como um instrumento libertador da pressão das emoções, tanto para o artista quanto para o admirador, leitor, expectador.
- Função Libertadora do “eu”. Essa é uma das mais polêmicas funções. A arte funcionaria como um elemento de evasão do “eu”, permitindo-lhe a fuga da realidade concreta que o cerca. Sem ser positiva ou negativa em si, essa fuga pode, no entanto, ser construtiva ou destrutiva, dependendo do grau da fruição emotiva alcançada. Tanto pode ser compensadora para os possíveis desajustes ou frustrações do “eu” em face do meio social, como pode ser alienadora: fechando o “eu” em si mesmo, dentro de um mundo próprio e intransferível.

As funções da arte sinalizam para o que Ernest Fischer (1993, p. 56) afirma: “A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro total”.

2.3 A ARTE COMO CATARSE

Dentre as funções da arte, esta pesquisa procura enfatizar a função catártica, justamente pela possibilidade de apreendê-la como um importante viés para as considerações que aqui se empreendem.

Cabe destacar que as formas da arte, segundo Langer (1962), são mais bem elaboradas, sorvidas e compreendidas na proporção em que há o despojamento dos preconceitos embaçadores e dos modelos enrijecidos e a abertura corpo/mente para saboreá-las, degustá-las com nossa sensibilidade, com imaginação poética, com sensibilidade e consciência compreensiva.

De acordo com a autora, os gregos mais antigos concebiam a arte como forma de expressão que leva à catarse. Através do teatro, as tragédias mais dramáticas da vida humana eram mobilizadas e interpretadas para que, desse modo, a dor e o sofrimento fossem liberados, o corpo e o espírito ficassem mais leves, enfim, fossem purificados.

Cassirer (1972, p.237) destaca que “[...] a arte transforma todos os sofrimentos e violências, crueldades e atrocidades em meios de auto-liberação, dando-nos assim uma liberdade interior que não pode ser alcançada de nenhum outro modo”.

A arte projeta-se na dinâmica da conflitividade humana e através das dimensões mais criadoras. De acordo com Cassirer (1972), essas dimensões são transmutadoras e catárticas das suas linguagens. Os conflitos podem ser metamorfoseados levando assim às libertações do corpo e da alma.

Chauí afirma que:

As obras de arte apresentam características transgressivas e inovadoras. Inspiram-se nos fatos e fenômenos existentes para transfigurá-los, plasmando novas formas e conteúdos. Quaisquer temas da vida cotidiana, abordados através da dança, da poesia, da pintura, da escultura, etc. são reinventados e transformados; são transfigurados. Apresentam novos modos de olhar, de perceber, de sentir e de compreender. As metáforas, os ícones, os símbolos da arte, como criações originais e inusitadas, transfiguram o real apresentando novos horizontes e rumos que possibilitam outras formas de relação com as coisas, com a vida. Na medida em que mergulhamos em sua expressividade mais singular. (1994, p. 310).

Segundo a autora, a arte possui a capacidade mágica e alquímica de inaugurar, de renovar e de transmutar o real; de tornar diferentes as subjetividades, dando novas formas e sentidos aos sentimentos, crenças, paixões, valores. Conforme Chauí (1994, p. 315), "[...] o artista busca o mundo em estado nascente". Ao adentrar no plano da fantasia, do imaginário mítico, do sonho, da intuição, a imaginação vem à cena, a sensibilidade poética é promovida e o extraordinário pode ser manifestado.

Dentro desta perspectiva, a arte é extraordinária como forma de expressão essencialmente criadora, instituinte e transfiguradora. Os elementos e fatos mais cotidianos e/ou ordinários são apropriados pelo artista e transfigurados nas formas artísticas, que despertam, suscitam sensações e sentidos novos. À medida que o novo é instituído, a arte pode abrir novos sentimentos.

Chauí também comenta que:

Com suas características próprias, a arte fomenta, revela e afirma os valores mais nobres e belos da vida humana. As formas de arte são templos vivos de reverência aos valores humanos primordiais: a solidariedade, a justiça, a fraternidade, a humildade, o amor, a compaixão, a tolerância, a liberdade, a felicidade, a beleza. As expressões da arte denunciam as feiúras que minimizam e desfiguram o humano, a vida, as vidas e anunciam a emersão do belo, daquilo que torna a vida e as coisas mais dignas e preciosas. (1994, p. 315).

Para a autora, as formas visíveis da arte promovem, em seus modos mais pluriformes e polissêmicos, as expressões do invisível. Assim sendo, em cada localidade, em cada grupamento ou comunidade humana, na geografia heterogênea e multicultural do

planeta, as linguagens de arte revelam-se em manifestações vivas que afirmam e realçam as culturas locais e regionais.

A experiência e a vivência a partir da arte levam ao desenvolvimento do pensamento simbólico e divergente ultrapassando o pensamento linear e convergente que não dá conta da complexidade polissêmica da cultura, da vida.

Nesse sentido, as formas simbólicas da arte são polissêmicas, representando, assim, uma multiplicidade de interpretações e de significados, não podendo, portanto, serem reduzidas a modelos monossêmicos⁶ e unidimensionais⁷. Para Duarte Jr. (1988, p. 83), "A arte não significa, exprime; não diz, mostra. E o que ela mostra, o que ela nos permite ter, é uma visão direta dos sentimentos; nunca um significativo conceitual".

As formas simbólicas das imagens da arte penetram com mais intensidade nos meandros imponderáveis da vida, na multiplicidade de modos de ser e de estar no mundo marcados de ondulações, de desmesuras. Segundo Chauí (1994, p. 325), "a obra de arte é essa unidade simbólica e alegórica que nos abre o acesso ao verdadeiro, ao sublime, ao terrível, ao belo, à dor e ao prazer". Os símbolos expressivos da arte apresentam uma vivacidade que nos toca e vivifica quem está em contato com eles.

Logo, a catarse não reduz a arte a mero instrumento ou meio que pretende viabilizar fins e propósitos pedagógicos. A catarse pode promover o próprio conhecimento que dá sentido e encanto à vida humana. Percebe-se, assim, que a arte está engajada com a vida, com a afirmação da vida humana na perspectiva de poder transformá-la. O exercício vivencial com a arte incide na afirmação da subjetividade de cada indivíduo, na busca do autoconhecimento, no trato cuidadoso com as emoções, com os sentimentos, valores, crenças. Assim, cada um pode conduzir-se melhor em suas inquietações e buscas com o espírito e o coração mais abertos para os desafios da cotidianidade do viver.

Pensando na catarse, cabe ainda destacar que, conforme afirma Nietzsche (1999, p. 28), "[...] é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante". O ato

⁶ Na arte predomina a postura explicativa contrária à análise lógico-formal, que tende a reduzir os fenômenos e as coisas ao formato de seus modelos monossêmicos, ou seja, tal teoria se reduz na dicotomia entre o ser humano e o mundo, sua cultura, suas coisas, o passado e o presente. Na arte tende-se visualizar as luzes e a teia da vida. Os fenômenos e as coisas são compreendidos nas complexidades, nas suas interligações e nas polissemias e dialogias existentes. ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

⁷ Uma das características da arte é a sua plasticidade, que escapa com torções da unidimensionalidade das normas estabelecidas. Irreverente ao fluxo de suas afecções e no clarear de seus feixes, ela transgride aos determinismos reducionistas, aos modelos que cerceiam seus movimentos. É plasmado pela confluência de sua heterogênesse que traduz os feixes da multiplicidade de seus sentidos físicos e de seus sentidos existenciais. ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

criador engendra-se a partir do movimento, da relação conflitual e dançante entre o velho e o novo, entre o linear e o curvilíneo, o ordinário e o extraordinário.

A arte permite, através da catarse, uma forma de conhecimento que descortina as ambigüidades, os paradoxos e os enigmas da subjetividade humana projetando-se com suas expressões mais visíveis no agora, mas revelando sua vocação transtemporal, sua feição de eternidade. Para Cassirer (1972, p. 231), a arte proporciona a interligação entre a subjetividade e a objetividade. Cabe destacar que a absorção na contemplação de uma obra de arte torna imperceptível a separação entre os mundos: subjetivo e objetivo.

2.4 BAKHTIN E A ARTE

2.4.1 A arte como representação do real

Conforme se procurou evidenciar, a arte representa a vida, a arte promove pensamentos, evoca reflexões. Refletir sobre a arte não é apenas analisar as obras, mas também suas condições textuais e extratextuais estéticas, sociais e culturais.

A arte, em especial as esculturas de Marta Rocha, como um texto não-verbal, ao representar e também ao evocar reflexões, possibilita representar e refletir por meio do texto verbal, ou seja, pelas palavras.

Refletindo as palavras Bakhtin salienta que:

[...] na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é um território comum do locutor e do interlocutor. (1995, p. 113).

Sobre as palavras, Bakhtin (1995) afirma que esta é vista como signo ideológico por excelência e estudada como processo e não simplesmente como produto, como instrumento ou como mercadoria. Cada enunciado proferido é constituído de vozes, de

lugares variados, ou várias fontes (polifonia), por sua multiplicidade significativa ou polissemia, sua abertura e incompletude, o que significa que um texto sempre se vincula a outros textos de várias origens a chamada intertextualidade. Tudo isso remete a um princípio que ele chamou de dialógico.

Nessa perspectiva, como promovedora de palavras, a arte, enquanto texto não-verbal, ao ser colocada em cena, é promovedora do diálogo. Segundo Bakhtin (1995), o diálogo e esse acontece de forma mediadora na constituição da atividade mental, na medida em que estímulos externos vão se interiorizando e possibilitando desenvolvimento de consciências do mundo e consciências de si mesmo. E mesmo quando ocorrem monólogos, existe aí forma de diálogos apesar de aparentemente aparecer de forma solitária. As palavras que se usam diariamente surgem de fatos, de outros sujeitos, de outros lugares, de outros tempos. O mais importante neste princípio é que deva existir uma orientação para o outro, e não necessariamente um interlocutor concreto. É sempre o outro como possibilidade e imagem que define o que é meu e o que eu sou, é sempre na coletividade que o eu reconhece e se apreende.

A linguagem da arte suscita a atividade da linguagem. Conforme Bakhtin (1995), a linguagem é sempre vista como um trabalho, uma prática de caráter institucional. Por isso, a unidade lingüística privilegiada para ele é a enunciação: recorte de um diálogo ininterrupto no processo de interação verbal.

Para Bakhtin,

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (1995, p. 123).

Da arte decorrem enunciados. Estes são acontecimentos da linguagem, processos de constituição dos enunciados. O sentido dos enunciados nasce, por isso, do movimento da própria enunciação, de tudo o que compõe o quadro enunciativo.

Cabe dizer de acordo com Bakhtin (1995) que no trabalho da linguagem é preciso que se produzam sentidos, os quais estão sempre atrelados a uma moldura social e a uma audiência. Todo contexto necessário à constituição da linguagem, neste caso, da linguagem artística, forma o que se chama de condições de produção, ou seja, condições de possibilidades para a ocorrência da linguagem, quais sejam: os valores, as crenças, e as

situações concretas de intercâmbios que compõem quadros próximos para a realização da prática da linguagem, envolvendo pessoas, temas e circunstâncias definíveis. Esses sentidos que são elaborados na coletividade compõem efeitos produzidos a cada instante, a cada situação. E tal movimento tem o caráter *polifônico*, ou seja, cada voz explora vozes próximas ou distantes, e as vozes de cada um pode revelar valores contraditórios produtores de confrontos mais ou menos abertos.

Para o autor, a compreensão passiva das significações do discurso ouvido ou lido é apenas uma etapa do processo que é a compreensão responsiva ativa, que corresponde a uma resposta subsequente, não necessariamente fônica ou gráfica. No caso de uma ordem, por exemplo, ela pode realizar-se como um ato; pode também corresponder a uma atitude que retarde um pouco, e ainda ao mutismo da indiferença ou desprezo. O próprio locutor pressupõe essa compreensão: ele não espera que sua exteriorização seja apenas duplicada na mente do outro. O autor comenta que ele espera uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc.

O locutor mesmo já é um respondente, na medida em que não é o primeiro ser da linguagem, pois além de usar inevitavelmente um sistema lingüístico partilhado pelos outros, também trabalha com enunciados, já produzidos por ele e por outros enunciados que compõem arquivos nas diversas comunidades de linguagem.

Cada enunciado funciona como um elo numa cadeia completa de outros enunciados. Dessa maneira, é correto afirmar que a linguagem, no caso específico desta pesquisa, a linguagem artística proporcionada pelo texto-não verbal, possibilita enunciados que se determinam pela alternância dos sujeitos, dos locutores. Suas fronteiras são aquelas que se constroem com os outros. Esse dispositivo essencial da vida comunitária é que se chama dialogismo. De acordo com Bakhtin (1995), cada réplica de um diálogo vai delineando, para os interlocutores, suas posições, seus papéis uns em relação com os outros.

2.5 POLIFONIA E DIALOGISMO DA LINGUAGEM ARTÍSTICA

Bakhtin (apud VOESE, 2005, p. 358) privilegia duas noções fundamentais para o estudo do discurso: a de polifonia e a de dialogia. Os conceitos falam da multiplicidade de vozes presentes no discurso e das relações que entre elas se estabelecem obrigatoriamente cada voz corresponde a um universo polifônico de vozes sociais.

Nessa perspectiva, Voese (2005) ressalta que a dimensão dialógica e o caráter polifônico do discurso que se efetivam na interação permitem entender que, como resultado da diversidade, o produto da atividade humana pode ter diferentes finalidades, ou seja, as coisas produzidas pelo homem podem estar comprometidas com diferentes valores e ocupar diferentes lugares nas hierarquizações.

Percebe-se, assim, que os processos mediados, dialógicos, polissêmicos e polifônicos são formados por um conteúdo de conhecimento sobre o mundo e as relações humanas, um conteúdo semiótico e ideológico que é, simultaneamente, o reflexo ativo da realidade e o material que a constitui.

As idéias de Bakhtin sobre o homem e a vida são caracterizadas pelo princípio dialógico. A alteridade marca o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua constituição. Logo, a dialogia é o confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão. “[...] na vida agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem.” (BAKHTIN, 1995, p. 35-36).

Bakhtin (1995) argumenta, portanto, que cada um de nós ocupa um lugar e um tempo específico no mundo, e que cada um é responsável ou “respondível” por suas atividades. Estas ocorrem nas fronteiras entre o eu e o outro, e, portanto, a comunicação entre as pessoas tem uma importância fundamental.

Esse autor considera também que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Dessa forma, o discurso não é individual tanto pelo fato de que ele se constrói entre, pelo menos, dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais, como pelo fato de que ele se constrói como um diálogo entre discursos, isto é, mantém relações com outros discursos. “O discurso é uma ‘construção híbrida’, constituído por vozes em concorrência e sentidos em conflito” (BAKHTIN, 1992, p.38).

Há permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, uma comunidade, uma cultura. A linguagem é, portanto, essencialmente dialógica e complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso as relações dialógicas dos discursos. A palavra é sempre perpassada pela palavra do outro. Isso significa que o enunciador, ao construir seu discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está sempre presente no seu.

O diálogo, tanto exterior, na relação com o outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem. Refere-se a qualquer forma de discurso, quer as do cotidiano, quer as artísticas ou literárias. Bakhtin (1992) considera o diálogo como relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica compartilhada socialmente, isto é, que se realiza em um tempo e local específicos, mas sempre mutável, devido às variações do contexto. Para o autor, o dialogismo é constitutivo da linguagem: mesmo entre produções aparentemente monológicas observa-se sempre uma relação dialógica. Ele nem mesmo separa uma linguagem normal de uma linguagem criativa, pois a linguagem tem abertura, movimento.

Dessa forma, pode-se transcender essa concepção de Bakhtin para pensar a arte produzida pelo homem e perguntar como deveria ser pensada a arte em termos de integração arte-sociedade.

2.6 A ARTISTA

Natural de Araranguá, Santa Catarina, Marta Rocha, desde cedo, manifestava gosto pelo desenho. Autodidata, suas primeiras expressões aconteceram na infância, quando procurava gravetos que poderiam ser um lápis, e um chão batido que poderia ser o papel. Demonstra forte paixão pelo traço feminino, ao criar graciosas modelos em poses. Suas figuras, no começo, somente puderam ser vistas no solo, seu primeiro suporte, depois substituído pelos cadernos da escola. Mas foi quando caminhava pela praia, já no início da década de 1990, que Marta passou a ser tocada pela oferta abundante de materiais que o mar deixava nas praias, principalmente restos da fauna marinha, como búzios, mariscos, estrelas do mar, ostras e escamas de peixes e alguns tipos de algas. O mar, aliás, já havia sido importante, à época em que, como habilidoso pescador, o pai de Marta buscava nas águas o

alimento destinado à numerosa família. Surgia uma relação forte e apaixonada pelas coisas da praia, relacionadas com a vida, os frutos do mar e os verões passados.



Figura 01 – Foto da artista
Fonte: Dados da Pesquisadora

No inverno, surge a solidão romântica da praia deserta, desaparecem os turistas e nela marcam presença os moradores nativos, que com o mar se confidenciam mais no período entre as águas de março e o fim da primavera. Desta relação surgiu a retomada, após anos, do contato de Marta com a arte, como quando menina, buscou expressar-se com magnífica sensibilidade, o que se pode notar em suas composições com restos marinhos, reunidos para conspirar com a artista, toda a gestualidade feminina de suas peças. O tratamento delicado que cada rosto recebe, é uma marca da sutileza de Marta, que também deixa extravasar sua paixão pelas cores impressionistas, que encontra na generosidade de todas as nuances das ostras e outros elementos. A arte de Marta Rocha seguiu este caminho: o caminho das águas do mar, da natureza, da praia, das muitas praias de sua cidade natal e atualmente da Ilha de Santa Catarina.

Residindo atualmente em Florianópolis, Marta realizou/realiza exposições e suas obras são adquiridas por brasileiros e estrangeiros que visitam a Ilha de Santa Catarina.

2.7 AS OBRAS



Figura 2 - As marisqueiras, As leitoras e As Lavadeiras.

Fonte: Dados da pesquisadora

2.8 O LUGAR: ARARANGUÁ

Para melhor entender as esculturas de Marta Rocha, faz-se relevante conhecer a cultura do lugar onde a artista viveu para que se possa depreender suas representações. É significativo destacar a criação artística como oriunda de um contexto e integrá-lo ao desenvolvimento híbrido do lugar. Segundo Hall (1999), a identidade artística de um povo traz consigo indícios de outros lugares. Emerge assim as peculiaridades que a constituíram.

O município de Araranguá localiza-se no extremo sul do estado de Santa Catarina. Seu relevo é constituído de superfícies planas e onduladas, com formação do modelado litorâneo cujo solo possui de média a boa fertilidade, margeando rios e mar. É banhado pela bacia do Rio Araranguá e quatro afluentes. Araranguá é um município privilegiado por situar-se, geograficamente no centro econômico do Sul do país, além de localizar-se entre as capitais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

De acordo com Hobold,

Araranguá, que na era pré-histórica, segundo estudos geológicos, jazera imersa e adormecida sob as águas atlânticas, em toda a sua extensão territorial, chegava agora em visualização concreta a luz da história, com promessas esperançosas, anteriormente envoltas pela bruma nefasta do litígio territorial nas paragens sulinas. Na bacia hidrográfica do Iriringa dos nativos Carijós, numa superfície estirada desde as ribanceiras do rio Urussanga até o rio Mampituba iria repontar um município homenageado com o significado homônimo “Araranguá”, como registra o mapa geográfico do Brasil. (2005, p.16).

Segundo o autor, o topônimo Araranguá sofreu variadas mudanças quanto a sua lingüística. Dependendo da época foi denominado de *Aremangar*, *Ararariga*, *Aranga*, *Areronger*, *Auronga*, *Araranga*, *Jerongoa*, entre outros.

Os nomes eram usados pelos exploradores/navegadores de acordo com os pareceres subjetivos e objetivos da realidade que conheciam.

Os primeiros habitantes da região de Araranguá, os “silvícolas”, chamavam-na de Iriringa devido à associação ao rio habitado pelos golfinhos e seu canto *Iririm*, *iririm*, *iririm*. Era comum os nomes serem relacionados com a natureza das coisas, ou seja, a partir dos fenômenos destacados na natureza, pois outros conhecimentos não faziam parte da realidade daqueles que habitavam os lugares existentes naquela época. Coube aos estudiosos da toponomástica, com critérios das leis científicas selecionar, avaliar entre os variados nomes, aqueles mais coerentes a realidade histórica de cada localidade.

De acordo com o autor supracitado, em vez de Iriringa, achou-se por bem em conotação com as demais designações históricas, dar ao lugar o nome de Araranguá.

Rocha comenta que,

[...] através de documentos que fazem citação a Araranguá, desde os primórdios, e de estudos de toponímica publicados, podemos notar o quanto ainda é necessário investigar para saber a origem e o significado do nome da cidade. Até aqui sabemos que são algumas interpretações levantadas, o que gera dúvidas e motiva ainda mais os pesquisadores. (HOBOLD apud ROCHA, p.16, 2005).

Outras denominações foram apresentadas ao longo da história da cidade. Quanto ao seu povo, a cidade de Araranguá foi constituída pela colonização italiana, alemã e açoriana.

3 O FEMININO

Conforme se disse no capítulo anterior, as esculturas de Marta Rocha representam imagens de mulheres. Ao representar diferentes mulheres em diversas situações ou papéis sociais nos quais culturalmente as mulheres atuavam, como profissões, situações e outros, as obras evocam, provavelmente, representações do feminino.

Desta-se que de um modo geral o estudo sobre o feminino é tema recorrente entre historiadores, poetas, escritores sociais ou mesmo de ideólogos feministas durante os tempos. Beauvoir (1980) faz uma descrição da constituição do gênero feminino ao longo da história da humanidade, buscando seu embasamento teórico na gênese da biologia e da sociologia, além de adentrar nas teorias psicológicas e sociais.

Beauvoir afirma que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como *outro*. (1980, p.09).

Beauvoir (1980) adentra em seus estudos, falando desse mito que é o sexo feminino desde a origem da noção do termo até a visão da formação na atualidade. Seu caminho vai desde as explicações do biológico ao desenvolvimento social do papel feminino na gênese da humanidade. Descreve a infância, a adolescência, a moça, a idade adulta e a velhice, como também passa pela iniciação social demonstrando os desdobramentos dessa aquisição sexual nos papéis sociais e culturais da mulher a partir da construção de identidade adquirida. Desde a vida social que insere a mulher em seus papéis adquiridos a condição da personalidade formada, seja ela a narcisista, a amorosa ou a mística e as escolhas ou preferências sexuais, como o homossexualismo feminino, atuam em conceitos como caráter, libertação ou independência da mulher.

A autora expõe que o masculino e o feminino são condições ou criações culturais e, como tais, são comportamentos aprendidos por meio dos processos de socialização que condicionam diretamente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. E que essa aprendizagem é e só pode ser um processo social. Aprende-se a ser homem e aprende-se a ser mulher e aceitar como naturais a relação de poder estabelecida entre os sexos para exercerem aquelas funções sociais específicas já estabelecidas *a priori*.

Beauvoir (1980) diz que, assim, a menina, aprende a ser doce, amável, obediente, dependente, passiva, sonhadora, altruísta enquanto o menino aprende a ser agressivo, competitivo, ativo e independente, como se tais qualidades fossem oriundas de sua própria condição biológica ou de sua natureza humana. Sabe-se que essa visão teórica que inferioriza os sexos também é fala das teorias de cunho racista, que classifica de inferiores os negros, índios, intuindo que deveriam ser comandados ou protegidos. E, da mesma forma argumentam os teóricos da discriminação do sexo, atribuindo à mulher uma posição social subalterna.

[...] se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também explicá-la pelo eterno feminino e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: O que é ser mulher? (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

Conforme Beauvoir (1980), o debate feminista demonstra que a hierarquia social do feminino não é uma fatalidade biológica e sim o fruto de um processo histórico. Para ela, a teoria do eterno feminino ainda encontra adeptos, porém é nas ciências biológicas e sociais que encontram explicação para não acreditar mais na existência de características imutáveis que determinariam à mulher e dizer que o que caracteriza a mulher está nas funções reprodutoras também já não serve para dizer o que ela é.

Contrariando a constatação da realidade objetiva acerca da condição da mulher, permanece hoje na literatura nuances diferentes do que seria o instinto feminino, de como ele se manifesta ou é camuflado ou mesmo aniquilado e bloqueado, mas todas têm como base ou pano de fundo uma condição básica: a existência do feminino servindo a um *status quo* socialmente constituído ou adquirido. Contata-se, assim, que o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser independente. A mulher é determinada em relação ao homem e nunca o contrário, ela é sempre o outro.

A autora professa que existem casos de categorias que durante muito tempo conseguiram dominar uma a outra, muitas vezes devido à quantidade numérica, ou seja, a maioria impondo suas leis à minoria. Ou como também acontecimentos históricos que subordinaram uma classe ou outra. Em relação às mulheres, sua independência ou emancipação não é consequência de um evento ou de uma evolução. A teia ou laço que as une aos seus opressores não é comparativo a nenhum outro. E por não estarem constituídas em uma classe à parte (como uma etnia, por exemplo), por fazerem parte de uma unidade

indissociável, que é o casal, é que as mulheres se fundamentaram em um outro e não reverteram essa situação.

É cabível afirmar que a princípio os seres humanos viviam em comunidade e eram possuidores de uma consciência coletiva. Nenhum buscava se sobressair, ou seja, não existia dominador e dominado.

Mas com a invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem a atividade e o projeto, ao passo que na maternidade, a mulher continua presa a seu corpo, como o animal. O projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante de construir o futuro. Foi a atividade do macho, que criando valores, constituiu a existência, ela própria como valor: venceu as forças confusas da vida, escravizou a mulher e a natureza. (BEAUVOIR apud ALAMBERT, 1997, p. 61).

A condição ou a necessidade biológica da sexualidade, desejo sexual e desejo da continuidade da espécie – colocar o homem (macho) sob a dependência da mulher (fêmea), não foi base suficiente para a libertação social da condição mulher, de acordo com Beauvoir (1980).

Reflexões sobre o ser mulher também recebe eco na obra *As Mulheres no Brasil*, de Mary Del Priori (1997). Nessa obra, a autora apresenta a saga das mulheres brasileiras em diferentes épocas e culturas.

Del Priori descreve em sua obra as mulheres do Brasil em todo seu conjunto de diversidades. Sobre o sul do Brasil, a autora diz que

Escrever sobre as mulheres do sul não significa traçar um perfil único que as identifique e as diferencie das outras mulheres do restante do país. No sul encontramos diferentes perfis femininos nos diversos períodos históricos: mulheres oriundas de etnias e classes sociais variadas. (DEL PRIORI, 1997, p. 598).

Entre os primeiros textos que tematizaram as mulheres do Sul, Del Priori aponta os escritos pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, que esteve no Brasil entre 1816 a 1822. Em seus estudos coletou plantas e animais e fez anotações. Além da fauna e da flora brasileira, deixou relatos sobre o povo. Visitando o país, passou por Curitiba, e também por Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em 1820.

Sobre as mulheres de Curitiba, o autor comenta segundo Del Priori (1997), que elas “têm as feições mais delicadas do que as de todas as regiões do país” que ele visitou. Além disso, seriam menos arredias e sua conversa era agradável. Acrescenta ainda aquele autor que em nenhuma outra parte do país encontrou pessoas tão genuinamente brancas.

Das mulheres do Rio Grande do Sul, Saint-Hilaire *in* Del Priori (1997) descreve que todas as mulheres que ele havia visto no Rio Grande do Sul são bonitas, têm olhos e cabelos negros, cutis branca e tem sobre as francesas a vantagem de serem mais coradas.

Relata ainda a existência de inúmeras mulheres dirigindo estâncias, trabalhando, promovendo sozinhas a sobrevivência, haja vista a constante ausência de maridos, e nas regiões do interior não encontrou mulheres nas ruas enquanto que na cidade de Porto Alegre elas eram bastante freqüentes.

Sobre Santa Catarina, Saint-Hilaire (apud DEL PRIORI, 1997), menciona

[...] a presença das mulheres nas ruas da cidade de Desterro e discorre, especialmente sobre a sociabilidade destas em comparação as de outras regiões do país, como neste trecho. As mulheres são muito claras, de um modo geral têm olhos bonitos, os cabelos negros e, muitas vezes, uma pele rosada. Elas não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhes são dirigidos. Já escrevi os modos canhestros das mulheres do interior que, ao saírem à rua, caminham com passos lentos uma atrás das outras, sem virarem a cabeça nem para um lado nem para o outro, e sem fazerem o menor movimento. Não acontece com as de Santa Catarina. Elas não demonstram o menor embaraço, e às vezes chegam mesmo a ter um certo encanto; freqüentam as lojas e tão raramente quanto às mulheres de Minas (1820), mas quando andam pela rua em grupos, colocam geralmente ao lado umas das outras, não receiam dar o braço aos homens e, muitas vezes, chegam a fazer passeio pelo campo. Para sair, elas não se envolvem num manto negro ou numa capa grossa, se vestem com mais decência e bom gosto do que as mulheres do interior (1997, p. 279).

De acordo com a autora, as mulheres do campo que não trabalham fora de casa e em nada parecem com as nossas camponesas, não se apresentam, como as de Minas, com os ombros e os colos nus, todas elas, sem exceção, usam vestidos de chita ou de musselina e um xale de seda ou de algodão. Sobre a autoridade dentro de casa, Saint-Hilaire afirma que as mulheres da Ilha de Santa Catarina exercem, dentro de suas casa, uma autoridade de que não desfrutamas do interior do país.

A imagem das mulheres do Sul aparece como mais sociáveis que as mulheres de outros lugares do país, segundo os relatos dos viajantes. Tais imagens, possivelmente, poderiam estar vinculadas à composição racial do sul do Brasil, à formação dos preconceitos raciais dos ditos viajantes, e certamente à cultura específica da população que aí se instalou, comprovando a tese de que uma formação social proporcionava um modo de vida diferente dos existentes na economia escravista de exportação. Constantemente ao fazerem relatos das mulheres brasileiras, os viajantes referiam exclusivamente as de cunho racial branco e com a economia mais abastadas.

Houve também aqueles que ignoraram a existência de filhas de imigrantes pobres, de mulatas e negras livres, e ainda os que nem as classificavam como mulheres, pois não eram capazes de levar em conta as contradições e as condições de possibilidades da vida paralela das diferentes camadas sociais.

Em se tratando da formação social do Sul do Brasil pode-se afirmar que se caracteriza por um grupo de etnia européia mais numerosa que o de origem africana e quanto ao modo de vida está atrelado à pequena propriedade – isso deve ter possibilitado para que os viajantes reconhecessem como mulheres brancas pobres as que percorriam as ruas de Desterro, Curitiba e Porto Alegre.

Grande parte do litoral de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul foi povoado de forma planejada a partir de meados do século XVIII, com casais oriundos das ilhas dos Açores e da Madeira. Essa forma de povoamento iria se repetir em meados do século XIX, como parte de um projeto de branqueamento e preenchimento de vazios territoriais, dando o tom da população e da economia local. Diferentemente dos grandes centros exportadores a região apresentou uma produção voltada para o mercado interno, escravidão de pequena monta e economia diversificada, resultando numa acumulação de pequeno vulto. A urbanização foi tardia em relação ao Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo (PEDRO apud DEL PRIORI, 1997, p. 287).

No decurso dos relatos, é possível verificar que as imagens femininas registradas pelos viajantes, diferenciavam daquelas que passam a freqüentar os jornais de Desterro, Curitiba e Porto Alegre no final do século XIX e, mais ainda, os conteúdos revelavam que seriam, então, outras as vozes e outras as sociedades que se configurava, em vista da ascensão urbanística e do surgimento de uma elite urbana.

Os perfis (Papéis) femininos descortinavam-se em mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó. Nesses seis perfis encerrava-se a visão do ser mulher naquele contexto. Era uma idealização das mulheres e de seus papéis já ditas, idealizada e divulgada no século XVII até o início do século XX na Europa.

As diversas formas da idealização dos papéis da mulher foram acompanhadas segundo a autora, nas diferentes épocas descortinadas pela imprensa que divulgava nas diversas cidades. Pontuavam mudanças, que obviamente, vinham acompanhadas de uma campanha com normas de conduta que por diversas vezes, refletia aquilo que a elite urbana considerava “civilizado” e que, na maioria das vezes era repetição daquilo que a imprensa dos grandes centros divulgava. Esses jornais “[...] não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário

ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais” (DEL PRIORI, 1997, p.281).

Del Priori (1997) pontuando as falas jornalísticas registra que

[...] há brinquedos básicos que falam o idioma da humanidade inteira, e para esses não há possibilidades de passar da moda nem da época [...] uma menina é uma pequena mãe, e uma boneca sempre terá guardada em seus braços [...] um menino estará sempre por aquilo que reclamam sua destreza desportiva [...] uma pessoa que vai fazer um presente de um brinquedo (para uma criança) deve procurar o simples, o que responda ao natural instinto de criança [...]. (JORNAL DAS MOÇAS, 08 jun.1953, 1997, p.609).

Observa-se nesse fragmento da década de 50 como era o pensamento cultural do Brasil naquele contexto, a idéia antiga, mas renovada de que as meninas nasciam para ser donas de casa, esposas e mães. O país dos anos 50 com o final da 2ª Guerra Mundial vivenciou otimista e esperançoso a expansão urbana e a industrialização com possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. Com essas mudanças as diferenças entre os papéis femininos e masculinos não mudaram muito. A moral sexual estabelecida permanecia centralizada no poder masculino e os papéis femininos ainda eram cercados de preconceitos.

As páginas das revistas que tratavam de “assuntos femininos” nos s levam ao encontro das idéias sobre a diferença sexual predominantes nessa sociedade. “*Jornal das moças, Querida, Vida Doméstica, Você, as sessões para mulher de O Cruzeiro, traziam imagens femininas e masculinas, o modelo de família-branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papeis definidos*”. (DEL PRIORI, 1997, p.609).

Convém ressaltar, de acordo com Del Priori (1997), que não se trata de qualquer conspiração planejada e nitidamente delineada. São as novas formas de comportamento que a elite recém-formada definia para serem seguidas, acompanhando um movimento que vinha dos grandes centros da Europa e que encontrava eco nas maiores cidades do Brasil. Ademais, a presença desse tipo de assunto nos jornais era, muitas vezes, uma forma de preencher a página em locais carentes de notícias. Esses locais vazios poderiam ser completados com outro tipo de notícia, outros textos, no entanto, a maneira como eram preenchidos refletia as preocupações da sociedade: um dos maiores motivos de inquietação eram as mulheres.

A escolha de imagens de mulheres suscita uma preocupação muito viva com definição dos papéis femininos da época. Não era difícil saber como eram lidos tais textos: como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas imagens de mulheres que os jornais reproduziam e como era a ideologia predominante. Um exemplo disso foi o texto publicado

num jornal local no século XIX e que deveria ser lido doze vezes por dia e depois ser guardado na caixinha de toaletes.

Os dez mandamentos da mulher:

- 1º - Amai a vosso marido sobre todas as coisas.
 - 2º - Não lhe jureis falso.
 - 3º - Preparai-lhe dias de festa
 - 4º - Amai-o mais do que a vosso pai e vossa mãe.
 - 5º - Não o atormenteis com exigências, caprichos e amuos.
 - 6º - Não o enganeis.
 - 7º - Não lhes subtraia dinheiro, nem gasteis este com futilidades.
 - 8º - Não resmungueis, nem finais ataques nervosos.
 - 9º - Não desejeis mais do que um próximo e que este seja o teu marido.
 - 10º - Não exijais luxo e não vos detenhaiis diante das vitrines
- (DEL PRIORI, 1997, p. 285).

Inúmeras notas como essa eram publicadas semanalmente nos jornais depois da segunda metade do século XIX tornando-se mais freqüentes com o passar do tempo. A boa mulher era sempre aquela que acatava as regras e que exercia esses perfis delineados como corretos: boa mãe, esposa, religiosa, filha, dona de casa e acima de tudo delicada, meiga e atenciosa, com instinto materno, pureza, resignação e doçura. (grifo meu). A mulher ideal era definida, segundo os depoimentos da autora, a partir dos papéis (perfis) femininos tradicionais. As características próprias da feminilidade eram as de ocupações domésticas e o cuidado com o marido e com os filhos, considerados como destino natural da mulher.

4 TEORIA EXISTENCIALISTA

4.1 DESENVOLVIMENTOS DA PERSONALIDADE

Procurou-se nesta pesquisa apresentar a arte, o processo de constituição do feminino de Marta Rocha e da cultura de sua região no processo de construção do imaginário. Cabe aqui também ressaltar a importância de verificar o conhecimento da ciência psicológica e esclarecer a partir do ponto de vista do materialismo dialético existencialista a constituição da personalidade, neste caso específico a mulher. O Existencialismo se propõe a realizar ciência, no momento em que parte de um fenômeno concreto, e para compreender a inteligibilidade da realidade do ser, ou o desenvolvimento de uma personalidade, por exemplo, parte da constatação que no homem a “existência precede a essência”, ou seja, primeiro o homem existe e só depois virá a ser este ou aquele sujeito existente. Primeiramente o homem se encontra num ponto no tempo e num lugar do espaço, não se poderia ignorar isso. E para compreender esse processo “[...] necessitamos nos remeter ao conjunto de relações que mediam a construção do sujeito e como foram constituídas essas relações, ou, em outras palavras a sua personalidade” (ROSA, 1996, p.50).

Segundo a Teoria Existencialista, a princípio a pessoa nasce num útero social (ser para o outro) e vai se tornando um ser para si a partir das possibilidades de mediações que adquirir no processo dialético e histórico do meio em que está inserido. Esse homem se fará em relação a um projeto de ser que o lance para um futuro, ou seja, “a criança quando nasce é pura espontaneidade que se lança para um futuro, realizando sua própria história num mundo já existente, sem que exista por detrás dessa uma personalidade formada”. (ROSA, 1996, p.51).

De acordo com Rosa (1996, p. 50), pode-se dizer que a constituição do desenvolvimento de uma personalidade dar-se-á num plano de unificação entre a complexidade vertical e a complexidade horizontal. “A complexidade vertical que é traduzida pelos grupos sociais, aos quais o indivíduo pertence”. Estes, porém, “[...] produzem uma determinada estrutura social (família, escola, trabalho, amigos), ao mesmo tempo em que são produzidos por ela.” (ROSA, 1996, p.51). Logo, essa complexidade vertical fundamenta-se numa inteligibilidade universal de valores, regra, normas, certo e errado, pode e não pode permitido e proibido. E a complexidade horizontal que é histórica, “[...] onde a realidade

vivida pelo indivíduo está ligada a sua vida passada (objetivada pelas suas ações, trabalho, relações, seu modo de ser), não entendendo com isso nenhuma visão determinista do ser histórico, e a um desejo de ser posto no futuro”. (ROSA, 1996, p.51). A construção de uma personalidade se dará de uma forma particular pelas escolhas que os homens fazem para si, no entanto, não se podem separar as relações que esse faz com os outros homens, com as coisas e com o mundo.

Rosa (1996) proclama que para obter-se uma compreensão a respeito desse homem requer um método que seja compatível com a dialeticidade da realidade humana, que contemple tanto sua complexidade horizontal quanto a vertical do fenômeno a ser investigado ou alterado. Nesse sentido é que “o método progressivo-regressivo reformulado por Sartre (1963) a partir de Jasper, vem demonstrar que é dialético como a realidade dos homens e nos possibilita compreendê-lo” (ROSA, 1996, p.50).

A personalidade vai se constituindo a partir de um *projeto* que o indivíduo seleciona para ele, escolhe e se lança para um futuro. “O projeto é então o movimento vivo do ser humano, e a cada ação sua se faz um movimento de eleição”. (ROSA, 1996, p.51). O *projeto* é um elemento unificador das ações do homem e esse é resultado de um passado, de uma história de uma dialética processual que o acompanha e o lança para um futuro para realizar um Eu, realizar uma personalidade.

Como foi elucidado, a questão do desenvolvimento para o existencialismo se dá num processo dialético entre o homem e o mundo (passado, presente e futuro), sendo que esse homem quando nasce é nada, é pura relação, é somente corpo/consciência num mundo concreto, ou seja, *a existência precede a essência*. Falar de personalidade para o existencialismo implica falar de constituição, totalização e essas não acontecem sem consciência.

4.2 A CONSCIÊNCIA

É por meio da consciência e de sua estrutura constitutiva (*transcendência*), que uma personalidade se forma, pois é esta que viabiliza a relação do homem com o mundo transcendente “[...] se definido sendo aquilo que ela mesma não é; pura relação.” (ROSA, 1996, p.61). Nesse sentido, à medida que vai se relacionando com o mundo, com as coisas é que o homem vai adquirindo (se apropriando) de conhecimentos que o diferenciam e ao

mesmo tempo viabilizam um ser que não é, mas poderá vir a ser. A consciência possibilita ao homem entrar em contato com o mundo. É pura relação, mas não tem conteúdo, é translúcida, ou seja, a consciência é sempre consciência nova.

De acordo com Strelow,

[...] A consciência é uma dimensão transfenômica do sujeito, ela é um acontecimento e não tem substância, é apenas relação com o objeto visado, é sempre consciência de algo. A transfenomidade diz respeito ao fato de que posso ter uma consciência sem necessariamente ter conhecimento de tê-la tido (STRELOW, 2000, p.18).

A autora coloca que a consciência é anterior ao conhecimento, à reflexão. Ela é uma condição do homem desde que nasce, pois esse nasce corpo/consciência e ela é vivida como uma experiência concreta é pura relação e não resultado de reflexão lógica. A consciência se forma a partir de ocorrências que possibilitam ao homem a se relacionar com o mundo, com as coisas, com os outros. É ela que permite que o homem se diferencie dos outros animais e das coisas existentes. E o que caracteriza essa diferenciação é a possibilidade de reflexão.

Para Schneider,

[...] o que possibilita que o homem se diferencie dos animais é a reflexão. A reflexão é uma forma de consciência que permite tornar-se distante dos objetos, mas diferenciá-los e diferenciar-se deles, localizar as coisas e as pessoas e se localizar frente a elas. (1993, p.04).

Portanto, cabe aqui elucidar que o Eu (personalidade) é resultante da reflexão, mas é preciso compreender que a reflexão não é a única nem a primeira forma de consciência, mas sim uma de suas formas possíveis.

De acordo com Schneider (1993), a consciência pode ser:

- Pré-reflexiva (percepção e imaginação) ou de primeiro grau: diz respeito à consciência sem a aparição de um Eu, ou seja, se dá apenas em relação a um objeto. Por exemplo, quando alguém está digitando um texto no computador, é apenas relação com a máquina, com o texto, a história que se desenrola na sua ação de ler e escrever, escrever e ler.
- Consciência reflexiva ou consciência de segundo grau: o Eu aparece para a consciência. Continuando com o exemplo acima, no momento que lia e escrevia a pessoa não se tomava como aquela que lia e escrevia. Mas no

momento em que alguém lhe perguntou o que está fazendo, ela se apropria de si e diz que está lendo ou escrevendo um texto no computador.

Nesse momento, teve a consciência da consciência de ler e escrever. Portanto, refletiu sobre ocorrências passadas que ocorriam irrefletidamente. “A consciência não precisa de um Eu para existir do mesmo modo que a consciência que reflete não precisa de um Eu para refletir” (ERLICH, 1996, p.56). Dessa forma, é correto afirmar que: a consciência refletida é sempre segunda em relação à irrefletida, é preciso que haja consciência irrefletida para que o Eu possa refletir sobre elas.

[...] o irrefletido tem prioridade ontológica em relação ao irrefletido: pois, não necessita absolutamente ser refletido para ocorrer, ao passo que a reflexão implica a intervenção de uma consciência de 2º grau ou de segunda. (SARTRE apud ERLICH, 1996, p. 55).

O Eu não habita a consciência, ele aparece para ela como transcendente. Trazendo para a prática, pode-se exemplificar da seguinte forma: quando alguém vê a possibilidade de fazer um curso superior, cursar a faculdade virá a ser uma possibilidade, aparece para a consciência. Só que a consciência não pode se tornar essa pessoa. Quem vai realizar essa possibilidade é o Eu, que se estrutura, se constitui, ele estrutura uma possibilidade que a consciência apanhou. Quando a consciência apanha uma possibilidade ela apanha uma pessoa ao lado de um futuro, uma pessoa que não é (que é projeto).

A consciência apanha isso. Então, ela vai pelo processo, e conforme vai passando pelo processo vai acontecendo o quê? Vai vindo a ser. Só que não é a consciência que vai vindo a ser, é o Eu que vai se tornando. A consciência nunca se torna, toda consciência é sempre uma consciência nova, toda consciência é espontânea, toda consciência é consciência (do computador, da carteira, da garrafa, enfim, das coisas), quem fica é o sujeito, não a consciência.

O Eu não é a consciência e ela não depende do Eu para ocorrer, porém o Eu depende da consciência. Por exemplo: um cadáver é puro corpo, a personalidade não é puro corpo, é corpo em relação situada no tempo e no espaço. É um corpo que entra em relação, puxado por uma possibilidade de ser. Essa possibilidade de ser é apanhada por uma consciência, só que quem encara é o Eu. A personalidade só vai sendo constituída a partir das consciências (experiências passadas).

Conforme Leone,

Essa unificação que a consciência faz, dando origem a um ser que não é ela, ela reúne, unifica as experiências passadas, por isso que a sua experiência de ser é sempre como tendo sido e podendo vir a ser, por isso que a constituição da personalidade implica a unificação do passado jogado para um futuro, que é uma possibilidade de ser (2000, p. 41).

4.3 A CONSTITUIÇÃO DO *EU*

A constituição do “Eu”, de acordo com Sartre (apud LEONE, 1997) é a reflexão que faz a ponte e estabelece as unificações das vivências do corpo e da consciência, dando possibilidades de aparecer o Eu, ficando claro que o Eu não habita a consciência, como já foi elucidado anteriormente. “[...] o Eu é a unidade dos estados e das ações – facultativamente, das qualidades” (SARTRE apud LEONE, 1997, p.12). Por isso, para que se tenha uma compreensão de como se constitui uma personalidade é fundamental compreender como se constitui os estados, as ações e as qualidades.

4.3.1 Os estados

É pela reflexão que ocorrem as totalizações dos estados, e esses se constituem a partir das apropriações que o homem faz (das coisas, dos outros homens, do mundo). Segundo EHRLICH (1996), os estados são constituídos a partir de uma história, de experiências irrefletidas que num certo momento foram tomadas pela consciência reflexionante, sendo ligadas ao passado e ao futuro de ser e foram totalizadas num determinado estado (ódio, amor). Em resumo, a constituição de um estado começa com as experiências irrefletidas, onde, como mostramos anteriormente, não há um Eu. Essas experiências mediadas pela reflexão são unificadas de modo a estabelecer uma síntese que articula passado e futuro. Tal unidade sintética é já o estado psicológico constituído, cuja consistência de ser é psicofísica, e que transcende: a) à consciência que unifica as experiências, b) à idéia que se possa dele fazer, e c), as próprias experiências que estão em sua base ontológica.

4.3.2 As ações

De acordo com Ehrlich (1996) as ações são atitudes, tarefas que a pessoa realiza, sem que sejam obrigatoriamente refletidas (ser professor, ser acadêmica), “[...] o homem aparece pelas suas ações. [...] ele se exprime inteiro na mais insignificante e mais superficial das condutas – em outras palavras: não há um só gosto, um só tique, um único gesto humano que não seja revelador” (SARTRE apud FRANCISCO, 1997, p.17). À medida que as ações vão acontecendo, pode-se ou não totalizá-las, colocando-as como parte do próprio ser. “As ações tais quais os estados, são unidades sintéticas de experiências passadas articuladas a um futuro. E que é necessário um tempo para se consumir”. (LEONE, 1997, p.14).

4.3.3 As qualidades

Quando se fala que se pode ou não totalizar certos estados ou ações, implica que podem tornarem-se qualidades do ser, ou seja, as qualidades não só totalizam as ações como também os estados, tornando-os características pessoais.

Depois de experimentarmos muitas vezes ódio a diferentes pessoas, rancores tenazes ou longas cóleras unificamos essas diversas experiências, visando uma disposição psicológica para elas. Essa disposição (eu sou muito rancoroso, sou capaz de odiar violentamente, sou colérico) vem-a-ser um objeto transcendente. Correspondem a substratos das experiências ou “Erlebnisse” (SARTRE apud EHRLICH, 1996, p.67).

Segundo Ehrlich (1996), é importante compreender que os estados e as ações não acontecem das qualidades, mas sim ao contrário, as qualidades são as totalizações dos estados e das ações concretas no mundo.

Por isso é que as qualidades são facultativas, é dizer, elas não são necessárias, como o são os estados e as ações para a constituição do Eu. Aliás, elas são segunda em relação ao Eu, no sentido que primeiro eu odeio Fulano, odeio Beltrano, odeio tal coisa, etc. Depois posso unificar tais estados num novo transcendente: rancoroso. (LEONE, 1997, p.15).

Como foi visto até aqui, percebe-se que para uma personalidade se constituir como tal, primeiramente precisa de experiências “[...] e que essas uma vez totalizadas constituem os

estados e as ações e que a totalização desses possibilita as qualidades” (EHRLICH, 1996, p.67). Uma vez que o Eu ou personalidade é sempre apreendido pela reflexão e é por ela também constituído, será sempre transcendente.

4.4 TEORIA DE GRUPO

A pesquisa de campo foi fundamentada nos pressupostos da teoria de grupo. Essa teoria aporta-se na teoria do desenvolvimento e na teoria da personalidade de cunho existencialista, segundo a qual o *homem* nasce nada e se faz no mundo, nas relações, constituindo seu ser através da indução mediadora das elaborações reflexivas de suas experiências irrefletidas, escolhendo e se essencializando. Isso se dá sempre num plano coletivo, ou melhor, dizendo, “[...] não é em nenhum refúgio que o homem se descobre, mas sim na rua, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens” (SARTRE apud ROSA 1996, p.51).

Para Lapassade (1989), Sartre oferece compreensões inteligíveis sobre a forma coletiva, ou melhor dizendo, sobre os grupos e seus processos: sua constituição, manutenção, evolução e dissolução e sua influência direta sobre a constituição de uma personalidade

O grupo para Sartre não é uma reunião de pessoas unificadas por fora, isso caracteriza segundo o autor uma *Série*, um coletivo de homens unificados pela exterioridade “A *Série* é uma forma de “coletivo” (quer dizer, um conjunto humano) que recebe do exterior a sua unidade” (LAPASSADE, 1989, p.227), ou como expressa Bertolino (2003), trata-se de região social, que inclui necessariamente a própria materialidade.

Para compreender como se constitui um grupo, faz-se necessário partir daquilo que ele não é, ou seja, um grupo. Pois bem, se não é um grupo pode-se dizer que é uma *Série*. E essa caracteriza-se pela falta de objetivos comuns, ações comuns que implicariam num projeto comum a esses indivíduos.

Exemplificando: Alguém está em casa com sua família e resolve ir ao cinema assistir um filme. Para conseguir comprar o passaporte de entrada ela encara uma fila de nada mais nada menos que cem pessoas. Essa pessoa é mais uma que junto com os outros caracterizam uma série de pessoas que partilharam por alguns momentos do mesmo objetivo, qual seja, assistir ao filme, porém nada mais os une além disso, sua unidade é dada por fora.

De acordo com Lapassade (1989), esse conceito de dispersão coletiva (série) caracteriza outro conceito, que é o de *Serialidade*.

Da Série passa-se ao conceito de serialidade. Esse conceito é útil para designar todo conjunto humano sem unidade interna. Trata-se, na realidade, de mostrar que, logicamente, e numa “gênese ideal” dos grupos, deve-se começar pela dispersão original dos homens, para deduzir-se, em seguida, o grupo, partindo do que não o constitui: da Série, ou seja, da dispersão dos homens. (LAPASSADE, 1989, p.228).

O autor quer dizer que para se compreender o que vem a ser um grupo faz-se necessário entender como ele se constitui enquanto grupo. A caracterização do grupo fundamenta-se nos objetivos comuns que seus participantes delineiam para si, dos projetos que traça, da reciprocidade de seus movimentos no mundo, com as coisas, e com os outros.

Para Sartre (1989), o exemplo mais puro de grupo é o grupo em fusão. Constitui-se a partir das necessidades emergentes de um aglomerado de pessoas (série), os quais traçam objetivos comuns, se unem por eles e se constituem para esse fim comum a todos. Essa unificação da série somente ocorre por se depararem com barreiras que inviabilizam seu ser, sentindo, assim, a necessidade de transcendê-las.

De acordo com Lapassade (1989), o exemplo a seguir, escolhido para elucidar o fenômeno do grupo em fusão ocorreu em 14 de julho de 1789.

A partir de 12 de julho o povo de Paris encontra-se em estado de insurreição”. Conhecem-se as “causas”: o frio, a fome, até agora vividos na impotência comum. Uma totalização fez-se, no entanto, no exterior, no governo, que constitui “a nossa unidade lá, na presidência do conselho”. E esse governo ameaça Paris, que se torna, primeiramente, “multidão ainda estruturada em alteridade a seu próprio exterior em busca de armas; o resultado é que o povo de Paris se armou contra o Rei”. [...], o grupo em fusão é a cidade. (SARTRE apud LAPASSADE, 1989, p.231).

O que caracteriza o grupo em fusão de acordo com Sartre é que cada um dentro do grupo é um terceiro, ou seja, “[...] cada um é o grupo, e o grupo está em cada um” (SARTRE apud LAPASSADE, 1989, p.232), cada pessoa no grupo em fusão é mediado pelo outro, ao mesmo tempo que é mediado pelo outro, ele mesmo é o outro e o outro é ele. Sartre afirma que:

[...] como mediador, cada um é uma “terceira pessoa” totalizando as reciprocidades. O grupo é apenas a mediação dessas mediações. [...] todos os membros do grupo são terceiras pessoas ao mesmo tempo que são todos socios em pares de reciprocidades de outrem. É isso uma das mediações que constituem os grupos. Assim eu não sou o único a realizar a operação totalizante que constitui o grupo. Essa operação é

também realizada por cada terceira pessoa (SARTRE apud LAPASSADE, 1989, p.232).

Outra característica do grupo em fusão, de acordo com Sartre (apud LAPASSADE, 1989), é que no grupo em fusão não é necessário que exista um chefe, líder ou comandante, todos são mediadores e mediados uns pelos outros. São guiados pelo movimento dos objetivos comuns.

Mas, o grupo em fusão corre o risco de retornar a serialidade, no momento que atingirem os objetivos propostos. E para que isso não ocorra, Sartre vai denominar o conceito de Juramento como mantenedor e sustentador do grupo. Essa sustentação fundamenta-se naquilo que Sartre chama de poder de uns sobre os outros, ou seja, para a manutenção de um grupo faz-se necessário que um esteja tecido num projeto de mediações entrelaçado por mais que objetivos comum. E isso somente ocorre através do juramento. Caso contrário o grupo se rompe.

De acordo com Sartre,

[...] é contra esse risco de ruptura do grupo que cada um deve fazer um juramento: jurar-se-á contra toda força “centrífuga”, contra o próprio risco de liberdade que interessa a cada um na medida em que é atraído para outra parte, por uma outra dimensão de si mesmo. O juramento será ditadura do mesmo em cada um” (SARTRE apud LAPASSADE, 1989, p.235).

Dessa forma, é correto afirmar que “o aparecimento da ser homem no meio do juramento equivale para ele a prestação de um juramento: todo indivíduo que aparece no interior de um grupo juramentado fica juramentado”.(SARTRE apud LAPASSADE, 1989, p.239). O que equivale dizer que o homem constitui-se ontologicamente a partir desse juramento que está fundamentado no meio em que ela se insere quando nasce e se desenvolve, (família, sociedade). O ser dela vai se movimentar em função desse juramento que lhe foi imposto.

O juramento é de acordo com Lapassade (1989), o nascimento do indivíduo comum no meio social (família, sociedade, instituições). “Esse juramento “fundamenta a instituição, mas não é em si mesmo, institucional”: ela é simplesmente um poder difuso da “jurisdição” no grupo”(LAPASSADE, 1989, p.235).

Voltando ao exemplo citado anteriormente, nota-se que aquela pessoa antes de ir para a fila do cinema, estava em casa com sua família (pai, mãe, irmãos, avó), e ela foi

lançada nesse agrupamento familiar⁸ constituindo-se um singular deste, qual seja, ao mesmo tempo em que é um singular irreduzível a qualquer outro do grupo familiar, também é um membro do grupo, é o que Sartre denomina *singular-universal*, isto é, só se torna singular psicofísico no interior do grupo, que constitui suas relações de mediação. Assim, ao contrário das relações sociais cuja unidade é dada por fora, num grupo as relações são de mediação de ser, qual seja, sua unidade é constituída ontologicamente pela própria interioridade do grupo, realizada num horizonte de um projeto de ser comum.

São essas relações que Bertolino (2003), denomina de *sociológico*. O sociológico não é portanto uma separação do social, mas uma transcendência do mesmo e o psicológico (personalidade psicofísica) é uma transcendência do sociológico.

⁸ Cabe ressaltar que se trata aqui de exemplo didático, isto é, não necessariamente todas as famílias movimentam-se como grupo.

5 METODOLOGIA

5.1 A PESQUISA

5.1.1 Algumas considerações sobre a pesquisa

A presente dissertação tem como metodologia norteadora os pressupostos contidos nas pesquisas: bibliográfica, de campo e exploratória. Entende-se, conforme Rauen (2006), que a pesquisa bibliográfica ou de referência consiste na busca de informações no acervo bibliográfico ou referencial da humanidade e, segundo ainda o autor, as pesquisas de campo e exploratórias adentrarão o objeto de estudo explorando-o em todos os perfis delimitados. A pesquisa bibliográfica foi utilizada para a construção do corpus teórico que dá suporte às análises dos dados colhidos na pesquisa de campo e exploratória.

Referindo-se a esses dois últimos tipos de pesquisa, Rauen (2006) diz que um estudo de campo é um estudo ou “[...] uma análise profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos, de modo a permitir o seu amplo e detalhado conhecimento”. (RAUEN, 2006, p.178). No momento em que o pesquisador se lança na investigação de um caso, buscando os detalhes e um aprofundamento dos conteúdos que este caso tem a elucidar embasados pelos processos da ciência, está efetivamente realizando os preceitos da pesquisa científica.

5.1.2 Procedimentos de campo: estudo de caso de grupo

Inicialmente, elegeram-se três obras de uma artista do projeto “Os artistas e seu lugares”, Marta Rocha, com um acervo de mais de cinquenta obras (50), consideradas, pela história do município de Araranguá (onde a artista nasceu) e de Florianópolis (onde ela vive atualmente), como representativas ao tema eleito. Realizou-se a pesquisa na cidade de Araranguá, com a participação de 21 mulheres, sendo que de antemão, foi eleito um grupo

(A) de 10 mulheres nascidas na cidade de Araranguá, residentes nos diversos bairros⁹ da cidade e de diferentes faixas etárias¹⁰. No segundo momento selecionou-se o outro grupo (B), composto por 10 mulheres participantes do CIARTI¹¹. Esse grupo foi eleito por serem seus sujeitos mulheres, adultas que se encontram na 3ª idade, já passaram pelas experiências da vida, e também porque o CIARTI abrange sujeitos de todos os bairros da cidade. Cabe aqui ressaltar que fizeram parte da pesquisa somente sujeitos que nasceram e cresceram na cidade de Araranguá.

O grupo A foi reunido em um consultório de psicologia (laboratório), onde foram apresentadas as esculturas (obras). Realizaram-se três encontros. Em cada um deles foi apresentada uma obra (escultura), nesta ordem: primeiro, “As lavadeiras”; segundo, “As marisqueiras”; e terceiro, “As leitoras”.

O grupo B foi reunido no espaço de recreações do CIARTI (laboratório), onde aconteceram também três encontros. Em cada um deles foram apresentadas as obras da artista Marta Rocha, seguindo a mesma ordem do *grupo A*.

Inicialmente, aconteceu a apresentação da proposta de pesquisa aos grupos e formou-se o contrato com os sujeitos dispostos a participarem dela. Também se estabeleceram o cronograma de encontros.

Em face de exigências metodológicas, uma preocupação foi levada em consideração quando de seus desdobramentos procedimentais: a natureza ética.

Conforme artigo 3º, inciso b do Código de Ética dos Psicólogos, a “penetração” na intimidade psicofísica pode desencadear nos sujeitos-objeto de pesquisa, processos que não estariam sob controle do pesquisador, no papel de observador, já que se tratava de pesquisa e não de intervenção. Por isso, somente a fala dos sujeitos veio à tona através dos relatos, sem que estes adentrassem além dessas informações.

Convém salientar que os elementos fornecidos pelos sujeitos pesquisados constituíram apenas a demarcação do fenômeno em termos universais; mesmo alguns dados que formam os elementos fundamentais que sustentam a compreensão e elaboração têm características universais, impedindo, dessa maneira, qualquer caráter de excessiva singularização e identificação. Todos os procedimentos estão de acordo com o Código de Ética dos Psicólogos (princípios fundamentais I, II, III, IV e V - artigo 30 incisos a, b, d – artigo 31 incisos a, b, d e fundamentalmente artigo 32).

⁹ Coloninha, Urussanguinha, Centro, Vila São José, Cidade Alta, Barranca, Nova Divinéia, Mato Alto.

¹⁰ De 18 a 47 anos para o grupo A e acima de 65 anos para o grupo B.

¹¹ CIARTI (Centro Integrado de Atividades Recreativas da Terceira Idade)

A partir dos relatos coletados e com fundamentação nas reflexões de Bakhtin e Sartre, foi procedida a análise, com a arte de Marta Rocha, na busca de identificar a constituição do feminino como consciência das vozes sociais, suscitar reflexões sobre arte, discutir, a partir de aspectos da história das mulheres, a edificação do feminino araranguaense.

5.1.3 A técnica

5.1.3.1 História Oral

A história oral apresenta muitas definições, dentre elas destaca-se a que considera como registro de informação as lembranças de vida de sujeitos, que ao focalizarem suas consciências, constroem também uma visão mais concreta das várias etapas da trajetória do grupo social em que estão inseridos.

Embora seja um procedimento um pouco recente no meio acadêmico, cabe ressaltar que através dos séculos, os relatos orais têm exercido um papel considerado relevante para o meio científico, por serem o registro da memória viva, de uma comunidade, de uma família ou de uma pessoa. Sabe-se que efêmeras podem ser as expressões, os gestos, as elucubrações da fala, os sentimentos, enfim, a linguagem como um corpo ou como alma nas relações sociais e culturais se não houver a força da subjetividade e da autenticidade do narrador na sutileza da língua falada.

A história oral, para Meihy (1996), é constituída numa relação entre entrevistador, narrador e o recurso da gravação. Essa autora afirma que a história oral é

Um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 1996, p.15).

Cabe à história oral registrar a memória viva, emoções e sentimentos das pessoas das diferentes origens sócio-culturais. Ela tem a possibilidade de construir uma imagem do passado mais abrangente e dinâmica, assim como também oportuniza que sujeitos

pertencentes às categorias sociais geralmente excluídas da história oficial possam ser ouvidos, e que as gerações futuras contemplem as análises registradas e contextualizem a visão de mundo da classe cultural daquele contexto com o grupo social atual. A história oral se estabelece segundo alternativas que privilegiam os depoimentos como centro dos estudos, tratando de focalizar as narrativas como ponto central das análises.

O modo como o sujeito constrói sua história oral, os aspectos de suas consciências e de sua forma de agregar significações ao relato, propiciam para a pesquisa a descoberta de costumes e hábitos, assim como, através de histórias pessoais e coletivas ou familiares escondidas ou suprimidas pode-se pensar em reabrir capítulos da História.

A história de vida é importante como memória coletiva do passado, consciência crítica do presente e premissa da ação futura. Sem memória coletiva não há projetos nem sujeitos da história. Reconstruir a memória coletiva do grupo primário é reconstruir a sua capacidade de agir, de reviver.

De acordo com Meihy, a história oral

[...] é um instrumento de pesquisa que valoriza a obtenção de informações contidas na vida de uma ou de várias pessoas e pode ter forma literária tradicional como memórias, crônicas ou relatos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo das épocas ou períodos históricos. [...] Podem ter forma autobiográfica, onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. Pode ser um discurso livre de percepções subjetivas ou recorrer a fontes documentais para fundamentar as afirmações e relatos pessoais. (MEIHY, 2002, p.47).

Quanto às interferências por parte do pesquisador, elas podem existir ou não, depende dos resultados que se quer atingir. No caso desta pesquisa, optou-se por não interferir nas narrativas dos sujeitos pesquisados, a fim de manter pressupostos do projeto, a saber: quais das vozes sociais do feminino local são evocadas a partir da apresentação das obras da artista Marta Rocha. Tomaram-se também cuidados quanto aos locais eleitos para a aplicação da experiência e com o recurso de gravação utilizado para que outros fatores não se tornassem variáveis intervenientes.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

6.1 RELATOS/NARRATIVAS/HISTÓRIAS GRAVADAS E TRANSCRITAS

Os relatos/narrativas/histórias que se transcrevem a seguir se apresentam-se de maneira ordenada, de acordo com a posição das entrevistadas, ou seja, cada integrante se dispôs em um assento no grupo e a ordem foi posta de A1 a A10 para o grupo (A) e de S1 a S10 para o grupo (B) e para o pesquisador a letra P. A primeira obra apresentada foi “As lavadeiras”, em seguida foi apresentada a obra “ As marisqueiras” e, no terceiro momento, a obra “As leitoras”.



Figura 03 – Obra “As Lavadeiras”
Fonte: Dados da pesquisadora

Quadro 01 - Relato Grupo A – Obra “As lavadeiras”

P: Essa obra é da Artista Araranguense Marta Rocha, que trabalha com composição de restos marinhos (conchas, areia e outros) e que cria imagens de mulheres.

A1- O que vejo é uma imagem de mulheres. Estão conversando, acho que são lavadeiras de antigamente. Não sabemos se era tão difícil, mas acho

que elas eram felizes porque não conheciam outros métodos ou nem sonhavam com máquinas de lavar, água encanada e tudo o mais. Quando a gente não conhece não sabe. Sabe lá o que vem no futuro. Acho que nem vamos mais lavar roupas, nem máquina, acho que vão ser descartáveis. (Risos). Mas acredito que não era muito fácil não. Eu ouvi falar da minha mãe que a mãe dela, minha avó, vivia assim. Lavava roupas na fonte e no rio. Mas minha mãe era costureira e fazia doces para vender na venda de meu tio. Achei essa escultura muito bem feita, essa artista parece que é muito boa, nossa! Minha vida é bem diferente. Eu trabalho em uma empresa e vou para casa, tenho máquina de lavar, água encanada e fogão a gás. Minha mãe também tem conforto igual. Mas acho que a vida dessas mulheres não era muito fácil não. Não que a vida das mulheres de hoje seja tão fácil assim. Às vezes elas trabalham mais. Eu só sei que prefiro essa vida. (Risos). Muito linda essa imagem.

A2: Minha vó falava que lavava roupa assim, minha mãe também falou. Nossa que imagem bonita, bem feitinha. Eu queria dizer que sei muito pouco dessa historia. Só ouvi falar, graças a Deus. Já imaginou do jeito que eu tenho medo de rio e de água assim parada. Acho que essa fonte tá cheia de bichos. Minha mãe tem uma marca na perna de uma mordida de cobra lá do meio do mato que ela morava. Era lá no Manhoso, perto do Morro dos Conventos. Ela morava lá com minha vó e meu vô. Falando em trabalho, eu acho que nós de hoje também trabalhamos muito. Eu trabalho desde os 15 anos. Eu comecei como empregada doméstica e fui estudando bastante e cheguei a dar aulas mas não gostei muito. Hoje eu faço aquilo que gosto mais. Eu me formei em Pedagogia e não atuo. Eu trabalho hoje com vendas que dá mais dinheiro. Nossa vida é mais prazerosa, eu acho. Minha mãe reclamava da vida, dizia que ela não teve oportunidades, que no tempo dela as coisas eram muito difícil. Tudo era muito trabalhoso. Ela tinha que fazer comida e lavar até os pés do meu pai que era costume a mulher ficar assim de escrava do homem. Hoje eu não faria isso de jeito nenhum. A vida para mim não é fácil, mas também não acho difícil. Eu já casei duas vezes e não me arrependo não. Não dá com um dá com outro. Procuro ser feliz do meu jeito. Esse casamento hoje tá bom, amanhã não sei. Só por Deus, só ele vai dizer se vai dar certo ou não. Cuido de mim e de meus dois filhos, que amo demais, apesar de deixar eles na creche todos os dias para poder trabalhar. A creche é particular, eles têm 3 e 5 anos. São lindos os meus pimpolhos. Mas eu acho que a vida delas, dessas mulheres não era fácil não. Eu prefiro a minha vida. Dessa forma que eu vivo tá bom.

A3: Nossa, nem fala, eu nem lavo as minhas roupas. Também tenho medo de rio, lagoa. Mas ouvi a minha tia falar que ela e minha mãe ajudava a

vó a estender as roupas lavada na fonte. Ela fala que tinha muitas dessas lagoinhas de lavar ali na Urussanguinha. Minha mãe morou ali muito tempo. Eu nasci ali, mas a gente se mudou quando eu tinha 6 anos. Lembro pouco do lugar, tinha ali perto um lugar que eles matavam bois e eu tinha dó deles, dos bois que gritavam demais. Meu pai trazia para casa as patas dos bois e a cabeça para minha mãe cozinhar para nós. Era muito filhos que minha mãe teve, oito no total. Ela trabalhava em casa e lavava roupas para fora. No começo era na fonte, depois ela comprou um tanque de cimento e meu pai fez um poço e ela tirava água dali com a lata e enchia o tanque e depois levava as roupas para as mulheres da cidade. Eu lembro que a água era muito suja, caía sapo dentro do poço e meu pai tinha que fazer uma janela grande para tapar a boca do poço. Ainda bem que esse tempo já passou. Sou grata a minha mãe pelo que ela fez por nós, e hoje eu trabalho para cuidar dela. Ajudo bastante, a aposentadoria dela não dá nem para ela conseguir sobreviver. Meu pai também é aposentado da lavoura e ganham pouco, meus irmãos também ajudam e a gente luta bastante. Eu não conheço muita da história das lavadeiras da fonte, mas acho que a maioria das mulheres não tinham outra opção de lavar não. Era assim mesmo. Eu acredito que as coisas melhoraram muito, mas as mulheres ainda continuam a lavar roupas sempre. Eu não lavo porque não tenho tempo, mas eu tenho uma diarista que vem lavar e passar as minhas roupas e de meu marido, toda semana.

A4: Não lembro de fatos concretos sobre isso. Mas minha tia às vezes fala que temos vida boa, e minha mãe fala que com elas era bem pior. Imagino agora como pode ter sido a vida das minhas avós. Nossa! Tadinhas! Mas acho bonita essa viagem, Sandra que tu tá fazendo no tempo das minhas avós e da minha mãe. Acho que é pra gente se conscientizar que a vida já foi difícil. Eu penso que elas não sabiam nem pensar sobre a vida delas se podia ser diferente ou não. Será que imaginariam que um dia essa cena aí da obra dessa artista seria escultura? Ou será que ainda tem mulheres que lavam roupas assim? Nossa que momento filosófico. Nunca tinha parado para pensar dessa forma. Não sei se é assim mesmo que as pessoas vêem o passado. Eu queria dizer que através da fala das outras mulheres, eu quando assisto tv e reflito sobre as cenas da vida das mulheres fico indignada por saber que elas não tiveram tempo nem para cuidar delas, ir no salão de beleza, então, nem pensar. E fazer as unhas? Eu me cuido, passo protetor todo dia, uso batom passeio de carro. Com o carro que meu marido me deu de presente. Minha mãe cuida do meu menino de 5 anos e ela adora ele. Hoje ela tem tempo porque já criou a gente e estamos todos casados. Eu sou a mais nova e tem mais dois irmãos também casados que moram aqui

na cidade. Eu queria tirar uma foto dessa obra. Será que depois tu deixas? Minha mãe e minha tia vão adorar.

A5: Eu era pequena, mas lembro de uma fonte grande que tinha ali perto de casa na Coloninha, perto do mercadinho, venda da dona Liça e minha mãe mais a minha tia ficavam assim, nessa posição, de bunda pra cima e lavavam muita roupa. Não me recordo de muita coisa não...Eu e minha prima brincava ali perto com a espuma do sabão na lagoa e a gente brigava muito. Um dia eu e ela tava se pegando nos cabelos uma da outra e minha tia e minha mãe pegaram a gente de vara, porque a vara ficava do lado delas, assim, se incomodasse apanhava. Meus primos brincavam de pegar e de bolinha de gude, era uma brigaçada, a gente encomodava mesmo. Eu cuidava às vezes de meu irmão e de minha irmã pequena para a mãe ir para a fonte. Depois a gente cresceu e a gente mudou para a Vila São José. Ali meu pai colocou a gente na escola e eu jogava bola com os meninos e eu era brigona mesmo. Eu também gostava de ajudar a vizinha da minha mãe a cuidar do menino dela, minha mãe e minha vó brigavam comigo, porque a mulher, essa vizinha, era considerada vadia (prostituta) e eu não podia ir na casa dela. Mas eu gostava muito do bebezinho, ele tinha um aninho. Depois eu fui estudando e acho que era boa aluna, mas não deu para fazer faculdade. Eu ainda quero fazer uma. Estudei até a 5ª série e depois casei. Até hoje cuido dos filhos e da casa e de vez em quando faço umas faxinas em algumas casas, mas acho que minha vida é bem melhor que da minha mãe e da minha tia, sem falar da minha vó porque eu tenho até máquina de lavar roupa. O que mais eu posso dizer? Acho que era isso.

A6: Nossa, eu me lembro da minha mãe carregando um balaio e muitas trouxas de roupas para lavar na fonte do seu Belizone, às vezes a gente tinha que ajudar ela a carregar. Ali perto tinha uns pé de bergamota era a maior alegria, a gente subia no pé e apanhava e matava a sede, pois não tinha água ali para a gente tomar. Era somente água da fonte e tinha muito bicho dentro dela: sapo e cobra. Por falar em vida boa, eu posso considerar a minha vida boa, mas ainda acho que trabalho bastante. Olha só eu trabalho em casa e também no meu emprego. Eu pego às 8 horas da manhã na empresa, na função de secretária e saio às 6 horas. Vou para casa e limpo tudo, faço comida para a janta e coloco as roupas na máquina de lavar. Depois eu assisto a novela das 8 e meia, vou dormir cansada mais muito feliz, pois me considero uma pessoa realizada, tem gente que não tem nem trabalho. Quero um dia ter filhos e poder dar para eles ainda uma vida ainda melhor. Eu não sei, mas acho que minha mãe, minha avó e também essas mulheres aí não tinham muita saída de outras oportunidades. Na época dela existia muito preconceito e as

mulheres tinha mesmo era que ficar em casa. Hoje a gente é mais livre, mais trabalho, mais independência.

A7: Achei muito linda essa escultura. Acho que tem a ver mais com minha mãe. Ela um dia falou que a vida dela não era fácil, que carregava água da fonte na lata para poder beber e que também lavava as roupas lá. Minha vó que falava muito que nossa vida era mais fácil que a dela e que a gente não dava valor. Minha vó falava demais, reclamava muito da vida dela. Acho que elas passaram muito trabalho. A estátua passa para mim um momento que nunca parei para pensar, não imaginava que era assim. Parece mesmo que elas estão conversando uma com a outra. Era assim mesmo? As roupas que elas estão usando parece o lenço da minha vó. Minha vó morou com a gente quando ficou viúva e depois foi para casa da minha tia. Ela falava que minha mãe não sabia educar eu e minhas irmãs. Nós íamos para a escola e depois só lavava a louça e ia para a frente da tv. Ela ficava louca, dizia que era pra gente ir trabalhar, fazer alguma coisa. Ela fazia tricô e crochê e ainda de vez em quando fazia uns artesanatos de palha da beira do rio. A gente mora na cidade hoje, mais já moramos muito tempo no interior, lá nas Canjicas, também morava no Arroio do Silva e depois viemos aqui para o bairro Cidade Alta. Mil vezes aqui. Não gosto muito do mato. Sou bicho urbano. Se eu tivesse que viver da forma delas, assim, desse jeito, acho que seria muito ruim, não queria voltar a esse tempo. Deus me livre. Nossa, eu quero ser assim mesma.

A8: Mais ou menos parecida essa historia. Acho que as únicas chances das mulheres daquela época era a de todas né? lavar roupas desse jeito na fonte ou no rio. Não tinha outra saída. Às vezes tinha que trazer água da fonte ou do poço e lavar na gamela grande, era assim de madeira. Nós morava ali na Urussanguinha e tinha muita fonte ali. Eu não recordo muito não, mas sei que era assim mesmo, pois as mulheres da minha família falam disso. Falam não, já falaram. Agora nunca mais ouvi. Minha mãe é que quer fazer um museu lá em casa. Ela guarda aqueles ferros de ferro e aquelas chaleiras também do tempo em que ela era criança. Era tudo muito pesado. Ela tem um porta-panels que é muito engraçado. Daí ela guarda também as fotos da família dela. Eu não curto muito essa onda não. Meu negócio é tecnologia, tudo que posso eu tenho e quero adquirir mais. Não quero é fazer muita força não (risos). Eu ainda não trabalho porque estudo. Mas um dia vou trabalhar e ter mais recursos para ficar mais tranqüila. Minha mãe e meu pai me sustentam. Eles são separados e cada um deles banca a metade de meus custos. Era assim que elas viviam, mas não vai ser assim que eu vou viver. Eu quero mais é ver essa história num museu mesmo. Vou me formar daqui a 2 anos em Direito e quero ser juíza federal, depois sim, casar e ter filhos, caso não possa ter por

falta de tempo, vou adotar. Mas quero vida com conforto. Assim posso estudar me realizar e ser feliz.

A9: Realmente impressionante, como fala a Gimenes, essa obra é bonita demais. Muito artista essa Marta. Eu era pequena mais me lembro sim. Eu morava ali na barranca e via as mulheres lavando roupas no rio. Eu nunca lavei não, mas minha mãe lavou e ela disse que a minha vó era lavadeira para fora. Lavava a roupa do povo da cidade. Que bom que hoje tem máquina, né? A mamãe não tinha. Ela sempre reclamou que um dia ia ter uma. Hoje ela tem, nós demos para ela uma daquelas boas que lava e torce. Nós fomos estudar para trabalhar em outro serviço. Eu estudava à noite e de dia trabalhava meio período de estágio num banco. E eu lembro que eu não suportava essa cidade, achava tudo chato. Eu queria expandir ir para o exterior. Minha irmã até foi, ela mora lá e trabalha em tudo que a gente imaginar. Eu não fui porque não tive visto. Daí eu encontrei meu amor e nunca mais pensei em sair daqui. Eu queria era sair para crescer. Meu namorado na época tinha uma padaria e aí nos casamos e até hoje, vinte e sete anos depois ainda tamo casados. Só que a padaria não deu certo e a gente trabalha um em cada trabalho diferente para ajudar a criar os filhos. Mas a gente se ama muito. E isso vale a pena. Mas não queria passar trabalho igual a essas aí não. Eu ainda sou a favor dos dias de hoje.

A10: Pode ser também que retorne a antiguidade. Do jeito que andam as coisas, pode faltar energia, água e tudo o mais. A natureza pode acabar com essa mordomia, gente. Eu não queria ser pessimista, mas não tem jeito. Lá em casa de vez em quando falta água, tem dia que falta energia. Eu tenho receio sim, que voltaremos ainda um dia a fazer uso desses recursos aí, da fonte se tiver fonte, rios também se tiver rios. Mas se a gente não cuidar, a gente vai deixar esse patrimônio para os nossos netos. Eu lavo um pouco de roupa na máquina e o que posso eu lavo na mão. Também economizo bastante energia pois o preço tá pela hora da morte. Lá em casa é só o meu marido que trabalha e os meus filhos. Eu fico em casa e cuido de tudo. De vez em quando eu vou para a casa da praia descansar e pescar, mas eu gosto mesmo é de ficar em casa. Adoro ficar em casa. Minha mãe trabalhava em casa e eu via ela reclamar, eu não, eu prefiro ficar ali. Já pensou se eu não cozinhar quem vai fazer aquilo que eles gostam, e eu adoro cozinhar. Às vezes eu pago uma faxineira para me ajudar a limpar as coisas grandes. Final de semana eu vou no salão e faço a unha. Acho que essas mulheres não tinham preguiça não. Elas eram mulheres e já basta para a gente ter que fazer serviço de mulher. Vejo tanta gente vadia hoje que não querem nada com nada. Tem que ter mais força de vontade, mais religião e, sendo assim, mais amor.

Eu adoro ser do jeito que sou. Não quero sair de casa e ir para o trabalho todo dia, todo dia. E a minha casa e os meus filhos e meu marido? Nem pensar. Se a gente não cuida, outra vem e pode querer cuidar (risos).

A10: Nossa, nem pensar gente. Vamos pensar que essas senhoras aí lavando as roupas estão falando assim ó: essas aí nos observando pensam que é fácil ser mulher. Será que não têm roupas pra lavar? Por que não vão trabalhar? (risos). Olha só gente, tô brincando, mas acredito que mesmo com esse trabalho, ainda prefiro ser mulher. E olha que hoje a gente trabalha muito mais que os homens né? Eu conheço mulheres que trabalham na roça, ainda, e cuidam da casa e dos peão fazendo misturas, depois ainda dão conta dos filhos e da casa toda, roupas e tudo mais. Ali na Sapiranga é assim. Têm parentes que fazem isso. Minha mãe não faz mais, mas já fez igual. Hoje a vida de muitas mulheres já mudou graças a tudo. Eu também trabalho, sou professora 40 horas na prefeitura e de vez em quando fico muito cansada, mas não reclamo de ter nascido mulher. Penso que os tempos difíceis já passou, tenho meu carro e vou trabalhar tranqüila. Antes era feio de penar eu acho. Minha mãe percorria um trecho enorme para dar aulas de bicicleta pois nem ônibus ia para aquelas bandas lá da Volta Curta. Tudo era mais sacrificoso. Vou ficar feliz se um dia alguém contar a história das professoras. Quem sabe tu não faz isso Sandra na tua pesquisa de doutorado? Pelo que te conheço, tu não vai parar de estudar nunca né? Lembro quando a gente estudava que tu dizia sempre que estudar não derrete o cérebro e que a gente ficava mais inteligente para a vida. Eu parei ali no Magistério e na pedagogia, não tenho mais vontade de voltar, não. Mas é muito bom participar dessa tua pesquisa.



Figura 04 – Obra “As Marisqueiras”

Fonte: Dados da pesquisadora

Quadro 02 - Relato Grupo A – Obra “As Marisqueiras”

A1: Essa é uma escultura de casquinhas de mariscos e pequenas ostrinhas. E se chama marisqueira, é isso, né? Acho que no Arroio ainda tem bastante desses branquinhos aqui, mas não tem mais desses grandes. Ostras nem pensar. Não tem mais não. Acho que as marisqueiras eram mulheres fortes como as lavadeiras. Elas catavam mariscos para sobreviver. A vida delas era essa, acho.

A2: Eu adoro marisco. Marisqueira é quem mora na praia né? Acho que ainda tem gente que cata marisco, porque no verão passam lá em casa vendendo aqueles pequenos. Quando eu era pequena fazia castelinho na areia da praia e brincava com esses mariscos pequenos. A gente vai pra praia do Arroio só no verão, porque todo mundo trabalha aqui na cidade. Minha mãe diz que quando se aposentar vai morar lá para viver na beira

do mar. Eu gosto muito do mar, ele lembra minha infância.

A3: Eu lembro que quando eu tinha oito ou nove anos a gente ia de caminhão para a praia. Meu pai apanhava muito marisco e a gente descascava, e minha mãe fazia ensopado com batata. Um dia também foi muito legal. Tinha uma discoteca lá no Arroio chamada Tropicália e era muito legal, Teve um dia que fomos de carona com o pai de uma amiga eu mais 4 amigas para dançar. Eu tinha 14 anos e meu gatinho tava lá me esperando. Fomos e dançamos, beijei ele a tarde, toda e quando terminou eu e minhas amigas, fomos dormir na casa da mãe de um colega, o Luciano, a mãe dele tinha feito arroz branco bem papado e uma panela de marisco com batatinha. Nossa, mas foi bom aquele dia! eu comi muito. No outro dia quando voltamos para casa eu apanhei, porque não avisei minha mãe que ia dormir lá. Não tinha telefone nem celular né? Como as coisas eram mais difíceis! Hoje é tudo mais tranquilo.

A4: Nossa, eu também ia nessa discoteca, mas que virou barzinho. Era muito legal, ficava à beira mar e a gente ficava na sacada observando o mar, era muito lindo. Eu lembro que uma vez a gente veio a pé embora depois da festa de lá até aqui em Araranguá. Lá a gente saía e ficava todo mundo reunido na frente da Tropicália namorando com a gurizada que vinha de fora. Tinha muito gaúcho e muito argentino naquela época no Arroio. Os guris daqui também eram demais. Ah! Época boa gente! Me diverti muito. Tenho saudades.

A5: Eu não gosto de marisco. Tem muita areia e faz barulho quando a gente come. Mas achei linda essa estátua. O vestido bem feito. Acho que essa artista é muito boa, perfeita. Eu gosto de vestidos bonitos. Se eu pudesse eu me arrumava melhor. Eu sonho que um dia vou tirar na loto e comprar um monte de roupas bonitas. É claro que as marisqueiras mesmo não andam assim. E mais um vestido de praia e velho que esse aí que tô vendo. Mas acho que é um jeito de ganhar a vida. Mas não conheço muito das historias delas não.

A6: Eu também brincava de fazer castelinho na praia e minha mãe catava os mariscos para eu e meu irmão brincar. As casquinhas das ostras também. Mas eu gosto muito de marisco. Ele tem um gosto bom, um gosto de mar. Se desse eu morava na praia, más e muito longe e eu preciso trabalhar aqui na cidade. Um dia quem sabe eu mudo para lá, mas por enquanto preciso pensar por aqui. Quando eu posso nos fins de semana, eu vou lá no Arroio e coloco os pés no mar, dou uma bela caminhada e depois volto pra casa descansada. E só isso que sei falar dessa marisqueira. Lembrei de uma prima que morava direto lá na praia, e a turma chamava ela de marisqueira e ela ficava brava demais. Tem também um grupo de músicos chamado Los Marisqueiros. Eu não tenho nada contra. Gosto de

marisco e do mar. Tenho saudades da época de criança. Muito bom mesmo brincar na areia da praia.

A7: Essa marisqueira parece que tá mesmo vendendo marisco. Tem cara de mulher batalhadora, daquelas que eu via passar lá em casa no verão. Elas passavam vendendo mariscos e bolinho de peixe. Meu pai comprava. Eu e meus irmãos fazíamos uma festa. A nossa família se reunia e se reúne ainda no verão. A nossa casa era dividida por mais dois tios que construíram juntos, então era bastante gente, era a casa da família que a gente já morou lá. . Essa mulher que vendia, fazia a grana quando passava lá para vender os mariscos dela. Mas também a gente às vezes ia pegar também. Lembro que minhas tias e minha mãe também eram bem marisqueiras e minha vó adora descascar e cozinhar para nós. Gostei de lembrar disso. Semana que vem vou lá na praia e vou ver se tem mariscos ainda.

A8: Minha infância passei na casa dos meus avós que moravam no Morro dos Conventos, e mais ou menos com seis anos, eu lembro que eles me levavam para o mar com eles para catar marisco e pescar. Era bastante que eles traziam de carroça e eu vinha brincando com os caramujos e com os mariscos. A vó fazia eles com farinha, era bem bom. Hoje a gente ainda vai para o Morro. A casa tá lá, mas é só pro verão, mas eu não vou mais com eles para o mar. Acho que abandonei um pouco eles. Meu vó ainda pesca, e minha vó compra os mariscos porque não tem mais para catar. Eu vivo estudando. Mas acho que lembrar tá me fazendo gostar da minha infância. Não é fácil ser filha de pais separados. Eu tive uma época que fiquei mais ligada na família da minha mãe, hoje vejo que também tenho que dar atenção aos meus avós paternos que estão um pouco abandonados. Mas agora no verão vou para a casa deles. Daí vou convidar eles para pescar e ir para a praia. Vou ver. Acho que é isso.

A9: Para mim, o marisco sempre foi bom e gostoso. Um dia nossa família foi para a praia da caçamba fazer um piquenique. Íamos de caminhão com seu Jaime, lá da Vila São José. Quando chegava lá, a gente jogava bola na praia, corria o tempo todo pelos combros da praia. Quando chegava a hora de comer, a gente se reunia embaixo de uma lona grande para se proteger do sol, e aí a gente comia marisco quentinho que meu pai cozinhava num fogo de chão, junto com frango, farofa e tudo o que mais tinha direito. Era um dia de muita festa. Vínhamos para casa queimada do sol e do vento. Naquela época não tinha protetor ou a gente não sabia que tinha. Mas era muito legal, e é bom lembrar dessas histórias, Sandra. Faz muito bem até para a gente ver que antes a natureza tinha tantas coisas que hoje não tem mais. Pena!



Figura 05 – Obra “As leitoras”

Fonte: Dados da pesquisadora

Quadro 03 – Relato Grupo A – Obra “As Leitoras”

A1: Eu acho lindas essas obras, aliás todas lindas. Mas essa aqui me lembra que tenho que estudar muito para o vestibular. Bem que eu queria estar com a tranquilidade, que ela parece que tá lendo. Eu gosto de ler mais ou menos. Às vezes eu leio. Agora tô lendo o *Código da Vince*, muito bom. Mas o que não gosto é de ler aquele monte de literatura para o vestibular. Tenho que trabalhar também. Então essas imagens são lindas mais me lembra compromisso.

A2: Eu não tenho essa preocupação, graças a Deus. Mas quanto à leitura, eu gosto de ler sim, mas prefiro os filmes dos livros né. Tudo mais fácil e mais rápido. Essa escultura parece aquelas mulheres do passado. São brancas e só viviam lendo os bons livros. Numa aula a gente da faculdade viu essa condição dos estudos e era pra bem poucos. Eu hoje leio muito técnicas de vendas e faço, sempre que posso, cursos de aperfeiçoamento.

Mas essa imagem parece mesmo daquelas mulheres da alta sociedade que a gente conhece. São muito tranquilas e parecem felizes, lendo. Faz tempo que não leio um livro, assim, para relaxar, só para trabalhar. Mas penso em no futuro repousar e ter tempo para cuidar mais de mim. Assim dessa forma. Mas de uma coisa a gente pode estar certa: sem leitura a gente não chega a lugar nenhum. Eu quero assistir a um filme que me indicaram. Se chama *em Busca da felicidade*. Parece que é de luta de vida, uma pessoa sofre para chegar onde quer chegar. Vou ver essa semana. E um livro que quero ler é o *Código da Vince*, mais ainda não deu tempo para comprar, pois acho muito caro. Não sei se era caro ou é caro ainda.

A3: Era não. Eu acho que ainda é. A gente não tem muita chance para ler e estudar hoje e nem para comprar tantos livros e nem tempo. Olha essa mulher, parece que ela não se preocupa com nada, só com o livro. Eu tô lendo e tô pensando em várias coisas, nossa. Mas eu estudei e vou fazer faculdade ano que vem. Se der tudo certo e eu permanecer nesse emprego e se minha chefe me liberar mais cedo, quero começar faculdade de Educação física. Meu marido já é formado e falta eu. Mas para isso acontecer, temos que economizar um pouco mais. Sempre que dá tempo eu leio jornal na empresa. Mas a maioria das informações é através do computador e da tv. Mas não é ruim não. Eu gosto do jeito que vivo.

A4: Bom, eu até que leio bastante. Acho que leio demais. Até bula de remédio eu leio. Às vezes eu me paro a pensar: será que faz bem ou não ler demais? Essas mulheres lendo me desperta. Acho que nós mulheres, evoluímos depois que aprendemos a ler mais. Antes era uma leitura direcionada pela educação vigente. Hoje nós temos vários tipos de leituras, todas as categorias, desde *Bruna Surfistinha*, *Kama Sutra* até a *Bíblia*. Adoro essas variedades. Mas sou seletiva, só leio os clássicos que eu escolho. Leio obrigada, só o que a escola pede. Na faculdade que tô terminando não pedem muita coisa, não. Mas acho essas leitoras lindas.

A5: Sei ler, mas tenho vergonha de ler em público. Acho que gaguejo. Mas essas leitoras parecem estar sonhando com a história do livro. Acho que é um romance, daqueles bem apimentados que fazem a gente chorar, suspirar. Por que vamos ser sinceras né meninas? Nós viajamos quando lemos um romance, parece que é vida real. Eu mesma já li muitos que esquecia até de comer. Ficava ali imaginando aquele homem alto, olhos azuis, inteligente, tudo de bom e ainda por cima rico, né? (*risos*) como sou romântica, gosto dessa obra.

A6: Quem não leu gente? Eu amava ler aquelas revistinhas Júlia, Sabrina, Bianca, Fotonovela. Agora eu leio outras leituras, mas antes eu gostava até de gibi do Tio Patinhas. E sabe o que eu fazia? Eu ajudava a minha

mãe a lavar a louça e depois eu ia para o quarto e dizia que ia estudar matemática. E aí eu pegava as revistinhas e passava a tarde inteira lendo. Era uma por dia. Aprendi a ser mais sonhadora e mais sensível, lendo esses romances. Isso tudo antes de começar a trabalhar. Hoje, sempre que posso, depois de tudo o que faço até me arrisco a ler alguma coisa, mas ainda é basicamente filmes que assisto. Eu, nas férias, quando consigo ter e quando estou sozinha, muito raro acontecer isso, eu leio alguma coisa que pego emprestado da minha prima que compra muito livro.

A7: Eu não tinha muito tempo para ler, mas a minha professora me emprestava os livros dela para eu ler nas férias. Eu trabalhava muito de dia e estudava à noite. Então, lia nas férias. Não era com essa tranquilidade não. Meus irmãos vinham para cima incomodar, para eu brincar com eles e eu tinha que largar os livros e ir brincar. Às vezes minha mãe ia para perto de mim para saber o que eu tava lendo. Ela dizia que estudar demais a gente ficava louca, nunca entendi isso. Mas eu lia sempre que podia. E hoje eu leio mais que antes. Eu gosto de ler.

A8: Gostar, gostar, eu não gosto muito. Mais lia quando a professora mandava, na escola. E quanto à escultura, eu acho que tá mostrando a vida boa das mulheres daquela época que podiam ler sem compromisso. Eu hoje leio um pouco o Código Penal e civil e de vez em quando eu leio auto-ajuda. Mas eu prefiro assistir filmes, do que ler me cansa muito. Aliás estou sempre cansada. Acho que é por causa da faculdade, muito puxada. Mas se quero atingir minhas metas tenho que estudar muito. Eu um dia vou viajar e não quero chegar perto de compromisso de estudo por um bom tempo. Desculpe gente, mas é que hoje tô cansada, pois estudei a semana toda para uma prova. Mas são lindas, sim essas obras.

A9: Eu tenho em casa guardada minha primeira cartilha da primeira série. Eu olho hoje para os meus filhos e é tudo separadinho as letras. Naquela época era o texto inteiro. A gente não tinha muito que, não. Tava ali e tu tinha que dar conta do texto na ponta da língua no outro dia. Eu lia e leio muito ainda. Mas tô sentindo o peso da idade, não enxergo quase nada, tenho que usar óculos de grau. Essa imagem da escultura me passa coisa boa. Parece mostrar assim, ó: olha eu aqui sentada e aprendendo para depois colocar em prática o que aprendi. Eu faço isso. Leio para aprender. E sempre lutei para os meus filhos aprenderem também. Acho que estudo faz muito bem, a gente pode mudar muito se a gente ler bastante.

A10: Eu quero, contar uma coisa para vocês. Sabem aquelas revistinhas que elas tavam falando? Então, comigo foi assim. Eu lia uma por dia mais ou menos. Era uma concorrência eu e mais três amigas, nós tínhamos coleção. A gente trocava pra ler. E cada história era única. Assim, a

gente não repetia. E eu era sempre muito exigente com os meninos, porque eu buscava encontrar um igual os da revista. Lembro que eu saía para as festas e os meninos me olhavam e eu ali, procurando o homem da revista, com todas aquelas características das revistas: alto, moreno ou loiro de olhos azuis ou verdes, cabelos soltos, sempre com um enigma, rico, e tudo o mais que a gente sabe. Então eu ficava a procurar e com isso não encontrava. E o tempo foi passando... E as amigas com namorado e eu sem nada. Foi difícil encontrar. Mas um dia, estava eu ali sentada no escritório que minha amiga trabalhava, e então vi que eu não ia ficar sozinha para sempre. Ele era alto, lindo, inteligente, olhos azuis da cor do céu, só que era meio pobre (risos) e a gente tá junto, casados, pobres mais felizes. Mas a revista me ajudou a conhecer melhor o mundo. Acho que a leitura serve para isso. E hoje quando termino os afazeres de casa eu sempre que posso leio um pouquinho para passar o tempo. Não leio mais aquelas revistas, mas sim outros livros. Gosto de ler.

Na seqüência apresentam-se os relatos/narrativas/historias referentes ao Grupo B, de mulheres pesquisadas. Seguindo-se fidedignamente o mesmo percurso das mulheres do Grupo A, qual seja a primeira obra “As lavadeiras”, seguido da “As marisqueiras”, finalizando com a obra “As leitoras”.



Figura 03 – Obra “As Lavadeiras”
Fonte: Dados da pesquisadora

Quadro 04 - Relato Grupo B – Obra “As Lavadeiras”

S1: Para quem não conhece, ela é filha da Dona Adelir Rocha, que freqüenta aqui conosco nas terças-feiras. E é mãe também do Alexandre Rocha. É das lavadeiras que lavavam roupas na fonte. Que linda! Me lembra de mim. Eu não lavava roupa na fonte. Existia várias fontes na cidade, existia muitas cobras d'água e eram perigosas. Um dia uma me mordeu e quase arrancou meu dedo. A fonte é um córrego, tinha mais gente lavando, e quando era preciso limpar todas vão cavando para formar a fonte. Tinha várias lavadeiras que tinha que cavar mais ou menos 5 metros, né, Dalsisa? A fonte era da minha sogra. Todas lavavam ali. Quando era para limpar a fonte era limpa quase toda semana, era a mulherada tudo de enxada, tiravam toda a sujeira e tapavam de novo. A água era pura. Daí, abria o córrego com enxada, enchendo e tirando o lodo e depois ficava limpa. Alguns bebiam a água da fonte que ainda é o terreno que moro hoje.

Eu nunca lavei, era meio vadiazinha. Eu ia molhar a roupa, aguar. Pegava o chapéu e ia, pegava de balde e fazia assim (gestos de aguar a roupa) eu gostava de fazer isso. E sempre eu ia, tinha uma cobertura assim tipo um guarda-sol de madeira para proteger. Ai um dia vi uma coisa branca na água e pensei que era sabão. Um passarinho fez cocô num lençol branco e fui pegar o sabão, pegue a coisa branca era um carrasco. Loca né? Fui gritando até em casa de medo, gritando e chamei minha sogra. A gente guardava a água limpa em porongo grandes. Ela lavava e deixava tudo esticada no pasto. O que era branco era branco, e os resto, colorida, era separado. Essas lavadeiras me lembra a fala dos outros. Na época falavam: vai lavar roupa suja sua lavadeira quando a gente falava demais, língua de trapo, lavadeira, era assim que falavam. Talvez porque nós mulheres falamos muito.

S2: Da minha também, faz parte da minha historia, eu lavava roupas na fonte e um dia eu caí e a minha mãe me tirou da fonte, quase morri. Não vai pensar que tinha sabão em pó nem Qboa né, Sandra? A gente pegava o balaio, e pegava a cinza, era a tal de parrela, para ficar bem limpinha: era a cinza da fornalha, e colocava uma camada de roupa e uma camada de cinza e, assim, a roupa clareava. Era muito melhor que o *Omo*. O sabão era resto de animais e soda. Às vezes tinha até bicho, coró no sabão. Mas as roupas ficavam limpinhas, sabão caseiro e cinza da fornaia. Marta? Essa artista? Eu fui professora dela, ela desenhava vestidos, pode ver esses vestidos, tudo perfeito. Nossa ela sempre desenhou esses vestidos, ela era uma menina estudiosa. Eu lavava roupa na fonte com treze anos, e era a vida de todas as mulheres. Com sete, oito, dez anos nós, mulheres tínhamos que ajudar como adultos. Um dia, eu com treze

anos, na fonte lavando roupas com minha mãe, ouvi uma frase que eu nunca esqueci. Uma vizinha conhecida, também lavadeira, falou assim para minha mãe: essa menina não tem cara de lavadeira, essa menina tem jeito de professora. E aí minha vida mudou, eu comecei a estudar, me tornei professora. Primeiro primária e depois ginásio, muito tempo em direção de colégio, principalmente o Colégio Estadual e, agora, aqui no CIARTI me divertindo. Isso sim é bom. Mas não era só trabalho, em Araranguá tinha baile, domingueira, muita dança, depois veio cinema. Na fonte a gente lavava a vida, tinha gente que sustentava a família com o dinheiro da lavação.

S4 - A gente lavava três ou quatro trouxa, já lavava e estendia ali mesmo, esperava secar e levava as roupas limpas para casa. Um dia eu ouvi um barulho esquisito, estava sozinha na fonte e fiquei com medo, corri para casa e contei para minha mãe que veio ver o que era e achou uma enorme cobra jararaca. Eu fui salva por Deus. Podia ter morrido. No meu tempo também lavava na fonte, cheio de cobras em volta. Ela se enrolava, na água. Minha cunhada perdeu um dedo, a cobra d'água deu uma mordida e ela perdeu. Pegava as roupas aqui no punho e óóó lavava e lavava. Hoje é tão fácil, né? Ainda tinha que fazer mistura e cuidar das criação. Era galinha choca, os porcos, as vacas e ainda tinha que cuidar dos filhos. Eu tive sete filhos. Minha mãe teve quinze e cinco morreram pequenos.

S5- Minha cunhada era lavadeira também e quase perdeu um dedo com mordida de cobra d'água. Elas viviam na fonte, ali, esperando a gente chegar e dar o bote, mas a gente se arriscava e tinha que lavar roupas ali. Minha mãe levava um pau, uma vara para espantar ou matar a cobra que aparecia. Com seis anos eu ajudava minha mãe na roupa, trabalha na roça; com sete anos eu fazia tudo isso. Minha mãe tinha dez filhos, engenho de açúcar, farinha, minha mãe teve dez filho e suas irmãs eram lavadeira. A vida era boa, ô vida boa, melhor que agora. Eu gostava da minha vida de lavação, ganhava dinheiro da lavação. Lavar roupa na fonte não era fácil não. Era divertido. Mas a gente não tinha outro jeito. Eu não tinha tantas preocupações como agora. Depois casei e vieram os filhos, oito ao todo. Todos vivos, graças a Deus. Mas tenho muitas preocupações. A vida hoje é mais complicada, a gente tem que pagar tudo, até a água que a gente bebe. Meu marido era bêbado, trabalhador mais bebia muita cachaça. Era homem de rua. Eu cuidava de tudo, desde os filhos até a casa, terreiro, roca, tinha que trabalhar dia e noite, mas hoje acho que é mais ruim. Apesar dos pesos eu ainda tenho saudades daquele tempo.

S6- Era verdade, a gente lavava na talba. Um dia eu caí na fonte e minha

mãe me tirou da fonte, quase que morri. Minha mãe sabia nadar, se criou na beira do rio. Não tinha outro lugar para lavar. Ou era a fonte ou era o rio, mas o rio era muito longe, era na fonte de água corrente do seu Belizone. Nós fazia um quadrado e deixava a água presa. Ali perto do colégio estadual em direção da Urussanguinha. Ali tinha fonte essa, que era do seu Valter Belizone. Ele cedia a fonte para a lavadeiras, para nós. Eram bastante lavadeira. E, as lavadeiras gente, falava de mais. Hoje a gente compara com a cabelereira (risos) Parece que elas estão conversando, a gente falava de tudo, éramos comadres. Araranguá naquela época tinha baile, missa, domingueira, muita dança. Eu saía do arroio a pé e ia para Sombrio. Era longe. Muito longe nem lembro quantas horas, mas valia a pena, íamos de carreto, era assim que falavam para a paquera. Hoje é só esse ficar.

S7- A gente era obrigada a lavar roupa, não tinha outra profissão. Um dia eu ouvi barulho e fiquei com medo de novo, chamei minha mãe ela, minha mãe, voltou comigo e viu uma cobra. Outras lavadeiras também iam ali: minhas tias, avós. Era bem ali, era um banhado cheio de pássaros, flores linda (era Timbó), era uma coisa muito bonita. Era muito bom e não tinha preconceito, pois era normal ser lavadeira. Como disseram, era a única profissão da mulher. Eu não queria mudar de vida não. Hoje venho aqui para esse lugar maravilhoso e me divirto muito.

S8- Eu também lavava no rio, eu lavava na fonte também. O nosso rio era tão limpo, tinha aqueles peixes grandes, gigantes chamado cabeçudo. Meu pai e meu vô pescavam de canoa e espinhel, os peixes pesavam mais de 20 quilos, tinha também tainha e savelhas. Hoje o rio só tem tainha e contaminada. Era um rio limpo tão limpo que a gente tomava banho e depois de lavar as roupas pegava tomava banho ali mesmo e ia para casa limpa. Não tinha muito luxo. A gente se lavava com sabão mesmo. O cabelo ficava duro igual a uma pedra. (risos). Mas era tão bom, né, gente?

S9: A gente plantava, trabalhava com doze anos, plantava, a gente passava muito roupa (era ferro de brasa e o ferro era de ferro mesmo, muito pesado) para fora, para as mulheres e famílias da cidade. Trabalhava muito. A gente morava longe, minha mãe dava ataque e eu ajudava, carregava na cabeça as trouxas. A gente passou muito trabalho. Passava roupa com ferro de brasa, com idade de oito anos. Depois minha mãe morreu e tínhamos que ficar na casa dos outros. Não tinha irmão homem e não tinha pai nem mãe para comprar um comprimido quando a gente tava doente. Tudo era muito longe. Não era fácil, gente. Morava assim, vivia de favores dos outros. Minhas irmãs casaram e eu também, aí a gente veio morar na praça que era mais perto de tudo. Mas

eu trabalhei muito desde mocinha na roça e nas lavação pra fora. Era muito sol na cabeça. Tinha uma mulher lá na roça que benzia de sol na cabeça. Eu vivia me benzendo. Até hoje tenho dor de cabeça daquela vida.

S10: Mas era uma vida boa, eu lavava na fonte, na Coloninha tinha que subir e descer uma lomba. Minha mãe fazia polvilho, colocava no sol, desde os 7 anos eu ajudava, eu também caí na fonte, um boi também me pegou e jogou longe, as aspas pegou aqui e aqui (apontando o local da aspada). Com oito anos eu perdi a minha mãe, ela lavava na fonte. No verão trabalhava na lavoura e no inverno no engenho de farinha, para serrar a mandioca. A água da fonte vinha da Lagoa da Caverá e saia na Lagoa das Velhinhas, a gente botava a talba e lavava, botava no pasto e lavava no outro dia. Teve uma vez que eu ia levar café na roça para os peão do meu pai. Era sete filhos, eu nunca fui no colégio porque tinha que cuidar dos meus irmão . Um dia cheguei em casa e meu pai tinha cortado o pé num machado e minha irmã se queimou e morreu seis hora depois. Nossa, pode ver que até nas obras dela os vestidos são perfeitos, mesmo da lavadeira. Nossa! Como me lembro do meu tempo de mocidade.



Figura 04 – Obra “As Marisqueiras”

Fonte: Dados da pesquisadora

Quadro 05 – Relato Grupo B – Obra “As marisqueiras”

S1- Nossa, que linda! Toda de casquinha de marisco. Olha só o vestido, não parece que é perfeito? Essa do Marisco eu me lembro que a gente fazia cozinhadinho. Para cozinhar o marisco a gente pegava uma camada de junco outra camada de marisco, camada de junco outra de marisco, era a maior festa. Credo, fazia aquela fogueira, assava aquele marisco e a gente comia com farinha. A gente era garotada. Brincava de cozinhadinho, marisco das pedras quando o mar estava manso. Maçambeque, maçambequinho branco e daqueles da pedra, da pedra do Costão e de Torres, Imbituba quando o mar estava manso. E tinha também do Arroio do Silva. Mas era tão bom né? Todo mundo tirava de pá. Fazia aquele buraco e todo mundo ia catando e enchendo os balaies,

os sacos, tinha muito marisco. Falando em pinto e marisco, lembrei de uma engraçada. Sabem, quando o meu pai colocava aquele monte de marisco para curtir no sal ali na rua, a gente tinha que cuidar e cuidar. Minha mãe tinha umas galinhas que viviam soltas e a gente descuidou e aí elas fizeram a festa, comeram tanto marisco, mas tantos marisco que começaram a passar mal, e estavam assim, desmaiando, quase morrendo. Daí minha vó pegou uma faca e cortou a goela das galinhas e depois tirou tudo aquele marisco e depois custurou e custurou todas as goelas e as galinha se salvaram. Ela fez uma cirurgia, né, gente? Foi muito engraçado.

S2- A história do marisco para mim é muito bonita. Uma história de infância. Quando meu pai ia para a praia buscar marisco, eu e minha irmã já ficávamos contentes esperando, pra brincar de cozinhadinho. Ia ele com outro senhor. Então era assim ó: eles traziam aquele carro, cheio de sacos de mariscos, carro de boi. Quando chegava em casa eles faziam assim: ele ficava com três sacos para o meu pai, três para o senhor que foi com ele e mais três para um outro vizinho que não foi. Após 40 dias, aquele vizinho que não foi ia e fazia igual. Dava três sacos para cada um, saco de farinha mandioca. Era sim, eu e minha irmã ficava feliz da vida porque brincávamos de casinha. A gente fazia foguinho na rua. Comia com a casca que era a colher. Minha mãe dava cebolinha e a gente comia com pirão d'água. Meu pai fazia assim com o marisco. O resto do marisco era assim, fervido num caldeirão. Meu pai fazia um caixote de madeira e colocava uma camada de marisco e uma camada de sal grosso, camada de marisco, camada de sal grosso. Não tinha geladeira naquela época. Era colocado depois num tendal e era comida para o mês inteiro. Quando terminava, o vizinho era que ia e dividia com a gente, era uma fartura, mesmo. Hoje não tem mais nada no mar.

S3: Nós era para comer mesmo. Não era para brincar de cozinhadinho. O marisco era nossa carne. Às vezes a semana inteira. Minha mãe fazia ensopado com moranga e com pirão de farinha de mandioca. Sempre tinha peixe que meu pai pescava no rio e na lagoa, até nos valos de arroz tinha peixe pequeno.

Era a maior festa. Meu pai pegava e fazia assim: era uma camada de marisco, uma camada de junco, uma camada de junco, uma camada de marisco. Depois colocava fogo, fazia aquela fogueira, assava aquele marisco, e aí era comer. A gente comia todos juntos, as vezes o prato tinha que ser dividido com o irmão ou o primo, minha mãe repartia a comida no meio e a gente comia junto.

S4: Nós era tudo garotada, nós comia com farinha de mandioca, era

uma festa, era dia de brincar de cozinhadinho, de fazer castelinho com a casquinha que sobrava. Nossa mãe vivia cozinhando e trabalhando e a gente tinha de ajudar. Eu lavava a louça num girau, era uma pia de madeira que ficava fora da janela da casa e aí eu lavava tudo aquela louça e mais o que ela mandava fazer, senão apanhava muito. Eu casei e fui morar no Arroio mais tarde e também já catei muito marisco para a casa.

S5: Era aquele marisco da pedra, os branquinho, os malhadinho. Nós buscava os da pedra em Laguna. E do Arroio e do Morro a gente pegava os brancos grandes e os maçambeques pequenos. Eles iam de carro de boi ou de charrete. Traziam muito marisco e peixe. Minha vó e minha mãe faziam aquelas mantas de peixe e botava na cerca de arame estendido para secar e eu e minhas irmãs ficavam cuidando para os bichos não comer. Nós cuidava também das galinhas chocas e dos pintinhos para o gavião não pegar eles. Se não cuidasse, apanhava. Mas era bom mesmo assim. Minha mãe era rígida mais ela também sofreu muito. Tadinha, trabalhou igual a uma loca. Vivia para a casa e para os filhos e para o marido. Meu pai era bom, mas não ajudava em casa. Ele trabalhava na lavoura.

S7: Eu me lembro dos peixes que meu pai e meus irmãos mais velhos pescavam no mar. Traziam marisco e muito peixe. Era tanto peixe que meu pai vendia de carroça, uma carroça chamada "aranha", assim ó: duas rodas e bem pequeninha com um cavalo. Ele tinha uma balança que guardo até hoje, aquelas de madeira com dois ganchos de cada lado. Então ele colocava os peixes de um lado e uns pesos do outro e assim ia pela costa da volta curta, ali no Manhoso, perto do Morro dos conventos vender os peixes. Tinha dia que ia para a praça de Araranguá vender. O rio Araranguá naquela época tinha tanto peixe, mais tanto peixe. Tinha uns peixões assim, era um tal de cabeçudo, parecia um tubarão. Meu pai pescava na canoa e ele tirava aqueles peixes do rio com a força dos braços dele. Ele usava uma redinha chamada espinhel, deixava a noite inteira no rio e de manhã colhia os peixes. Minha mãe também ficava em casa cuidando dos filhos e dos animais, e também da cerca de peixes que meu pai colocava para secar. Ela também cuidava dos gaviões. Um dia ela tinha uma galinha com ninhada de pintinhos e veio um gavião e comeu um pinto. Minha mãe ficou muito triste e meu pai brigou com ela porque ela não tava cuidando dos peixes e dos pintos. Aquela cerca de peixes depois minha mãe fazia assado e ensopado. Era nosso alimento às vezes o ano todo. Comia com pirão d'água e de feijão. Mas eu não troco essa vida de hoje por nada.



Figura 05 – Obra “As Leitoras”

Fonte: Dados da pesquisadora

Quadro 06 - Relato Grupo B – Obra “As Leitoras”

S1: Nossa, que lindo! São mulheres lendo o meu conhecimento de livros, né? De ler chegou assim: desde o início da primeira série. A gente recebia pela caixa, nos éramos pobres e era cartilha. Aquela assim ó: A, B, C, D.. né? Começava as estorinhas pela letra A, depois vinha estorinhas pela letra B e assim ia, né? “O boi baba” “ A vaca voa”...era tudo assim, depois vinha o P era tudo com P. A gente aprendia bem, né? Daquela maneira, claro que hoje em dia mudou. Até a própria tabuada, hoje em dia não se ensina mais tabuada para as crianças. Nós era ali, ó. Tabuada decoradinha, decoradinha. Vocês não sabem. Eu leio bem, mas sempre adorei ler e de leitura mesmo. - mas a maioria das escolas era do interior. Olha, tinha uma na Sanga Nega e da Sanga Nega tinha outra no Pompom...olha, e da Sanga Nega no Pompom era como daqui de Araranguá

no Arroio do Silva. Então pras crianças ir a pé não era fácil, né?. Na metade por exemplo eu tava cansada, era uma hora e meia. Morávamos longe, éramos pobres e, mas consegui completar o 2º grau. Hoje eu gosto bastante de ler, mas não gostava e também não tinha condições, porque não tinha livros, cadernos. Eu estudava quando a escola dava. Se não dava, eu não tinha o que estudar. Eu não podia comprar. Lembro até da figurinha da primeira cartilha. Era tabuada, era leitura, era decoreba, porque no nosso tempo era muita decoreba. Vocês lembram daqueles pontos de história e geografia? Era enorme. Decorar literatura então, decorar aquilo tudo ali. Arcadismo, não sei o quê, não sei o quê. Eu com luz de pixirica, porque não tinha luz elétrica, é. Mas mesmo assim eu adoro ler. Antigamente tinha acesso à leitura as famílias mais abastadas. Elas contratavam professores pra ensinar os próprios filhos na casa. E agora não é mais assim. Lá em casa era pomboca. Aquelas pomboquinhas de querosene. Minha mãe era professora. A mãezinha passava a matéria, explicava e ensinava a gente pra não misturar, né? Naquela época era mais enérgico. E os chapéus que elas colocavam nos alunos? Joelho no milho? Cheirar paredes? Olha, era bem difícil, gente. Meu filho é diretor lá num colégio na Urussanguinha. Não é fácil. Ele chega em casa e fala: ai mãe, não consigo nem falar. Gente, ele chega em casa estourado. É só encomodação, só bomba, barbaridade. Tem tudo. Mau educação, tem até droga, sexo. Vocês não acreditam se eu contar. Eu não pegava sol porque tinha uma sombrinha. Peguei essa época, eu ia de sombrinha, eu era mais moderna. (risos). Sapato? Que sapato? Não tinha sapato. Nos éramos muito pobre. Sapatinho, sandalinha quando tinha era nos dedos para não gastar a sola, não estragar o calçado. A minha mãe também fazia isso, guardava os sapatos para a missa. Eu também ajudava ela. Nos éramos muito pobres.

Daí eu só tive um namorado na vida, gente. Foi meu marido. Que meu casamento deu convivência de 50 anos. Eu era bem pobre. E elas na escola, davam o tecido para o uniforme e ficava esgaçado assim, as pregas da saia, porque era pouco tecido. Era só uma altura. Aí eu tinha vontade, um sonho de ter uma saia bem pregueada igual aquelas meninas da praça. Aí eu namorei esse cara e eu tinha 15 anos. O primeiro presente que ele me deu foi um corte de lâzinha azul marinho para mim fazer uma saia e uma blusa de piquê. Pra aquele homem eu devo tudo. Eu morro devendo pra aquele cara. Quando eu digo pra vocês que aqui na minha mente não dá pra namorar, não dá pra casar, não dá pra ficar, é por causa dessas coisa, gente. Ficou tão linda, tão linda. E eu era bem assim, bem franzeninha, metidinha. Quando chegava naquela época, porque assim, desde os 12 anos eu era que esperava o governador. Tinha

que decorar um negócio desse tamanho. Era um texto bem grande. E nessa época ele me deu essa saia. Minha mãe fez bem preguçada que parecia uma gaita. O homem era assim. Não sei, mas eu tinha um homem daquele na minha vida. Esse primeiro presente a minha mãe fez uma saia com aqueles dois panos. Gente eu fiquei tão feliz, tão feliz. Então eu fiquei muito feliz com aquele presente que eu ganhei dele, do meu marido, que era namorado. - também, minha cinturinha era 60, 58 acho que 53. Eu fui bem chique. Há que felicidade! Aquela blusinha de piquê. Era um tecido bom, né? Daí eu fui recitar quando chegou o governador. Foi o primeiro retrado que eu tirei na vida (risos). a uma mulher que entregava o material para nós, os pobres, era irmã da Silvinha, não? Acho que era da Olguinha. Mas era má. Áquilo lá quando acabava o caderno tinha que mostrar linha por linha gasta, até a ultima linha, que não dava mais ó. Eu fui pobre mais muito divertida. Nesta parte que a gente era humilhada. Tá louca?! Um pio na escola e a gente era muito humilhada. Vou contar uma do piolho. Elas tinham assim, um pouco de ciúme de mim, tem muita gente aqui. Umas duas três, quatro. Que vocês sabem quem é, porque elas me marcam até hoje. Me marcam porque eu sou uma pessoa muito positiva, eu agrado a todas, quero bem a todas e eu faço o que posso para todas, entendeu? Agora elas pararam de me perseguir, de me marcar, de me humilhar. Olha só o que eu passei: eu era presidente do CIARTI, fiquei 8 anos na presidência. Num dia fui dar uma entrevista, lá no colégio, digo na UNISUL, e quando eles me mandou falar do CIARTI, coisa assim, eu disse que me sentia há 7 anos muito bem, que eu era presidente há 7 anos aqui no CIARTI. Aí a minha amiga levantou e disse: mentira, ela não é presidente coisa nenhuma, nunca foi presidente. E eu, presidente assumindo em Floripa e tudo. Eu fiquei tão sentida, tão sentida, eu senti tanto, tanto. Daí eu fiquei na minha. Uma idosa veio para mim e perguntou: escuta tu tens sangue de barata? Eu falei que eu não tinha sangue de barata, porque eu tenho educação. Depois passou, para graças de Deus. Isso são águas passadas. Vou te contar uma do piolho. Da neguinha. Eu era marcada na escola, eu era mais requisitada pra tudo. Se era pra levar a bandeira, lá ia eu, receber o governador, lá ia eu. Tudo era eu.

Era pequena, e eu era bonitinha, sempre a última porque começava dos maiores. Daí um dia apareceu um piolho na camiseta de uma que sentava, assim... do lado. Sentava eu e minha amiga, assim, lado a lado e a outra... assim atrás. Daí ela disse tem um piolho em mim. Um piolho. Sabe, era bem chique essa guria, era rica. Daí ela disse assim: ah eu não tenho, é da Ermínia. Nossa, me senti da favela. Daí eu falei para a professora assim: eu quero que a senhora venha aqui olhar a minha

cabeça, porque a minha mãe é pobre mas a minha mãe é muito caprichosa. E a minha mãe quando a gente chegava em casa, lá ia ela olhar nossa cabeça. Daí a professora abriu minha cabeça, abriu, abriu e abriu a cabeça da outra. Ela tava cheia de piolho de lêndeas. Ela mesma, era dela. Daí eu chorei muito. Daí veio o senhor...pai da Rosane seu Munir Baixa. E disse minha filha, não chore, isso aí acontece. Tu és uma menina muito mimada por todos nós, por todos os professores aqui. Isso ai não vai te recalcar. Amanhã eu te quero aqui em sala de aula. Porque eu disse que não ia mais para a escola...contei para minha mãe, a minha mãe chorou e eu chorei, ela ficou tão sentida. Minha mãe mandou um bilhete, ficou muito sentida. Disse ela no bilhete, que quando a gente chegava em casa, ela ia correndo olhar a nossa cabeça e que ela não ia dizer que um dia a gente não ia pegar piolho, mas que ela cuidava todos os dias da nossa cabeça. E que ela estava muito sentida pela minha filha, porque eu tinha chorado muito. É que eu não queria ir mais para o colégio.

Pois é, me casei, achei que o marido era rico. Nossa, aquilo é que era marido. Era porque ele não deixou eu estudar mais. Dou graças a Deus e a felicidade que tive. 50 anos é muito tempo. E é por isso que não namoro. Não tem jeito, dez anos faz que ele morreu. Talvez porque eu não passei trabalho. Eu deixava os filhos na casa de minha sogra e a gente namorava muito. Eu tive uma menina e quatro homens. Ela adorava meus filhos. Daí ele chegava e ia buscar a menina e os 4 meninos ficava com a velha.

É mesmo. Nossa essa obra de arte veio a história da infância, quando a gente fez a primeira leitura, nossas dificuldades para conseguir espaço nessa vida. Vamos olhar de novo para as obras e ver se tem mais coisa, gente. Eu tenho hábito de ler até hoje. Se tem um livro que eu gosto muito, se tô fazendo a unha ele tá aberto na mesa...eu acho assim ó. A mulher hoje é liberal. Ela se libertou das correntes porque ela era um elo do casamento que não tinha escolha. Ela casava para quê? Sem conhecer às vezes direito o marido? Era casamento que os pais arrumavam. O meu não foi assim. mas da maioria era assim mesmo. 13,14 filhos criava tudo para ir para a roça. É que não tinham muita coisa para ler, também, o que tinham era emprestado. Nós aproveitava tudo, até jornal que vinha enrolado na carne. Eu me lembro como se fosse hoje. Uma vez o pai comprou um rádio. Desse tamanho. Era como? Era gm, era à bateria desse tamanho, embaixo da mesa. Só ligava o rádio quando o pai chegava em casa. Pra escutar o programa, aquele que tinha na Farroupilha. O programa gaúcho. Todo mundo sentado ao redor da mesa, escutando aquilo. Tudo olhando para o rádio. Não sei olhando o que né? Não podia falar ainda, né? Tudo ali, escutando aquela coisa de gaúcho. Ah, era. Ali

nós tava por cima da carne seca (risos). Tu já viu cupim que faz no terreno aquelas bolas de cupim? O meu pai trazia aquelas bolas pra casa. O meu pai trazia aquelas bolas e queimava e debaixo da mesa, pra eu e meu irmão estudar, ler. prós bichos sair, pros mosquitos não invadir nós.. é e com 12 anos eu enfrentei uma fábrica de bala. Mas era tão bom, né? Fabrica de bala até meio-dia, comia numa casa na Uurussanguinha. Não dava para almoçar no Caverá. Nós fazia feijão e nós ia numa budegueinha, ali perto, comprava um pedaço de salame pra comê, fritava ali mesmo e ó, ia pro colégio à tarde. E à noite fazia a tarefa à luz do cupinzeiro. - é gente. Mas o cupim o pai guardava de pilha pra gente estudar, gente. Fazia fogueira pra clarear, ficar soltando aquela fumacinha básica. Nós estudávamos tranqüilas. Atrapalhava os mosquitos. E depois de estudar, que tava todo mundo pronto nós íamos brincar de barra, na rua à noite. Eu já era mocinha, grandinha, ia eu, meu irmão e minha irmã. Daí meu pai ficava lá, né? Barra era esconder, vou te procurar e à então a gente marcava, era a barra. Corria, corria e se eu chegasse na barra sem me tocar eu era a vencedora. Depois tinha o banho. Na hora de tomar banho, um ia esfregar o outro numa gamela de pau. Era uma gamela assim, desse tamanho. - Nós sentava de calcinha, bem no meio da gamela e uma esfregava as costas da outra. Meu irmão também. E nós também lavava nosso pai- lavava sim só que ele não tirava a roupa. A cueca era cuecão, mas ele não tirava o calção, ficava de calção pra nós esfregar as costas dele. Depois que a gente saía era que ele ia pra dentro daquela gamela. Daí nós trocava aquela água, depois de esfregar bem ele, porque ele era da roça né? Encardia a água. - Encardia, gente, ela sabe. Era aquela água turva. Trocava, daí pegava água da chaleira. Era outra gamela grande, daí ele lavava o resto. Eu adorava lavar as orelhas dele, a cabeça né? Mas só que a gamela gente eu conheci pouco tempo, porque a minha mãe que lavava pra fora na fonte e também trançava chapéu, nossa, daí ela pôde e comprou um banheirão, daí era de alumínio, desse tamanho... era uma piscina (riso). Daí colocava uma chaleira assim. Depois de tá ali naquela banheira era bom. Era sim. É gente, mas eu sofri muito, como eu disse. Mas era que eu tinha jeito de ir na frente, era a única que tinha facilidade pra gestos. Eu era chamada pra tudo na escola. Gostava sim e gosto. Até hoje desfilo. Eles me convidam e eu vou, né? Sim. Pra Ramage. Ganhei troféu e tudo. Eu já fui para o teatro, tentei, mais não consegui, não consegui. Aqui no CIARTI, gente, eu tenho tanta coisa que não dou conta. Olha, Sandra, é isso mesmo que nos estamos falando. Isso tá na tua pesquisa? Porque o que tá vindo é a nossa história, nosso jeito que aprendemos a ler. Nossa mais tem coisa, né? Eu gosto de ler, mas a vista não ajuda, nem com os óculos. E, na minha opinião, a leitura só

trouxe coisa boa para nós, mulheres. Essa gente antiga não tinham mesmo tempo de lerem. Eu aproveitava tudo, sempre gostei, não tinha televisão, né?

S2- Isso me lembra como a gente aprendeu a ler. É mas a maioria desses idosos que não sabem ler, era a dificuldade de uma escola perto. Nós também tínhamos dificuldades para estudar, era enorme decorar aquilo tudo ali. Literatura no segundo grau, decorar aquilo tudo. Nossa! Era mesmo com luz de pixirica, nós chamávamos de pixirixa. - quer ver na APAE. Quer ver uma parte? Se eu contar tu não acredita. É claro que tem crianças com problemas, que não entendem. Mas tem aquelas com 12, 13 anos que não têm controle, são crianças lúcidas, mais vividas, que a gente tinha que chamar os pais e contava aquilo ali e eles ainda culpavam a gente. Mas era assim Ermínia: se a gente cortava o cabelo era porque tinha piolho. A gente sofreu muito. Quanto tempo faz que teu marido morreu? 10 anos? Nossa, eu conheci uma senhora que lia mais era a Bíblia. Quanto à escola que a gente tava falando antes... A primeira sapatilha que minha mãe comprou era uma sapatilha diferente. Era uma sapatilha branca e a gente foi marchar e choveu e rachou tudo, tudo. E a gente tinha um uniforme com uma tira aqui ó (mostra o local). Era a única roupa que eu tinha. Porque eu contei pras gurias. Eu tinha fotografia de quando eu ia para a aula. A minha mãe bateu. Chamou o fotógrafo e botou nós tudo encostadinho na parede. Os mais velhos atrás e os mais pequenos na frente. E eu sai assim, bem braba, né? Aí bateu a fotografia e eu de uniforme assim bem braba. Mas eu adorava a escola. Um dia as gurias da turma resolveu se juntar para falar mal da professora e tinha um velho lá ele era cego e cuidava de tudo, de todo mundo e nós começamos a dizer bobagem e a escrever. Aí uma falou assim: bota aí que ela, a professora, é namorada do seu Edmundo. E esse bilhete não caiu nas mãos dela? Só que todas fizeram, todas juntas. Só que quem apanhou foi só eu. Como diz a Ermínia, eu era a mais pobre e as outras eram mais ricas, eram da cidade. Nós o papai trazia guampa para matar os mosquitos. Se lá, ele, o meu pai, trazia a guampa, picava e guardava pra noite botar debaixo da mesa. Pra nos poder estudar ali. Isso aí do cupim ele não trazia não. Ah! tomar banho no tanque era só sábado, porque dia de semana não tomava banho assim não. Não vem que não tem. Não era banho inteiro, não, e era na gamela sim. É, mas era bom né, gente? Era tão legal, tão divertido. Quer dizer, era a mesma coisa, quer dizer somos tudo mulher, era a mesma coisa que criar uma ninhada de porquinho e ia escolher uma porca que criava mais, criava bastante. Então essa era a boa. Então vou casar com essa porque essa dá bastante filhos. Era assim mesmo. Ela ia para a roça com filho pequeno, botava lá em cima do pano,

não queria saber se tinha formigueiro, se tinha isso ou aquilo. Ela era obrigada a fazer aquilo. Hoje não. Hoje a mulher é diferente.

S3- Eu posso falar? Como o estudo chegou até a mim? Era da mesma maneira de vocês. Tinha que caminhar bastante para chegar na escola. Era tudo longe, muito sol na cabeça e terra batida no chão. Enfim, terminava os estudos no quarto ano. Quem terminava o quarto ano era letrada, já podia até dar aula. Eu também bati foto daquele do passarinho que botava uma coisa preta. Sabe, eu também li e leio a Bíblia. Geralmente quando eu ia para a casa dos netos eu lia a Bíblia para eles. Mas eu ia bastante na missa e gostava de ficar em casa com minha mãe. Quando casei (fugi) ela chorou muito. Era assim, a gente fugia com o namorado para se casar. Mas não me arrependo, não. Tive meus filhos e cuidei bem deles. Sempre trabalhando na roça e em casa.

S4- Eu aprendi no início pela cartilha, depois já veio o catecismo. Eu já estava com oito anos, sabia ler um pouquinho, já veio o catecismo para fazer a primeira comunhão. Era doutrina. Daí já sabia ler e tal, como eu disse, soletrando, né? (risos). Já lia tudo, para ler a frase. Graças a Deus, hoje leio qualquer coisa, meio atrapalhada por causa da vista. Não posso pegar um livro assim e ler, eu leio duas, três frases e ó...(coloca os óculos) a letrinha de cima, mistura com a letrinha de baixo. Tu sabe, se tu altera a voz, só a voz com teu aluno, tu sabe, tu é professora, né? Se tu altera a voz que seja com teu aluno, tá sujeito a levar um processo. Era o caderninho e a cartilha. Hoje em dia escola é tortura para uma criança. Ela pode estar na frente do computador, na frente de não sei o quê, não sei o quê. Ela tá postada ali quatro horas numa cadeira escolar, pensa bem, não é fácil hoje em dia... Minha mãe nunca deixou a gente ir para sala de aula de tamanco. Eu Trazia o tamanquinho escondido. Ela minha mãe, também trançava, fazia tranças de chapéu para vender. Ah! que coisa mais linda! Adoro ler até hoje. Eu não tinha rádio, não me lembro de rádio lá em casa. A gente brincava e depois ia dormir tarde, né? Meu tio contava história de fantasma e eu tinha medo.

E nós tomava banho na fonte. Era na fonte que era bom. A gente era livre no interior, a cidade era mais tranqüila, não tinha as preocupações de hoje. Mas a leitura era boa sim. Eu acho que fiz tudo certinho, não incomodei a minha mãe. Casei e tive filhos e botei todos na escola também.

S5- Eu não enxergo muito bem, é verdade, é horrível, começo a ler e pulo aí vem uma nova linha e mistura tudo. Bah! É tem bastante falta de vista! Tem gente conhecida que também tem. Eu já peguei aquela época mais boazinha no modo de dizer. No primeiro ano que eu fui matriculada não veio professora para nossa escola lá em Marcílio Dias, lá em cima do

Morro dos Conventos. Eu completei sete anos em setembro e tinha que ser matriculada em março, não podia ser antes do sete anos. Daí gente, não veio professora e eu tive que esperar o outro ano para estudar. Quanto tempo perdido! E hoje não, hoje o ensino é mais acelerado. Depois aqui em Araranguá eu estudei no Estadual e no Castro Alves. É, mas o aprendizado era melhor, era mais cobrado. O aluno tinha mais como é que eu vou dizer? Não tinha acesso a tanta coisa, então escola era novidade pra gente. Eu também peguei o mais moderno, mas também peguei a época do chapéu de palha. Ia do Caverá até aqui na cidade de sombrinha e sapatinho preto. Naquele tempo todo mundo usava uniforme, não entrava de jeito maneira sem. Tinha escola que usava guarda-pó branco e um laço azul-marinho e tinha um calção da ginástica azul-marinho com elástico nas pernas. Era muito bom estudar.

S6- É, mas hoje em dia tem bastante acesso. E nessa época, na minha época era uma professora só para as todas as séries e dava todas as matérias: primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e quarto ano. Vê quanta dificuldade. Hoje em dia né!... - É verdade, eu acredito, sim, na história da Ermínia. Tinha muita humilhação, né? Eu estudava com a filha, com a mãe da dona Silvinha Hubbi. Aquilo era mau, que deus não tinha igual. Ela cuidava dos materiais. Tá louco, tá louco. A gente ganhava era porque não dava para comprar, não. Eu também estudei até o quarto ano. Só. Não tinha mais estudo. Eu era da roça. Porque assim, gente, mulher que lê, ali ela vai aprendendo tudo. Vai aprender ali, né? Eu lembro que até as crianças nasciam na roça. A gente lavava o pai também. Eu e meus irmão tomava banho no rio que era perto de casa. Mas tinha gamela também. Quanto as humilhação? Era tudo assim, verdade. Quem era os culpados? Os pobres. Mas graças a Deus deu para a gente aprender.

S7- Eu fico com dó dos idosos que não sabe ler, porque a dificuldade é que não tinha escola perto. Porque era difícil, as escolas eram longe uma das outras. Eu também peguei assim. Eu ia com minha irmã que era mais velha. Ela não sabia a tabuada. Daí tinha que botar as mãos assim (mostrando a posição) para apanhar com uma baita régua. Eu era muito pequena e me assustava. E ela apanhava com aquilo ali se ela não soubesse a tabuada. Outra coisa também, para ensinar o alfabeto, elas, as professoras faziam uns furinhos numa folha e botava em cima de toda a folha do caderno (texto) só para aparecer aquela letrinha que elas queriam trabalhar. A professora passava assim e tapava né? Só aparecia uma letra, porque podiam decorar né? A, b, C, D... aí faziam assim tapavam todas as outras letras e aparecia uma só no burquinho. Só aparecia uma letra. E a gente estudava assim, aprendia a ler dessa

forma. É aquele Pedro hã? Teu marido nossa. É, isso aí marca a gente. A vida da gente era sempre bem difícil. A minha irmã um dia errou a tabuada, eu me lembro que ela errou. Ela a professora, mandou botar as mãos assim (mostrando a posição) e ó bateu de régua. Eu era menor e ia com ela pra escola. Depois eu cheguei a estudar. Era assim elas botavam as mãos e apanhavam de régua. Era uma régua assim, grande, de madeira. Eram carrascos, sei lá. Eu gostava de ler, sim, mas a minha mãe era que tinha esse hábito. Ela tinha um baú bem grande cheio de livros e quando ela tinha tempo ela ia lá e sentava no baú e pegava os livros e ficava sozinha, lendo. Eu me lembro que uma vez eu era bem mocinha, minha mãe tava lendo um livro, como era? "*O poder da carne*" acho. E eu não podia ver. Eu lembro que ela disse: esse aqui não, esse é muito carregado. Eu lia revista, gibizinho, outros. E ela gostava de ler e ia para o cantinho dela.

Era livros que ela conseguia emprestado, porque nós nunca tivemos o poder para comprar livros. Até hoje os livros são muito caros. Eu acho. Se fosse um preço mais acessível... Eu gosto de ler, mas qualquer livro é 23, 28 reais. Eu acho caro. Se eles fizessem um precinho melhor a gente tinha mais acesso ao livro. Tanto é que as mulheres não tinham direito nem a voto, nem era considerada uma cidadã. É verdade. Nasciam na roça sim. É como eu digo, né? Era no domingo de tarde que pegava ela lá em cima do bauzinho. É. E da aspa de boi minha mãe usava também. Era mesmo, eu me lembro bem, era verdade.

S9- Bater nos alunos tinha sim. Faz uns vinte anos que parou. É, mais os pais, a maioria deles, não são todos; a maioria deles hoje já tem um pouquinho mais de estudo, não é tanto estudo, escola, quero dizer que a vida já ensinou porque a maior escola do mundo é a vida, é o mundo. Não é sentado numa carteira que a pessoa aprende tudo. Os pais ainda pensam que a educação, é dada na escola e não é. É em casa, na verdade, a educação vem de casa. Eu nunca esqueço da minha primeira professora, a dona Florentina aqui de Araranguá. Aquela ali dos Rochas. Era assim: daí a professora ficava mais no alto, tinha uma caixa, ela dava aula ali em cima. Então ela botava a gente tudo ao redor, então ela, ensinava a bordar a mão, então eu lembro disso aí. Mas quanto às aulas, eu fiquei até o terceiro ano porque o quarto não tinha. Eu vinha de tamanco, mas daí tinha uma capoeira, aqui na Urussanguinha, perto da fonte do seu Belizone, lembra que falei aquele dia? Daí ali era escondido era escondido o tamanquinho, sapatinho e colocava um chinelinho para ir para escola. No Castro Alves eu estudei com o filho do Pitanguinha, com aquele que foi prefeito aqui; o Dal, aquele que tem a banca de revista; tudo filhinho de papai. A maioria filhinho de papai. Eu muito barrigudinha, como sempre,

muito sardentinha, como sempre não tinha nada. Os casacos que me davam na caixa, lavava a primeira vez ficava assim ó (mostrando que esticava) (risos). Era verdade gente. Piolho, nossa, era a pobre que tinha: peidava na sala era a pobre que peidava (risos). É verdade gente. O material terminava me lembro, eu moça no ginásio, para fazer um trabalho (mapa de geografia), eu ganhei um caderno de cartografia pequeno e eu não trabalhava ainda. Fiz o mapa e a irmã do Dal me botou no gabinete porque o meu mapa não tinha a medida, margem certa. Claro que não dava num caderno assim, né? Daí eu fui para o gabinete. A única vez que eu fui para o gabinete, só porque o meu caderno era pequeno. Minha mãe não lia, ela não tinha tempo para ler. Me lembro assim ó, minha mãe foi uma pessoa maravilhosa, mas submissa assim ao extremo. O que o meu pai dizia era lei. Ela não repensava se ele dissesse assim ó: tu não pode respirar agora. Era, gente, nós passamos muito trabalho. E não tinha tempo de ler, gente. Que eu me lembre, a minha mãe não tinha. Enquanto eu tava em casa a minha mãe não tinha. Eu saí muito cedo de casa. Eu fui embora com treze, quatorze anos. Eu tinha que trabalhar. Minha mãe teve quatorze filhos. Todo mundo teve que sair cedo de casa para trabalhar e se virar. Mas a gente se amava demais. Eu ia sempre visitar a minha mãe. Agora tô mais tranqüila mesmo. Mais essas obras são bonitas, né?

S10- Hoje em dia é diferente, mas naquela época, começava com as vogais, depois ia para o alfabeto, depois a sílaba, depois a palavra, pra depois a frase. Só que naquela época, diga-se bem, era melhor. O que eu aprendi até a quinta série, eu sei até hoje, mais que qualquer um de terceiro grau. Acho que todas aqui foi assim. A professora tinha um quadro ali, dividia as matérias, o quadro e colocava as matérias. Explicava ali, explicava aqui. Enquanto uns ficavam aqui estudando a professora era a mãe da Rita, lembra? Eu quero retornar quando a gente tava falando dos castigos. Os castigos sabem bem como é que era? O chapéu era aquele chapéu de palha, porque era muito longe e então a gente usava para não pegar sol na cabeça. Minha mãe era trançadeira de palha de butiá. Primeiro ela colhia a palha, secava no sol, abria a palha e depois fazia uma trança. Seis palhas de um lado e mais seis do outro lado. Assim, ia trançando. Ficava uma trança enorme. Trançava, trançava e ia emendando, depois usava uma tora de madeira e um martelo, linha e agulha grossa. Depois era todo costurado para a gente usar para ir para a escola. Quanto aos castigos eu queria falar ainda. Se chegava atrasado a gente ficava de joelho; cheirava pó se não soubesse a leitura. Nossa a gente tinha que saber na ponta da língua. Era assim pá.pá.pá... Eu também terminei o segundo grau e eu fui professora graças àquela mulher

lá na fonte que falou para minha mãe que eu não servia, não parecia uma lavadeira e sim uma professora. Olha são mulheres bem crescidas com livros nas mãos e será que alguma de nós tem hábito de ler até hoje? Não sei se vocês leram aquele livro Esmeralda? Foi o melhor livro que li na minha vida, e onde eu andava, eu tava com o Esmeralda atrás de mim. Eu ia no banheiro eu ia com o Esmeralda. É uma leitura que te prende. Agora faz tempo que eu não pego um livro para ler. Sandra querida, eu trabalhei vinte seis anos em sala de aula, mas a coisa que eu mais adorava era quando no primeiro dia de aula vinha esses aluninhos carentes. Não gostava de dar aulas para filhinho de papai e não gostava mesmo. Eu comecei no Barro Vermelho, depois dei aula ali no Pontão, Campinho, Urussanguinha, depois Meleiro, depois fui embora para Porto Alegre. Trabalhei em duas vilas em Porto Alegre. Depois voltei e dei aula na APAE e depois dezesseis anos no Estadual, mas adorava pegar aqueles alunos bem carente, bem, bem cheio de problemas. Se eles gostam da professora, eles confiam mais que nos pais. Olha, o que eu escutava assim daquelas crianças, coisa do arco da velha. Eles falavam, eles tinham segurança de me contar de roubo, de como é que eu vou dizer? Tratamento em casa com os pais, os procedimentos dos pais na frente deles. Porque eles eram revoltados. Porque às vezes é muito fácil de julgar uma criança, mas não sabe o motivo, né? A mulher boa era aquela que cuidava da casa e cuidava dos filhos, criava bastante filhos para ajudar na roça. E hoje não. Hoje a mulher, graças à leitura, também liberou geral. A leitura ajudou bastante. Teve época que elas levava os pequenos pra roça dentro do balaio, né? Não tinha tempo de ler mesmo né? E tu sabe? Era costume naquela época lavar os pés dos homens. As mulheres faziam assim. Eram submissas...E tu Ermínia até hoje, não pará, sobe em tudo. Você era a única que sabia declamar, que subia para apresentar e declamar. Me lembro bem. Tu devia ir pro teatro. O Loni tá fazendo lá na casa da cultura, lá na casa da Sonir. Lá tem o galpão da Cultura. É um Grupo *"O Dito e Feito"*. A Sandra é do grupo, não é Sandra? Mas gostei bastante desse encontro. Lindas, essas mulheres lendo.

7 ANÁLISE DOS DADOS

7.1 ANÁLISES DOS RELATOS/NARRATIVAS/HISTÓRIAS A PARTIR DAS IMAGENS DAS ESCULTURAS DE MARTA ROCHA: SOBRE AS VOZES DO FEMININO ARARANGUAENSE

A análise dos depoimentos/narrativas/histórias, durante os encontros, dos sujeitos da pesquisa de campo motivados pelas imagens das esculturas de Marta Rocha procura investigar as dimensões polifônicas das vozes do feminino. Destaca-se que *a arte*, ao longo dos tempos, mostra-se como uma forma de expressão e de conhecimento humanos com papel essencial e expressivo na dinâmica das relações humanas, em especial, de sua cultura. Nesse sentido, procura-se verificar como a arte de Marta Rocha pode contribuir para a promoção das narrativas/histórias de mulheres do município de Araranguá, quais vozes sociais do feminino estão sendo reveladas, assim como a constatação da constituição do ser mulher pode estar fundamentada nos processos de mediação social e cultural afirmados pela Psicologia existencialista.

Inicialmente, observa-se que a obra “As leitoras” foi a que instigou narrativas/histórias mais extensas, principalmente, no *Grupo B*. Esse grupo destacou-se também diante das outras obras.

Durante os encontros, todos os participantes mostraram-se á vontade, dando sua contribuição espontaneamente. Nenhum dos sujeitos envolvidos na pesquisa de campo negou-se a falar, a narrar, a dar seu depoimento diante das obras. As contribuições suscitavam e instigavam a todos, criando uma rede interativa e entrelaçada de narrativas.

Alguns participantes do *Grupo A* iniciaram suas falas opinando ou comentando sobre as obras, apresentadas:

A1: O que vejo é uma imagem de mulheres; A7: Achei muito linda essa escultura; A9: Realmente impressionante como fala a Gimenes, essa obra é bonita demais. Muito artista essa Marta; A1: Essa é uma escultura de casquinhas de mariscos e pequenas ostras. E se chama marisqueira é isso né? A1: Eu acho lindas essas obras, aliais todas lindas.

Participantes do *Grupo A*, diante das obras, optaram por iniciar suas falas narrando aspectos de sua história de vida e/ou de seus familiares:

A2: Minha vó falava que lavava roupa assim, minha mãe também falou; A3: Nossa, nem fala, eu nem lavo as minhas roupas; A5: Eu era pequena, mas lembro de uma fonte grande que tinha ali perto de casa na Coloninha; A6: Nossa, eu me lembro da minha mãe carregando um balaio e muitas trouxas de roupas para lavar na fonte do seu Belizone.

- O participante S1 do Grupo B, ao contemplar a obra “As lavadeiras”, inicia sua fala comentando sobre a artista Marta Rocha: S1: Para quem não conhece ela é filha da Dona Adelir Rocha, que frequenta aqui conosco nas terças-feiras. E é mãe também do Alexandre Rocha. Diante das demais, esta participante tece comentários sobre as obras. S1- Nossa que linda. Toda de casquinha de marisco. Olha só o vestido, não parece que é perfeito? S1- Nossa que lindo! São mulheres lendo o meu conhecimento de livros, né? No Grupo B, S1 é a única que inicia seus relatos abordando a artista e as obras. Suas narrativas são as mais extensas.
- As demais participantes do Grupo B se reportam para suas histórias de vida, suas lembranças ou de seus familiares:

S2: Da minha também, faz parte da minha história, eu lavava roupas na fonte e um dia eu cai e a minha mãe me tirou da fonte, quase morri. S3: Acho que todas nós fomos lavadeiras, era só o que existia; S4- A gente lavava três ou quatro trouxas; S5: Minha cunhada era lavadeira também e quase perdeu um dedo com mordida de cobra d'água; S6- Era verdade, a gente lavava na talba, um dia eu cai na fonte e minha mãe me tirou da fonte, quase que morri. minha mãe sabia nadar; S7- A gente era obrigada a lavar roupa não tinha outra profissão; S8- Eu também lavava no rio. S2- A história do marisco para mim é muito bonita; S3: Era a maior festa, meu pai pegava e fazia assim: era uma camada de marisco, uma camada de junco; S5: Era aquele marisco da pedra, os branquinho, os malhadinho; S2- Isso me lembra como a gente aprendeu a ler; S4- Eu aprendi no início pela cartilha, depois já veio o catecismo; S9- Bater nos alunos tinha sim. Faz uns vinte anos que parou.

Conforme se observou a arte é linguagem. A arte de Marta Rocha pode ser compreendida como um fenômeno expressivo, como linguagem específica: um fenômeno de forma que busca expressar uma vivência ou uma experiência em termos de harmonia ou de impacto, de cor ou movimento; de visualidade. As falas despertam para os significados que a obra de arte pode adquirir. Os contextos colocados em cena desvelam que a arte transcende a mera imitação. A arte é transfiguração do real. Representação que evoca sintonia entre os mais diferentes tempos. A artista ao optar por temáticas, representações de situações verossímeis, possibilitou a promoção de narrativas/histórias de vidas muitas vezes desconhecidas em seu próprio lócus. Nessas reflexões sobre a arte e as narrativas procurou-se evidenciar as histórias, as estéticas, sociais e culturais.

A catarse promovida pela contemplação das obras de Marta Rocha nos participantes do *Grupo A* e do *Grupo B* concede à arte um caráter meramente pedagógico. A catarse pela arte revela o próprio conhecimento promove o sentido e encanto à vida humana. As obras de Marta Rocha entrelaçam a essência da vida, possibilitando reflexões sobre mudanças do contexto. Percebe-se que o exercício vivencial instaurado pelas esculturas ressalta a afirmação da subjetividade de cada indivíduo, na busca do autoconhecimento, no trato cuidadoso com as emoções, com os sentimentos, valores, crenças. Constata-se que a catarse pela arte revela a possibilidade de cada participante da pesquisa conduzir melhor suas inquietações e buscas com o espírito e o coração mais abertos para os desafios da cotidianidade do viver.

Algumas histórias do *Grupo A* e do *Grupo B* acham-se entrelaçadas. Percebe-se que narrativas recebem eco em outras narrativas.

“A1: o que vejo é uma imagem de mulheres. Estão conversando, acho que são lavadeiras de antigamente. A5: achei linda essa escultura. Acho que tem a ver com minha mãe. Ela um dia falou que a vida dela não era fácil, que carregava água da fonte na lata para poder beber e que também lavava as roupas lá. Minha vó que falava muito que nossa vida era mais fácil que a dela e que a gente não dava valor. Acho que elas passaram muito trabalho. A10: nossa eu lembro da minha mãe carregando um balaio e muitas trouxas de roupas para lavar na fonte do seu Belizone, as vezes a gente tinha que ajudar ela a carregar. Ali perto tinha uns pé de bergamota era a maior alegria, a gente subia no pé e apanhava e matava a sede, pois não tinha água ali para a gente tomar. Era somente água da fonte e tinha muito bicho dentro dela, sapo e cobra.S1: é das lavadeiras que lavavam roupas na fonte. Que linda. Me lembra de mim. Eu lavava roupa na fonte. Existia várias fontes na cidade.S3: Acho que todas nós fomos lavadeiras, era só o que existia, a gente tinha que ajudar a mãe e a família.S3 : eu também ajudava minha mãe na fonte, eu tinha 13 anos e não existia outra profissão para as mulheres, ou era a roça ou era ser lavadeira. E não tinha preconceito.

Todos os sujeitos da pesquisa frente à obra “As Lavadeiras”, afirmaram que suas avós, mães, tias, e às vezes a própria entrevistada, passaram pelas mesmas condições, quais sejam, viveram a experiência de lavar roupas na fonte, no rio, nos lagos da cidade.

Tal aspecto que emerge dos encontros e que são promovidos pelas obras de Marta Rocha evidencia o caráter dialógico do discurso, das histórias contadas pelos grupos. Isso confirma as idéias de Bakhtin, o qual considera que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Dessa forma, as narrativas não são individuais, na medida em que são construídas e provocadas por vários interlocutores que, por sua vez, são seres sociais, e também pelo fato de que elas se edificam como um diálogo entre discursos, isto é, mantém relações com outros discursos. “As narrativas são assim construções híbridas, constituídas por vozes em concorrência e sentidos em conflito” (BAKHTIN, 1992

p.38) Reforça-se que Bakhtin (1992), afirma que se trata do contato dialógico entre os textos, entre os enunciados, e não somente um contato mecanizado entre os textos possível apenas dentro das fronteiras destes.

Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem.(BRAIT, 1992, p.79).

A verificação da linguagem das vozes evocada pelas obras da artista plástica Marta Rocha parece apontar e até mesmo recuperar aspectos da história da cultura tanto do lugar como do século XIX, de modo geral. Destaca-se que a história das mulheres araranguenses não é só delas, é também da sua família, do trabalho feminino, da educação vigente, das condições de possibilidades da classe feminina da época.

Tabela 01 – Comparativo das vozes do feminino nos relatos da obra “As Lavadeiras”.

Grupo A

Acho que são lavadeiras de antigamente. Eu ouvi falar da minha mãe que a mãe dela, minha avó vivia assim. Lavava roupas na fonte e no rio. Minha mãe era costureira e fazia doces para vender na venda de meu tio. Eu trabalho em uma empresa e vou para casa tenho máquina de lavar, água encanada e fogão a gás. Eu comecei como empregada doméstica e fui estudando bastante e cheguei a dar aulas, mas não gostei muito. Me formei em Pedagogia. Eu trabalho hoje com vendas. Ela tinha que fazer comida e lavar até os pés do meu pai que era costume a mulher ficar assim de escrava do homem. Eu já casei duas vezes. Cuido de mim e de meus dois filhos. Mas ouvi a minha tia falar que ela e minha mãe ajudava a vó a estender as roupas lavada na fonte. . Meu pai trazia para casa as patas dos bois e a cabeça para minha mãe cozinhar para nós. Ela trabalhava em casa e lavava roupas para fora. Ela tirava água dali com a lata e enchia o tanque e depois levava as roupas para as mulheres da cidade. Ajudo bastante, a aposentadoria dela não dá nem para ela conseguir sobreviver, mas eu tenho uma diarista que vem lavar e passar as minhas roupas e de meu marido toda semana. Mas minha tia às vezes fala que temos eu e minhas irmãs vida boa e minha mãe fala que com elas era bem pior. Imagino agora como pode ter sido a vida das minhas avós. Será que imaginariam que um dia essa cena aí da obra dessa artista seria escultura? Eu me cuido, passo protetor todo dia, uso batom passeio de carro. Eu era pequena ia na venda da dona Liça, eu e minha prima brincava ali perto com a espuma do sabão na lagoa e a gente brigava muito. Eu

cuidava às vezes, de meu irmão e de minha irmã pequena para a mãe ir para a fonte. Eu também gostava de ajudar a vizinha da minha mãe a cuidar do menino dela, minha mãe e minha vó brigavam comigo, porque a mulher, essa vizinha era considerada vadia (prostituta) e eu não podia ir a casa dela. Depois eu fui estudando e acho que era boa aluna. Até hoje cuido dos filhos e da casa e de vez em quando faço umas faxinas em algumas casas. Eu pego às 8 horas da manhã na empresa, na função de secretária e saio às 6 horas, vou para casa e limpo tudo, faço comida para a janta e coloco as roupas na máquina de lavar. Depois eu assisto à novela das oito e meia e vou dormir cansada mais muito feliz. Hoje a gente é mais livre, mais trabalho, mais independência. Nós íamos para a escola e depois só lavava a louça e ia para a frente da tv. Ela fazia tricô e crochê e ainda de vez em quando fazia uns artesanatos de palha da beira do rio. Meu negócio é tecnologia. Uso computador, tudo que posso eu tenho e quero adquirir mais. Minha mãe e meu pai me sustentam. Eles são separados e cada um deles banca a metade de meus custos. Vou me formar daqui a 2 anos em direito e quero ser juíza federal, depois sim casar e ter filhos, caso não possa ter por falta de tempo vou adotar. Realmente impressionante. Como fala a Gimeses, a apresentadora de tv, essa obra é bonita demais. Trabalhava meio período de estagiária num banco. Meu namorado na época tinha uma padaria e aí nos casamos e até hoje, vinte e sete anos depois ainda tamo casados. Eu fico em casa e cuido de tudo. De vez em quando eu vou para a casa da praia descansar e pescar, mas eu gosto mesmo e de ficar em casa. Adoro ficar em casa. Se a gente não cuida, outra vem e pode querer cuidá. Eu conheço mulheres que trabalham na roça ainda e cuidam da casa e dos peão fazendo misturas, depois ainda dão conta dos filhos e da casa toda, roupas e tudo mais. Eu também trabalho, sou professora 40 horas na prefeitura e de vez em quando fico muito cansada.

Grupo B

Para quem não conhece ela é filha da Dona Adelir Rocha. E é mãe também do Alexandre Rocha. Lavadeiras que lavavam roupas na fonte. Que linda. A fonte era da minha sogra. Todas lavavam ali, quando era para limpar, a fonte era limpa quase toda semana, era a mulherada tudo de enxada. Eu nunca lavei, era meio vadiazinha eu ia molhar a roupa aguar. Um dia eu caí e a minha mãe me tirou da fonte, quase morri. Marta? essa artista? Eu fui professora dela, ela desenhava vestidos, pode ver esses vestidos, tudo perfeito. Nossa, ela sempre desenhou esses vestidos, ela era uma menina estudiosa. Eu lavava roupa na fonte com treze anos e era, a vida de todas as mulheres. Com sete, oito, dez anos nós mulheres tínhamos que ajudar como adultas. Uma vizinha conhecida, também lavadeira falou assim para minha mãe: essa menina não tem cara de lavadeira, essa menina tem jeito de professora. Muito tempo em direção de colégio, principalmente o Colégio Estadual e agora aqui no CIARTI me divertindo. Mas

não era só trabalho, em Araranguá tinha baile, domingueira, muita dança, depois veio cinema. Na fonte a gente lavava a vida, tinha gente, mulheres que sustentava a família com o dinheiro da lavação.

Na Coloninha tinha senhoras que vinham de carrocinha, cheia de roupas. Elas pegavam lavação para fora e lavavam ali no seu Belinzone. Era muito dinheiro, não era tão pouco, minha sogra se vestia, comprava tudo que ela queria: louça, roupas vestia os filhos. Tinha muito potreiro, bois, ela ganhava muito afilhado e comprava enxoval com tudo com o que ganhava, tudo com dinheiro da lavação. Lavação e pescando na praia catando marisco, cortava lenha no mato, não era fácil. Minha cunhada perdeu um dedo, a cobra d'água deu uma mordida. Ainda tinha que fazer mistura e cuidar das criação. Era galinha choca, os porcos, as vacas. E ainda tinha que cuidar dos filhos. Eu tive sete filhos. Minha mãe teve quinze e cinco morreram pequenos. Minha mãe teve dez filho e suas irmãs eram lavadeira. Depois casei e vieram os filhos, oito ao todo. Meu marido era bêbado, trabalhador mais bebia muita cachaça. Era homem de rua. Eu cuidava de tudo. Desde os filhos até a casa, terreiro, roca, tinha que trabalhar dia e noite, mas hoje acho que é mais ruim, apesar dos pesos eu ainda tenho saudades daquele tempo.

As lavadeiras, gente, falava de mais, hoje a gente compara com a cabeleireira. A gente falava de tudo, éramos comadres. Outras lavadeiras eram também minhas tias, avós, era bem ali, era um banhado cheio de pássaros, flores linda era timbó, era uma coisa muito bonita, era muito bom e não tinha preconceito. Pois era normal ser lavadeira. Como disseram, era a única profissão da mulher. : A gente plantava, trabalhava com doze anos, plantava, a gente passava muito roupa (era ferro de brasa e o ferro era de ferro mesmo, muito pesado) para fora, para as mulheres e famílias da cidade. Trabalhava muito, parecia escrava. Mas eu trabalhei muito desde mocinha na roça e nas lavação pra fora. Era muito sol na cabeça. Tinha uma mulher lá na roça que benzia de sol na cabeça. Minha mãe fazia polvilho, colocava no sol, desde os sete anos eu ajudava. No verão trabalhava na lavoura e no inverno no engenho de farinha para serrar a mandioca. Nossa, como me lembro do meu tempo de mocidade. Dá até saudade.

Vozes do feminino

Lavadeiras, Mães, Avós, Filhas, Donas, Tias, Madrinhas, Lindas, Sogra, Costureiras, Doceiras, Funcionárias, Ajudantes, Donas de casa, Vadias, Vadiaszinhas, Diaristas, Artistas, Professoras, Estudantes, Empregada, Doméstica, Meninas, Estudiosas, Adultas, Vizinhas, Namoradas, Esposas, Marisqueiras, Faxineiras, Cozinheiras, Adultas, Vendedoras, Esposas, Diretoras, Formadas, Empregada Domestica, Menina Pequena, Escrava, Madrinha, Agricultora, Senhoras, Idosas, Pescadoras, Cabeleireiras, Benzedoras, Prostituta, Vadia, Prima, Comerciantes, Vaidosas, Apresentadoras de tv, Adultas, Artesã, Motoristas, Independentes,

Tabela 02 – Comparativo das vozes do feminino nos relatos da obra “As Marisqueiras”.

Grupo A

Acho que as marisqueiras eram mulheres fortes. Marisqueira é quem mora na praia, né? Acho que ainda tem gente que cata marisco porque no verão passam lá em casa vendendo aqueles mariscos pequenos, como as lavadeiras. Elas catavam mariscos para sobreviver. A vida delas era essa, eu acho. Quando eu era pequena fazia castelinho na areia da praia e brincava com esses mariscos pequenos. Minha mãe diz que quando se aposentar vai morar lá para viver na beira do mar, e minha mãe fazia ensopado com batata. Teve um dia que fomos de carona com o pai de uma amiga, eu mais quatro amigas para dançar. A mãe dele tinha feito arroz branco bem papado, e uma panela de marisco com batatinha. Lá a gente saía e ficava todo mundo reunido na frente da Tropicália namorando com a gurizada que vinha de fora. Tinha muito gaúcho e muito argentino naquela época no Arroio. O vestido bem feito. Acho que essa artista é muito boa, perfeita. Eu gosto de vestidos bonitos. Se eu pudesse eu me arrumava melhor. Eu sonho que um dia vou tirar na loto e comprar um monte de roupas bonitas. Lembro de uma prima que morava direto lá na praia e a turma chamava ela de marisqueira e ela ficava brava demais. Tenho saudades da época de criança. Muito bom mesmo brincar na areia da praia. E minha mãe catava os mariscos para eu e meu irmão brincar. E eu preciso trabalhar aqui na cidade. : essa marisqueira parece que tá mesmo vendendo marisco. Tem cara de mulher batalhadora, daquelas que eu via passar lá em casa no verão. Elas passavam vendendo mariscos e bolinho de peixe. Nossa casa era dividida por mais dois tios que construíram juntos. Então era bastante gente, era a casa da família que a gente já morou lá. Minha vó adora descascar e cozinhar para nós. Minha infância passei na casa de meus avós. Eu vivo estudando. Não é fácil ser filha de pais separados.

Grupo B

Essa do Marisco eu me lembro que a gente fazia cozinhadinho. Para cozinhar o marisco a gente pegava uma camada de junco outra camada de marisco, camada de junco outra de marisco. Era a maior festa, credo. Fazia aquela fogueira assava aquele marisco e a gente comia com farinha. Daí minha vó pegou uma faca e cortou a goela das galinhas e depois tirou tudo aquele marisco e depois custurou e custurou. Quando meu pai ia para a praia buscar marisco eu e minha irmã já ficávamos contentes esperando. Após 40 dias aquele vizinho que não foi ia e fazia igual: dava três sacos para cada um saco de farinha mandioca. A gente fazia foguinho na rua. Comia com a casca que era a colher. Minha mãe dava cebolinha e a gente comia com pirão d'água. Minha mãe fazia ensopado com moranga. E com pirão de farinha de mandioca. A gente comia todos juntos, às vezes o prato tinha que ser dividido com o irmão ou o primo, minha mãe repartia a comida. Nossa mãe vivia cozinhando e trabalhando e a gente tinha de ajudar.

Eu lavava a louça num girau, era uma pia de madeira que ficava fora da janela da casa e aí eu lavava tudo aquela loca e mais o que ela mandava fazer, senão apanhava muito. Eu casei e fui morar no Arroio mais tarde e também já catei muito marisco para a casa. Minha vó e minha mãe faziam aquelas mantas de peixe e botava na cerca de arame estendido para secar e eu e minhas irmãs ficavam cuidando para os bichos não comer. Nós cuidava também das galinhas chocas e dos pintinhos para o gavião não pegar eles. Trabalhou igual a uma loca, vivia para a casa e para os filhos e para o marido. Minha mãe também ficava em casa cuidando dos filhos, e dos animais. E também da cerca de peixes que meu pai colocava para secar. Ela também cuidava dos gaviões. Um dia ela tinha uma galinha com ninhada de pintinhos e veio um gavião e comeu um pinto. Minha mãe ficou muito triste e meu pai brigou com ela, porque ela não tava cuidando dos peixes e dos pintos.

Vozes do feminino

Marisqueira, Mulheres, Cozinheiras, Vendedoras, Avós, Pequenas, Mãe, Costureira, Irmã, Filhas, Vizinha, Amiga, Namorada, Artista, Vaidosas, Louca, Prima, Amiga, Dona de casa, Casadas, Esposas, Cuidadoras, Trabalhadoras, Submissas.

Fonte: Dados da Pesquisadora

Tabela 03 – Comparativo das vozes do feminino nos relatos da obra “As Leitoras”.

Grupo A

Eu acho lindas essas obras, alias todas lindas. Mas essa aqui me lembra que tenho que estudar muito para o vestibular. Às vezes eu leio. Tenho que trabalhar também. Então essas imagens são lindas mais me lembra compromisso. Numa aula, a gente da faculdade viu essa condição dos estudos e era pra bem poucos. Eu hoje leio muito técnicas de vendas e faço sempre que posso cursos de aperfeiçoamento. Parece mesmo daquelas mulheres da alta sociedade que a gente conhece. São muito tranqüilas e parecem felizes. Mas eu estudei e vou fazer faculdade ano que vem. Se der tudo certo e eu permanecer nesse emprego, e se minha chefe me liberar mais cedo, quero começar a faculdade de Educação Física, meu marido já e formado. Acho que nós, mulheres, evoluímos depois que aprendemos a ler mais. Antes era uma leitura direcionada pela educação vigente. Hoje nós temos vários tipos de leituras. Mas sou seletiva. Mas acho essas leitoras lindas. Sei ler, mas tenho vergonha de ler em público. Daqueles bem apimentados, que fazem a gente chorar, suspirar, porque vamos ser sinceras, né, meninas? Como sou romântica. Eu ajudava a minha mãe a lavar a louça e depois eu ia para o quarto e dizia que ia estudar matemática e aí eu pegava as revistinhas e passava a tarde inteira lendo. Era

uma por dia. Aprendi a ser mais **sonhadora** e mais **sensível** lendo esses romances. Eu leio alguma coisa que pego emprestado da **minha prima**, que compra muito livro. Mas a minha **professora** me emprestava os livros dela para eu ler nas férias. Eu **trabalhava muito de dia e estudava a noite**. Então lia nas férias Meus **irmãos** vinham para cima incomodar para eu brincar com eles. Ela dizia que estudar demais a gente **ficava louca**, nunca entendi isso. Mas eu lia sempre que podia. Eu olho hoje para os **meus filhos** e tudo separadinho as letras. Eu lia uma por dia mais ou menos, era uma concorrência eu e mais três **amigas**, nos tínhamos coleção. Então eu ficava a procurar e com isso não encontrava e o tempo foi passando e as amigas com **namorado** e eu sem nada. Foi difícil encontrar, mas um dia estava eu ali sentada no escritório que minha **amiga** trabalhava e então vi que eu não ia ficar **sozinha** para sempre. Ele era alto, lindo, inteligente, olhos azuis da cor do céu só que era meio pobre (risos) e **a gente tá junto, casados**, pobres mais felizes.

Grupo B

Eu leio bem, mas sempre adorei ler e é de leitura mesmo. Mas a maioria das escolas era do interior. Eu **estudava** quando a escola dava. Se não dava eu não tinha o que estudar. Eu não podia comprar. Antigamente tinha acesso à leitura **as famílias** mais abastadas. Elas contratavam professores pra ensinar os próprios **filhos** na casa. Minha mãe era professora. Olha era bem difícil, gente. **Meu filho** é diretor lá num colégio na Urussanguinha. Não é fácil. Ele chega em casa e fala. Ai **mãe**, não consigo nem falar. Daí eu só tive um **namorado** na vida, gente. Foi **meu marido**. **Minha mãe fez bem prequeado** que parecia uma gaita. . Na escola tinha uma **mulher** que entregava o material para nós os pobres. Mas era má. Aquilo lá quando acabava o caderno tinha que mostrar linha por linha gasta. Até a última linha que não dava mais, ó. Eu fui pobre, mais muito **divertida**. Nesta parte que a gente era **humilhada**. Tá louca. Olha só o que eu passei: eu era **presidente** do CIARTI, fiquei oito anos na presidência. A minha **amiga** levantou e disse: mentira, ela não é presidente coisa nenhuma, nunca foi presidente. Eu era **pequena**, e eu era **bonitinha**, sempre a ultima porque começava dos maiores. Daí eu falei para a **professora** assim: eu quero que a **senhora** venha aqui olhar a minha cabeça. Minha **mãe** é pobre, mas a minha mãe é muito **caprichosa**. Daí veio o senhor **pa** da Rosane, seu o Munir Baixa e disse: tu és uma **menina** muito **mimada** por todos nós. Nossa aquilo é que era **marido**. Era porque ele não deixou eu **estudar** mais. Dou graças a Deus e a felicidade que tive. 50 anos é muito tempo. Eu deixava os **filhos na casa de minha sogra** e a gente **namorava** muito. Mas da maioria era e assim mesmo, treze, quatorze filhos, **criava tudo para ir para a roça**. É, e com 12 anos eu enfrentei uma fábrica de bala. Mas era tão bom, né? Nós **estudávamos** tranquilas. Atrapalhava os mosquitos. E depois de estudar, que tava todo mundo pronto, nós íamos **brincar de barra**, na rua à noite. Eu já era **mocinha, grandinha**, ia eu, meu **irmão**

e minha irmã. Minha mãe que lavava pra fora, na fonte e também trançava chapéu. Até hoje desfilo. Nossa! Eu conheci uma senhora que lia mais era a Bíblia. Porque eu contei pras gurias. E eu sei assim, bem braba, né? Um dia as gurias da turma resolveu se juntar para falar mau da professora e tinha um velho lá, ele era cego e cuidava de tudo, de todo mundo e nós começamos a dizer bobagem e a escrever. Eu era a mais pobre e as outras eram mais ricas, eram da cidade. Era tão legal tão divertido, quer dizer, era a mesma coisa, quer dizer, somos tudo mulher: era a mesma coisa que criar uma ninhada de porquinho. E ia escolher uma porca que criava mais, criava bastante. Então, essa era a boa. Então vou casar com essa, porque essa dá bastante filhos. Ela ia para a roça com filho pequeno. Quem terminava o quarto ano era letrada. Geralmente quando eu ia para a casa dos netos eu lia a Bíblia para eles. Era assim, a gente fugia com o namorado para se casar. Mas não me arrependo não. Tive meus filhos e cuidei bem deles. Sempre trabalhando na roça e em casa. Meu tio contava história de fantasma e eu tinha medo. Eu era da roça. Porque assim, gente, mulher que lê ali ela vai aprendendo tudo.

Eu fico com dó das idosas, que não sabe ler, porque a dificuldade é que não tinha escola perto. A minha irmã um dia errou a tabuada, eu me lembro que ela errou, ela, a professora mandou botar as mãos assim e ó bateu de régua. Eu era menor e ia com ela prá escola. Tanto é que as mulheres não tinham direito nem a voto, nem era considerada uma cidadã, é verdade. Nasciam na roça sim. É como eu digo né? Então ela botava a gente tudo ao redor, então ela ensinava a bordar a mão.

Minha mãe foi uma pessoa maravilhosa, mas, submissa assim ao extremo. . Eu fui embora com treze, quatorze anos. Eu tinha que trabalhar. Minha mãe teve quatorze filhos. Olha o que eu escutava assim, daquelas crianças, coisa do arco da velha. A mulher boa era aquela que cuidava da casa e cuidava dos filhos. Criava bastante filhos para ajudar na roça. E hoje não. Hoje a mulher graças à leitura também liberou geral. Eram submissas. Lindas essas mulheres lendo

Vozes do feminino

Leitoras, Alunas, Estudantes, Filhas, Mães, Namoradas, Costureiras, Mulheres, Esposas, Divertidas, Humilhadas, Coordenadoras, Presidentes, Professoras, Diretoras, Professoras, Irmãs, Amigas, Louca, Pequenas, Bonitinha, Senhora, Caprichosa, Filhas, Menina, Mimada, Vaidosa, Sogra, Agricultoras, Namorada, Funcionaria, Criança, Grande, Pequena, Lavadeiras, Dona de casa, Avós, Artesã, Artista, Modelo, Sobrinha, Aprendiz, Idosas, Pobres, Ricas, Gurias, Mulheres, Senhoras, Bravas, Escritoras, Fêmeas, Letradas, Analfabetas, Cidadã, Maravilhosa, Submissa, Velha, Cuidadosa, Liberal, Linda.

Fonte: Dados da Pesquisadora

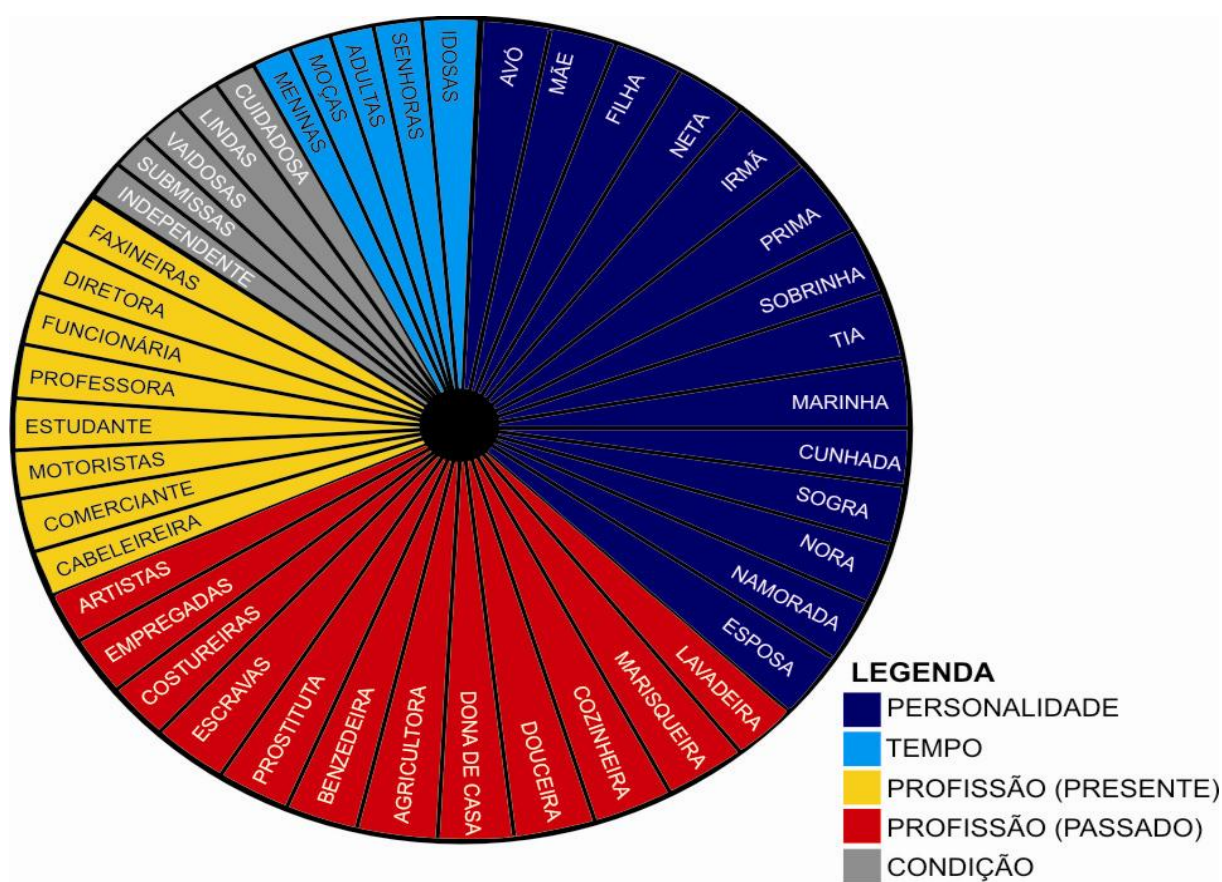


Figura 06 – Vozes do Social
Fonte: Dados da Pesquisadora

Acima, vê-se claramente os perfis de mãe, filha, neta, assim como também o perfil profissional e intelectual dessas mulheres.

Evidencia-se que tais consciências foram constituídas na cultura desse lugar a partir das relações que se estabeleceram entre o conjunto de totalidades vivenciadas ou experimentadas pelas pesquisadas ao longo da história.

Como afirmam a teoria do desenvolvimento e a teoria da personalidade de cunho existencialista, o homem nasce nada e se faz no mundo, nas relações, constituindo seu ser através da indução mediadora das elaborações reflexivas de suas experiências irrefletidas, escolhendo e se essencializando. Isso se dá sempre num plano coletivo, ou melhor dizendo, “não é em nenhum refúgio que o homem se descobre, mas sim na rua, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens” (SARTRE apud ROSA, 1996, p.51). O Existencialismo, conseqüentemente, é uma doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto. Assim como, “[...] uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda

verdade e toda ação humana implicam um meio e uma subjetividade humana”. (SARTRE, 1970, p. 209).

O que se observa nos relatos das entrevistadas são as relações de linguagem que se estabeleceram entre as mulheres do passado e as mulheres do presente. Reflexões essas que evidenciam a natureza social e não individual das variações reflexivas no discurso.

Investigando mais as narrativas depara-se com o lugar, a cidade, os bairros seus habitantes e um pouco de nostalgia, nas lembranças (consciências) dessas mulheres.

As consciências só existem por que são idéias sobre coisas, ambas constituem um fenômeno único, por isso estão indissoluvelmente ligadas. A fenomenologia existencialista busca captar a essência mesma das coisas, descrevendo a experiência tal como se processa, de modo que se atinja a realidade exatamente como ela é. [...] As coisas, são tais como o fenômeno as apresenta à nossa consciência. (PENHA, 1982, p.23).

Corroborando a tese da arte, Langer (1962) afirma que

Despontando do fulcro da existência humana, a arte consubstancia-se como experiência viva e direta onde cada indivíduo, nos processos de criação e de contemplação, experimenta com intensidade através de seus sentidos, de sua corporeidade e de sua reflexividade a expressão artística. A arte é um conhecimento marcado pela práxis que agrega, em seus modos de expressão, a idéia/pensamento e a prática/vivência (1962, p.98).

Conforme foi evidenciado no corpo da pesquisa, e comprovado na análise das narrativas, tanto no grupo A quanto no grupo B, a arte representa a vida, promove pensamentos, evoca reflexões, provoca consciências e enuncia atividades da linguagem. Marta Rocha no corpo de suas esculturas, traz à cena vozes do feminino, demonstradas na fala das mulheres pesquisadas.

8 CONCLUSÃO

Neste estudo, buscou-se verificar como as obras da artista araranguaense Marta Rocha mostraram-se desveladoras do tempo e do lugar. Para tanto, recorreu-se a apresentação de suas obras em três encontros com dois grupos de mulheres da cidade de Araranguá. Utilizaram-se os procedimentos da técnica de grupo e de análise da história oral.

Inicialmente refletiu-se a arte, destacando a necessidade do ser humano de criá-la. A arte surge como meio de vida, para que o mundo conheça seu próprio pensamento. A arte também pode se insurgir como divulgadora de crenças ou de outros, como estimuladora e promotora de fruição, prazer. É através da arte que o homem consegue se distanciar e se aproximar de si mesmo e dos outros. A arte anuncia vieses para exploração de novas formas de olhar e interpretar objetos e cenas. A arte pode ser criada e suscitar narrativas.

Constatou-se que diante as obras: ‘As lavadeiras’, “As marisqueiras” e “As leitoras”, todas as mulheres pesquisadas, tanto as do grupo A quanto do grupo B narraram histórias das suas vidas, de suas mães, e de suas avós, corroborando a hipótese de que a arte provoca e traz a cena a vida. Tal aspecto confirma a capacidade da arte de promover, provocar o imaginário, lembranças, do voltar a si e ao outro.

As narrativas destacaram que a vida está atenuada pelas múltiplas facetas da cultura, segundo a Psicologia Existencialista, o homem é produto da história ao mesmo tempo em que a produz. Portanto, a subjetividade em si mesma é tênue: ela é sempre um produto das relações sociais. Somente a partir do momento em que existe no mundo e estabelece relações com os outros que irão mediar suas relações com as coisas, com o tempo (passado, presente e futuro), e com seu próprio corpo é que o homem terá possibilidades de construir sua personalidade, de essencializar-se.

Diante dessas considerações, constatou-se que desde pequenas as meninas vão se tornando mulheres a partir da cultura atual estabelecida, se apropriando e atuando num campo de possibilidades que dificilmente lhes possibilitará entender a arte de ser mulher de outra forma. Como afirma Beauvoir (1980), as mulheres já nascem para ser mulher e vão se tornando essa identidade no conjunto da civilização responsável por elaborar esse produto.

A arte de Marta Rocha assumiu também o papel de linguagem no momento em que as narrativas das mulheres pesquisadas apontaram peculiaridades das vozes sociais do

feminino constituídas a partir da cultura araranguaense. Aparecem nos relatos suas crenças, valores, estruturas sociais, e, como Bakhtin afirma:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1995, p. 123).

Como foi destacado, neste estudo, ao longo do tempo, a arte assumiu funções diferenciadas, dependendo do contexto sócio cultural estabelecido. Ressaltou-se assim que a arte tem função catártica, pragmática, sintonizadora, cognitiva e função libertadora do eu. Tais aspectos foram também deflagrados como foi evidenciado nas leituras das narrativas.

Entende-se que, ao se estudar um artista local, lançar luzes sobre suas obras, torná-las objeto de estudo, pode-se também contribuir para um novo olhar que promova sua valorização.

Espera-se que esta pesquisa se torne um instrumento àqueles que pretendem conhecer mais sobre o contexto que a arte pode refletir, pois a arte é linguagem. Toda expressão artística pode ser entendida como um fenômeno expressivo, como linguagem específica: um fenômeno de forma que busca expressar uma vivência ou uma experiência em termos de harmonia ou de impacto, de cor ou movimento; de visualidade ou de sons dependendo da matéria que ela utiliza como expressão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. Teoria estética. Lisboa: Edições 70, 1993.

ALAMBERT, Z. Mulher, uma trajetória épica. São Paulo: Imesp, 1997.

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Marins Fontes 1992.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Marins Fontes 1995.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1980.

_____. O segundo sexo. Fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1980.

BENEDITO Nunes. No tempo da narrativa. São Paulo Editora Ática, 1989.

_____. Introdução à filosofia da arte. São Paulo Editora Ática, 1989.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte:Ed.UFMG,1998.

BERTOLINO, P. Ciência e Verdade. Florianópolis: UFSC, 1990. (Texto apresentado na Semana de Psicologia no Centro de Ciências Humanas).

_____. A personalidade: Psicologia Fenomenológica Existencialista. Florianópolis: NUCA Edições Independentes, 2003.

_____. O Imaginário: Psicologia Existencialista. Florianópolis: NUCA Edições Independentes, 2003.

_____. O processo da ciência. Florianópolis: NUCA Edições Independentes, 2003. Curso de Formação, Estudos e Atividades em Existencialismo.

BOLEN, Jean. As deusas e a mulher. Nova psicologia das mulheres. São Paulo: 2003.

BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo: Atica, 1986.

CAMPOS, Haroldo de. A arte no horizonte do provável. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASSIRER, Ernest. Ensaio sobre o homem. Introdução à filosofia da cultura humana. São Paulo, Martins Fontes. 1987.

_____. Linguagem e mito. São Paulo: Perspectiva. 1972

CASTRO D. J.; SCHNEIDER, D. Contribuições do Existencialismo Moderno a Psicologia Social Crítica. In: Cadernos de Psicologia. Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão lingüística. São Paulo: Edições Quiron. 4ª edição, 1986.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Atica. 1994.

DEL PRIORI, Mary. (org). Historia das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto 1997.

DUARTE JR. João Francisco. Por que arte – educação? Campinas: Páris, 1988.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

EHRLICH, Irene. Demarcação do Objeto. In: BERTOLINO, P. A personalidade. Florianópolis: NUCA Edições Independentes, 1996.

FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1993.

FRANCISCO, Paulo R. Psicologia Ciência e Objeto. In: cadernos de formação: A Personalidade. Florianópolis: NUCA edições independentes, 1998.

GOES, Maria Cecília. A natureza do desenvolvimento psicológico. Cadernos Cedes. No 24. Campinas: Papirus, 1991.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro. Ed.DP&A,1999.

HARVEY, David. Condição pos moderna. Uma pesquisa sobre as origens das mudanças culturais. São Paulo: Editora: Loyola, 2003.

HOBOLD, Paulo. A História de Araranguá. Complementada e Atualizada por Alexandre Rocha. Ed.Evangraf, 2005.

JAMESON, Fredric. As sementes do tempo. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Pós-modernismo. São Paulo: Atica,1995.

_____. As marcas do visível. São Paulo: Atica, 1996.

KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da escultura moderna. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

LANGER, Susanne K. Filosofia em nova Chave: São Paulo. Perspectiva, 1989.

_____. Filosofia em nova Chave São Paulo. Perspectiva, 1962.

LAPASSADE, Georges. Grupos, Organizações e Instituições. 8ª edição. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1989.

LEONE, Eder B. Possibilidades Para Uma Psicologia Científica. In: Cadernos de Psicologia. Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

LIMA, Luiz Costa. A literatura e o leitor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MEIHY, J. C. S. Manual de historia oral. 4ª ed. São Paulo: Loyola. 1996.

MEIHY, J. C. S. Manual de historia oral. São Paulo: Edusp, 2002.

NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das letras 1999.

_____. Genealogia da moral: uma polemica. São Paulo: Companhia das letras. 1999.

PENHA, J. da. O que e existencialismo. 12º Edição. São Paulo: Brasiliense. 1982.

RAUEN, Fabio. Roteiros de investigação científica. Tubarão: Editora UNISUL, 2006.

ROSA, Marisa de S. Thiago. Ambiente Familiar, Solidão, Falta de Perspectiva de Futuro. Porto Alegre, 1996. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, PUCRS.

SARTRE, J-P. O Ser e o Nada. Tradução Paulo Perdigão. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. O Existencialismo é um Humanismo. Tradução Virgílio Ferreira. 3 ed. Lisboa: Presença, 1970.

SCHNEIDER, D. R. Implicações da Ideologia Médico-Psiquiátrica na Educação. 1993. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

STRELOW, Milene. A Intervenção Clínica Viabilizada pela Psicologia Existencialista Moderna ou Sartreana. Blumenau: UFSC 2000.

VOESE, Ingo. Vozes sociais citadas e sobrepostas: a polifonia e a dialogia. Linguagem em Discurso, Tubarão, v. 05, n. 02, p. 357-386, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – Modelo da carta de acesso dos ouvintes

Araranguá 03 de dezembro de 2007

Os indivíduos abaixo assinados declaram para os devidos fins que cedem os direitos de suas entrevistas, gravadas no(s) dia (s) de Junho de 2007 e / ou 07 de julho de 2007 para que o Sra. Sandra Regina de Barros de Souza possa usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Dessa forma, autorizam o uso de terceiros para ouvi-las e usar citações, ficando vinculado o controle a Universidade do Sul de Santa Catarina, que tem sua guarda.

Abdicando de direitos seus e de seus descendentes, subscrevem a presente carta de cessão.

Nome	Assinatura